

REVISTA DO MINHO

DEDICADA AO ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Collaborada por todos os folk-loristas portuguezes e estrangeiros

Director: José da Silva Vieira

XX ANNO

PUBLICAÇÃO TRIMENSAL

EDITOR — MANOEL HOASSEN —

Comp. e impressão, Typ. Espozendense — Espozende

Redac. e adm. — Livraria Espozendense



ESPOZENDE

EMPRESA DA "REVISTA DO MINHO," EDITORA

1912

REVISTA DO MINHO

REVISTA DO MINHO

DEDICADA AO ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Collaborada por todos os folk-loristas portuguezes e estrangeiros

Director: José da Silva Vieira

XX ANNO

PUBLICAÇÃO QUINZINAL

EDITOR—MANOEL BOAVINHA

Comp. e impressão, Typ. Espozendense—Espozende

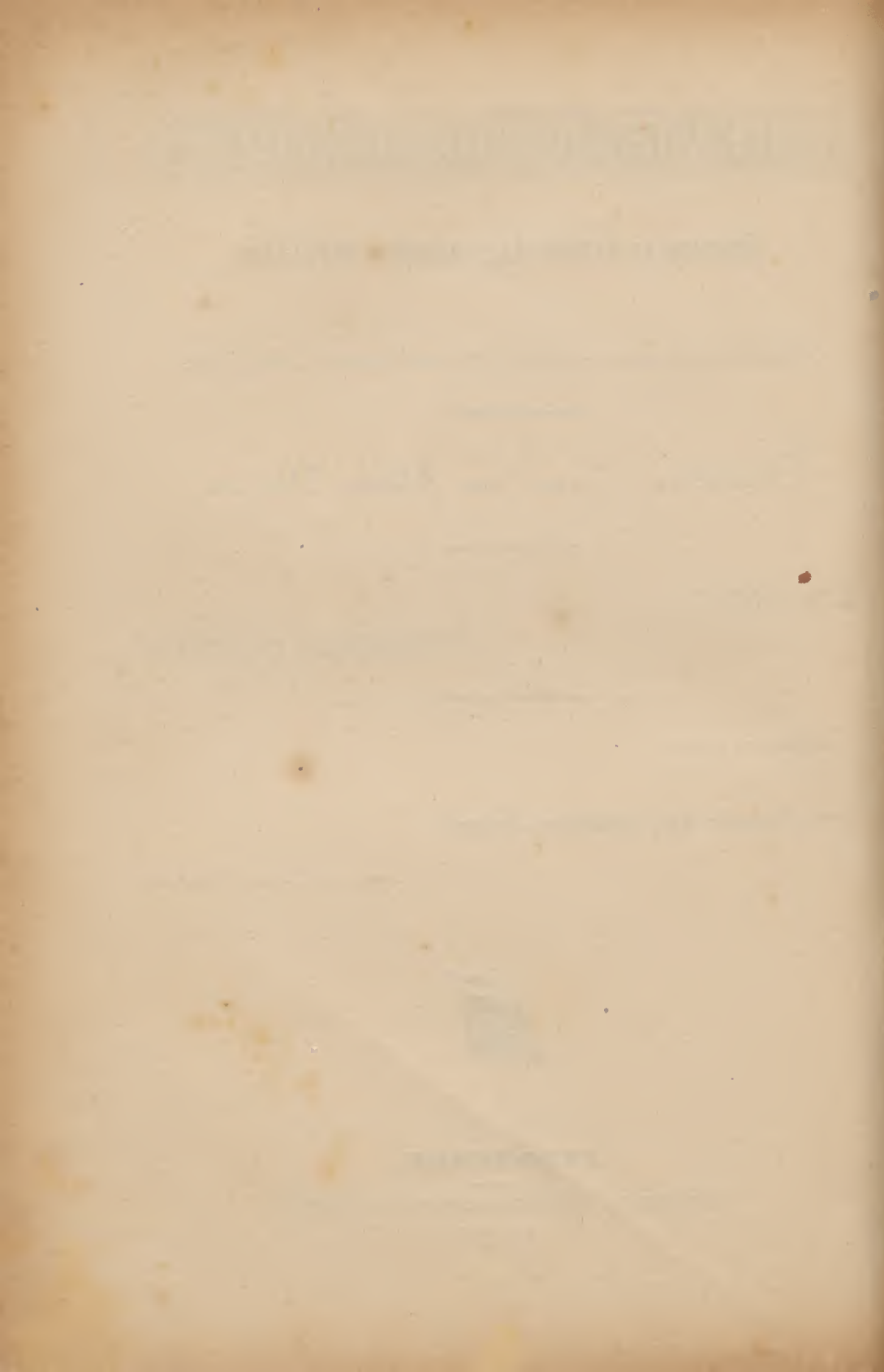
Redac. e adm.—Livraria Espozendense



ESPOZENDE

EMPRESA DA "REVISTA DO MINHO,"—EDITORA

1912





Melusina na fonte

Reinava antigamente na Albania hum Príncipe pouco conhecido dos historiadores, posto que seus infortúnios tivessem merecido ao menos huma lembrança. Elinas era o seu nome. Poderoso e respeitado, contava numerosos vassallos, brilhantes palacios e populosas cidades. Querendo observar tudo pessoalmente, visitava amiudadas vezes seus Estados. Hum dia em que segundo o seu costume, se achava entretido n'um dos seus reaes passeios, huma mensagem que lhe trouxera a toda a pressa o Príncipe Nathas, seu filho do primeiro matrimonio, o chamou á capital. A Rainha acabava de dar á luz tres Princezas, as mais bellas do mundo, ás quaes tinham posto os nomes de Melusina, Mélior, e Palatina. Em quanto o Monarcha corria a abraçar a sua nova próle, esqueceo-se da promessa solemne que á espósa fizera no momento do seu hymeneo, juramento fatal, que agora nos obriga a voltar a traz

para tomarmos o fio da historia.

Elinas, tendo perdido sua primeira mulher, buscava, no meio dos prazeres, distrahir a sua dôr. Huma manhã, emquanto se entregava ao exercicio da caça, seu divertimento valido, perdeo-se por entre as matas. Devorado d'ardente sêde, sua benigna estrella o guiou junto d'huma fonte, cuja agua corria serena e pura. Apenas pôz elle os pés nas suas bordas, que huma doce e melodiosa voz ferio seus ouvidos; parecia sahir do fundo da corrente. Elinas se inclinou sobre a fonte, esforçando-se por descobrir a causa d'aquelle rumor. De repente huma Senhora, bella como o dia, se aproximou d'elle com hum ar agradável. Surprehendido d'aquelle apparição o Rei d'Albania ficou hum instante immovel; depois, sahindo do seu espanto, dirigio á mysteriosa dama algumas palavras cheias de cortezia. Immediatamente hum pagem, tendo á mão hum cavallo ricamente ajac-

zado, se adiantou para Pressina (era o nome da bella desconhecida), e lhe disse: »Nobre Senhora, he tempo de partir, se quereis.« E sem mais demora, esta se despedio do Monarcha, e se ausentou com a rapidez do relampago.

Os encantos de Pressina tinham feito huma vivissima impressão no espirito d'Elinas para que assim a deixasse sem mais se informar d'ella. Por isso, despedindo os criados, que tinham conseguido alcançá-lo, entrou em busca da nova senhora de seus pensamentos. Não foi todavia sem trabalho que a tornou a encontrar no meio da floresta. »Bella Senhora, lhe disse elle assim que a alcançou, vos não podeis sem perigo continuar o vosso caminho a través d'estes bosques; a noite se aproxima, e estais ainda distante de povoado, Se consentis em retroceder, achareis perto d'aqui, no meu palacio, huma pousada commoda e segura. « Depois de numerosas sollicitações, Pressina aceitou o convite do Principe. A recepção foi das mais brilhantes, e a demora da bella hospeda se prolongou mais de huma noite. Elinas captivo das graças de Pressina, lhe declarou a sua amorosa paixão, e a joven Senhora consentio em lhe empenhar a sua fé; mas lhe impoz a condição de que seu espôso nunca tentaria visitá-la durante os seus partos. Pressina não lhe declarou as causas de semelhante condição; no entanto tudo foi promettido; e eis-aqui o juramento que hum funesto desvelo fez violar a Elinas.

Vendo entrar o Principe, Pressina não pôde conter a colera e a dôr: »Perjuro! exclamou ella mostrando-lhe suas tres filhas, he assim que guardas fielmente as tuas promessas? Tu soffrerás o castigo que mereces!«

Disse, e immediatamente desapareceu com a sua nova descendencia.

Impossivel será descrever a desesperação do Monarcha; huma doença de languidez se apoderou d'elle, e obrigou seus vassallos a conferir a coroa a seu filho: No entanto Pressina, com suas tres filhas, se havia retirado á ilha Perdida, assim chamada, porque ninguem podia descobri-la, ainda mesmo quando já tivesse estado n'ella.

Sem duvida já se tem adivinhado que Pressina era huma Fada, cujo mysterioso poder havia fascinado os olhos d'Elinas. Se ella temia ser vista durante os seus partos, era porque no nascimento das Fadas se observavão certas praticas mysteriosas que convinha encubrir aos olhos profanos.

As jovens Princezas, filhas d'Elinas e de Pressina, se conservarão na ilha Perdida até a idade de quinze annos. Sua mãe as conduzia todas as manhãs a huma alta montanha d'onde se descobria a Albania: depois lhes dizia, derramando lagrimas: »Minhas filhas, vêde aquelle bello paiz: vosso pai empunha o sceptro d'elle; e vós alli terieis vivido felizes se aquelle desgraçado Monarcha nunca houvesse perjurado.

Pressina tinha tão amiudadas vezes repetido estas palavras a suas filhas, que o desejo de saberem este acontecimento com individuação lhes veio occupar o pensamento. Melusina, a primogenita, conseguiu que tudo lhe fosse contado, e suas irmãs fôrão tambem d'isso instruidas. As jovens Princezas tratarão, desde aquelle momento, de vingar a affronta que sua mãe recebêra. Informarão-se dos caminhos que conduzião a Albania, e tendo-se ali transpor-

tado, roubarão Elinas e o encerrão, por meio d'hum encanto magico, no seio d'hum montanha chamada Brandelois. Depois voltarão a dar parte a Pressina da vingança que tinham tomado do Rei.

—Desgraçadas! de que crime vos tornasteis culpadas! exclamou a mãe debulhada em lagrimas; eu nunca deixei de amar vosso pai, ainda que elle houvesse trahido a sua promessa. Mas acaso vos pertenceria a vós o puni-lo? A ti, Melusina, accrescentou ella, a ti, que és a menos digna de perdão, por seres a primogenita, e que desinquietasteis tuas irmãs, te declaro que, para teu castigo, todos os sabbados te tornarás em serpente da cintura para baixo. Mas se encontrares alguém que te queira desposar, e te prometta de não te vêr n'esse dia, viverás e morrerás como outra qualquer mulher. Procederá de ti huma poderosa geração, que reinará sobre muitas nações. Todavia; se por desgraça teu marido violar o seu juramento, tu recahirás nas tuas primeiras angustias até ao dia de Juizo. Demais, a cada mudança de senhor d'hum fortaleza, que farás milagrosamente construir, tu apparecerás per espaço de tres dias, dando queixosos gemidos; e o mesmo farás quando fallecer hum homem de tua familia.

Pressina dirigio igualmente outras tão tristes predições a Mélior, e a Palatina. As tres irmãs deixarão sua mãe, tomando cada huma differente direcção. Melusina partio para as grandes florestas a encontrar-se com as fadas, e diz-se que depois adquirira huma tal superioridade nas sciencias sebrenaturaes, que seus prodigiosos conhecimentos assombrarão os Reis e seus vassallos.

Hum dia, depois de ter divagado na floresta Negra, e na das Ardennes, Melusina se havia adiantado até á de Colombiere no Poitou. Fatigada de correr, assentou-se junto d'hum fonte com muitas Fadas suas companheiras. Achava-se na mesma floresta hum joven illustre, chamado Raimondin terceiro filho do Conde de Forest, e sobrinho d'Aymeri, Conde de Poitiers. O mancebo derramava abundantes lagrimas, e corria como louco a través dos bosques, sem saber para que lado se dirigisse, porque acabava de matar por inadvertencia, correndo atraz d'hum furioso javali, a seu tio Aymeri no mesmo momento em que este, como grande astrologo, lia nos astros, que se hum subdito matasse o seu Soberano, o dito subdito viria a ser o chefe d'hum poderosa linhagem, que seria fallada até á vinda do anti-Christo.

Raimondin achava-se em frente da fonte junto da qual Melusina estava assentada. Aquella fonte era chamada pela gente do paiz a fonte das Fadas, nome que se mudou por corrupção no da Font-de-Sée, ou da sêde, que ainda hoje em dia conserva. Fazia-se tambem n'aquelle logar, no seculo 17.^o, pelo meiado de Maio, huma feira onde se vendião figuras de mulheres, especie de bonecas grotescas, que chamavão Merlusinas.

A filha de Pressina pegou no braço do desconsolado mancebo, e o procurou arrancar do seu estado de tristeza. Raimondin quíz dissimular seu nome e sua lamentavel aventura; mas grande foi a sua surpresa quando se ouviu nomear por seu nome pela dama desconhecida, que lhe contou todas as miudezas do seu recente infortunio. Raimondin

queria separar-se da branca e mimosa mão que o detinha, quando Melusina lhe disse: »Nada temais, e não penseis que eu seja hum fantasma, ou o effeito d'alguma conjuração diabolica. Tudo isto succede pela vontade do Eterno. Lembrai-vos de que o vosso Soberano poucos momentos antes de morrer, tinha lido nos astros toda a vossa historia.«

Raimondin, acreditando que Deus queria cumprir n'elle a profecia de seu tio, disse á dama que, hum vez que estava tão bem informada, sem duvida só ella podia tirá-lo de penosa situação em que se achava.

»Se fallais com sinceridade, replicou Melusina, podeis contar com a vossa elevação. Mas he preciso prometter-me que haveis de casar comigo logo que eu vos tiver tirado da anciedade que vos afflige.« O juramento custou pouco ao filho do Conde de Forest, porque a Princeza d'Albania exercia já sobre elle hum irresistivel ascendente, graças ao poder da sua arte. Comtudo Melusina não se havia esquecido de mencionar a condição do sabbado: Raimondin não buscou penetrar aquelle mysterio. Na sua volta ao castello do Conde de Poitiers, contou que seu tio Aymeri fôra ferido por hum furioso javali; e nenhuma suspeita houve, porque, diz o chronista, os recursos da sciencia magica vierão em socorro da mentira; e os funeraes do defuncto fôrão celebrados com toda a pompa imaginavel.

Em quanto se tratava, em Poitiers, de proclamar *Suzerano* (isto he, senhor do districto) o joven Bertrand, filho do Conde Aymeri, Raimondin havia tornado á floresta de Colombiere a reunir-se com a sua

bella amante. Julgai a sua surpresa quando vio junto da fonte da sêde, hum capella novamente construida, e n'hum sitio onde nunca existira edificio algum. Ali encontrou igualmente numeroso ajuntamento de damas e cavalheiros; e hum joven pagem o conduzio ao pavilhão onde o esperava a sua noiva.

Ao sahir d'hum sumptuoso banquete, Raimondin se despedio da dama. »Lembraí-vos, lhe disse então ella, quando os Barões estiverem reunidos para renderem homenagem a vosso primo Bertrand, de lhe pedir a posse do rochedo onde este pavilhão está construido, como tambem a d'hum espaço de terreno ao redor d'elle tão grande quanto puder abranger hum pelle de veado cortada em tiras.«

O rochedo foi concedido sem difficuldade, assim como o espaço designado; e as tiras d'hum couro de veado abrangirão em circuito hum extensão de duas leguas, com grande assombro dos espectadores, e grande alegria de Raimondin. O casamento do joven feudatario e da bella Melusina foi celebrado na capella milagrosa pelo capellão morto do Conde de Poitiers. Dedicou-se aquella capella a nossa Senhora; e o piedoso e ecclesiastico não esqueceu hum só exorcismo a fim de affugentar os espiritos malignos; tamanho era o temor que elle tinha de que a Igreja devesse a sua existencia a algum acto diabolico. Todos admirarão a graça, a belléza, e o talento da noiva, que sabião era filha do Rei d'Albania; circumstancia de muita alegria para a antiga casa de Poitiers, que temêra que Raimondin fizesse hum casamento desigual.

Os novos espôso virão correr

no seio da felicidade os primeiros annos da sua união. O cavalheiro de Forst e de Poitiers guardou esmeradamente a sua promessa; e Melusina pôde, todos os sabbados, esconder-se da vista dos mortaes. Raimondin fez construir sobre a famosa rocha huma fortaleza inexpugnável. Milhares d'obreiros se apresentarão com a mira de trabalharem na sua construcção; e a obra se adiantou com tanta presteza, que todos suspeitãrão ser effeito d'algum prodigio.

Celebrou-se huma festa pelo acabamento do edificio; os Condes de Forest e de Poitiers ali se apresentãrão, assim como huma multidão d'estrangeiros. Fallou-se muito de Melusina, e de sua extraordinaria sabedoria. O Conde de Poitiers tentou em vão, conversando com a sua formosa prima, arrancar-lhe alguns de seus segredos; porque esta evitava sempre com destreza os laços que lhe estavam armados. O nome de Lusineam foi dado á fortaleza; este nome formava o anagramma do da castellã; e significava, além d'isso, em lingua Albanesa, *causa maravilhosa*. Mais tarde, o nome de Lusineam se mudou nos de Lusignem e de Lusignam. Pouco a pouco algumas casas se erguerão em torno do castello: Lusignam tornou-se huma grande villa, e Raimondin não se chamou mais senão o Conde de Lusignam.

N'este meio tempo, Melusina deo á luz hum filho, que foi chamado Guy. Tinha este o corpo bem feito, mas seu rosto era largo, e suas orelhas prodigiosamente compridas.

O vaticinio de Pressina se cumpria, e o poder do Conde de Lusignem crescia todos os dias. N'huma jornada que fez á Bretanha por con-

selho de sua mulher, adquirio grande fama, e restabeleceo a honra de sua familia, que tinha que vingar huma antiga affronta. Augmentava seus estados por meio de conquistas, em que brilhava o seu valor. Na sua volta, occupou-se com Melusina na construcção de muitas cidades e fortalezas até ás fronteiras de Poitou e da Guyenne; Melle, Ponant, Pons, São Maxencio, e Rochella fôrão obras suas.

Todos os annos o nascimento d'um filho augmentava a descendencia dos dous espôsos. A Condessa tinha dado á luz a Odon, bello menino, que, por infelicidade, tinha huma orelha desmedidamente maior que a outra. Teve depois Urian, cujos olhos não estavam na mesma altura; Antonio, que tinha bellissimas feições, mas que trazia impressa na face huma garra de leão; Reinaldo que era torto dos olhos, mas que distinguia os objectos em distancias mui prodigiosas; Geoffroy, que foi appellidado *o do dente grande* porque tinha huma especie de preza de porco montez; Froimond, cujo nariz era cuberto de huma mancha felpuda; Raimond, e Thierry, que ambos tinhão tambem signaes particulares; e finalmente hum decimo filho, com tres olhos, mas de quem a historia não nos diz o nome.

Todos estes filhos crescerão e prosperarão apesar das enfermidades de que erão accommettidos. Guy e Urian partirão para a Terra Santa, onde adquirirão entre os valerosos huma grande fama de valentia; o primeiro succedeo na coroa de Chypre, e o segundo subio ao throno da Armenia. Odon veio a ser Conde de la Marche; Antonio foi eleito Duque de Luxemburgo; e Reinaldo, Rei de Bohemia. Quanto a Geoffroy,

era elle o mais intratavel batalhador que se tinha encontrado. Ainda no berço causou a morte de muitas animas pela violencia com que marnava, e aos sete annos matou hum dos seus escudeiros. Froimond foi hum homem virtuoso, que tomou o habito de frade na abbadia de Mailleres, no Poitou. Geoffroy, que não gostava senão do exercicio das armas, concebeo huma violenta raiva pela devota determinação de seu irmão; e, para d'elle se vingar, lançou fogo á abbadia. Froimonde conseguiu escapar ás chammas, mas a maior parte dos religiosos morrêrão.

Quando Raimondin soube esta triste noticia, achava-se em Marmande, tendo deixado Melusina em Niort, occupada na construcção de duas bellas torres que ainda hoje ali se admirão. O infeliz pai recusou dar credito á barbara acção de seu filho, e transportou-se, a Mailleres para conhecer a realidade d'aquelle crime. Em frente das ruinas do convento, o Conde de Lusignan começou a recordar-se de todos os extraordinarios acontecimentos que havião precedido a sua união; dos singulares signaes que todos os seus filhos tinhão trazido quando nascêrão; e começou a duvidar de que a Condessa fosse huma mulher ordinaria. A promessa, que exigira de nunca ser vista no sabbado, veio tambem augmentar suas suspeitas. Hum dia o Conde de Forest, seu irmão, lhe fallou d'esta maneira: »Devo dizer-te que correm, a respeito de tua mulher, boatos os mais injuriosos para a tua honra; huns sustentão que ella vai passar todos os sabbados na companhia d'hum gentil castellão, em quanto outros affirmão que he hum espirito infernal

que, n'aquelle dia, faz penitencia.« O espôso de Melusina, furioso, lançou mão da espada, e, esquecendo suas promessas, dirigio-se para o lugar onde sabia que sua mulher tinha o costume de se retirar nos dias mysteriosos. Era justamente hum sabbado. No fundo de hum quarto escuro, onde nunca tinha entrado, o Conde descubrio huma enorme porta de ferro, que de balde se esforçou para abrir. Depois de mil inuteis tentativas, Raimondin conseguiu fazer hum buraco, e eis aqui o que viu.

Havia ali huma larga tina de marmore em que huma mulher nua se banhava, e se escondia dentro da agua ate á cintura; seus cabellos estavam sôltos, e tinha hum pente na mão. A parte inferior de sua pessoa terminava n'huma longa cauda de serpente, cuja extremidade se movia com tanta força, que fazia saltar a agua até ao tecto. Quanto se arrependeo o Conde da sua curiosidade ao vêr o triste estado de sua espôsa! Fugio immediatamente, e, injusto na sua desesperação, empunhando a espada, expulsou seu irmão, cujo conselho causara o seu infortunio. A' meia noite, hora em que acabava a transformação de Melusina, veio esta reunir-se a Raimondin, mas ao romper o dia desapareceo. Fôra de si mesmo, o senhor de Lusignan correo atraz d'ella, e a tornou a achar em hum pequeno gabinete visinho, estendida por terra, tendo as feições contrahidas, e que indicavão estar sofrendo as mais pungentes angustias. Raimondin desfez-se em lagrimas, e quiz levantar a sua querida espôsa: »Não te he mais permitido tocar-me, exclamou ella; e eu já não posso d'aqui em diante viver contigo.

Violaste a tua promessa, e este perjurio me sujeita a sofrimentos que não terão fim senão no dia do Juizo universal. « Acabando de fallar d'este modo, moveo-se, lançando gritos horribes, e depois proferio de novo estas palavras: »Raimondin, o céu quer que antes da minha partida te annuncie o teu destino: sabe que depois de ti ninguem gosará de paz nos teus dominios; teus herdeiros sustentarão terriveis guerras; e só Geoffroy, vindo a ser o mais valente dos homens, me virá da affronta que me fizesteis sofrer. « Depois voltando-se para a assemblea dos Senhores: » Bem sabeis, lhes disse, que meu ultimo filho tem tres olhos; sua fatalidade he de destruir tudo quanto eu edifiquei; em razão d'isto matai-o logo que eu tiver deixado estes logares. « Apenas acabára esta recommendação, notáram que o seu rosto se alongava, que sua pelle se tornava dura, e que seus braços tomavão a fórma de azas. Melusina levantou do estrado onde estava estendida, e se escapou por huma janella. Virão então sahir huma serpente alada, que tres vezes dêo volta ao castello, e depois desapareceu nos ares.

Depois das suas desgraças, Melusina escolheu para seu retiro as famosas cavernas de Sassenege, huma das sete maravilhas do Delfinado. D'ali faz ouvir seus gritos queixosos quando morre algum Lusignam e todas as vezes que a fortaleza muda de Governador; gritos célebres, que se tornarão proverbiaes, e que muitas vezes, para caracterisar gritos agudos, se chamão os gritos de Melusina. As armas de Lusignan tomáram, em memoria d'aquelle estranho acontecimento,

faxas de prata e azul, sustentadas por duas Melusinas.

(ALFREDO MAURY.)



HUM FERREIRO DA IDADE MÉDIA

Quanto erão simples e muitas vezes singulares e bellas as historias do tempo antigo! quantas commoções causavão, quando á noite, ao serão, os charlatães, poetas, e trovadores Provençaes as contavão ás castellãs junto do grande fogão da casa! Recordaremos nós aqui a lembrança d'uma antiga tradição, que, na idade média, correo o mundo inteiro? Contaremos as aventuras de Veland, de Veland, o ferreiro maravilhoso? Ellas ahi vão; e eis aqui a tradição, tal qual se acha no *Edda*, a mythologia dos Escandinavos.

Niduth, Rei da Suecia, habitava tranquillamente no seu palacio, com dous filhos e huma filha, Baudvilde, joven e bella menina, que fazia as delicias da côrte de seu pai. N'aquelle tempo vivião tres irmãos, filhos d'hum Rei de Filandia; e os seus nomes erão - Slagfid, Egil, e Veland. Andando á caça, chegarão estes a Usdal, e ali pousarão junto d'hum lago chamado o lago dos Ursos.

Huma manhã descobrirão á borda do lago tres Valkyries; e todas tres, como fossem tres cysnes. (As Valkyries, especie de fadas, appareção de dia em figura de cysnes; e podião largar aquella figura, que, segundo as idéas dos Escandinavos,

nada mais era que hum vestido com que se cubrião, e depois se mostravão em figura humana). Duas das Valkyries, Svanvita e Alvita, erão filhas do Rei Laudver; a terceira era Alruna, filha de Kiare.

As jovens donzellas tinham voado do meio-dia, pela sombria floresta, e vinhão procurar fortuna; e ali, á borda do lago, as tres jovens donzellas do Meio-dia se puzerão a fiar excellentemente linho. Huma d'ellas apertou sobre o seu coração o engraçado Égil, a outra a Slagfid, que tinha louros cabellos; a terceira, sua irmã, enlaçou em seus braços Véland, que tinha hum peito branco como alabastro.

Picarão ali durante sete invernos, prêsas pelo amor; mas no oitavo anno foi-lhes mister separar-se, e quizerão voltar á sombria floresta do Meio-dia.

Slagfid e Égil partirão atraz d'ellas, e só Véland, que era hum habil artifice, ficou em Usdal. Forjou ouro vermelho para com elle fazer joias; fabricou anneis, e os enfiou n'hum ramo de vime, á espera da sua bella e voluvel espôsa, no caso de voltar outra vez.

O Rei Niduth, informado da estada de Véland, enviou contra elle os seus *gens d'armes*. Estes penetrarão na habitação do artista; e ali virão os anneis, em numero de setecentos, que pertencião ao ferreiro.

Deixarão-os todos, á excepção d'hum, que guardarão.

Entre tanto Véland, que era habil frêcheiro, voltou da caça seguindo a longa vereda dos bosques. Pôz a assar carne d'urso em brasas de lenha de pinho que o vento accendia. Então, sentado sobre os restos do urso, Véland contou os anneis. Faltava-lhe hum d'elles, e disse

consigo: foi Alvita que o tirou, e de certo está aqui: mas de balde a esperou.

Á noite muitos homens se apoderarão de Véland, e lhe atarão as mãos e os pés. Niduth o accusava de lhe ter roubado o seu ouro. O anel, que elle mandára furtar do ramo de vime em casa de Véland, dêo-o a sua filha Baudvilde, emquanto sua mulher estava cantando.

»Véland se enraivece, reconhecendo o anel no dedo de Baudvilde; e seus olhos se tornão de fogo como os d'hum áspide. Houve medo d'elle, e lhe cortarão os tendões das curvas das pernas.»

Sendo isto immediatamente executado logo o desterrarão para hum pequena ilha, a alguma distancia da praia.

Véland premeditou sem demora hum vingança contra Niduth. Os dous filhos d'aquelle Rei o forão visitar; mas elle lhes cortou as cabeças, cubrio-lhes os craneos de prata, e os enviou a Niduth. Dos olhos fez pedras preciosas, que mandou de presente á mulher do Rei; e de seus dentes fez perolas para hum colar, que remetteo a Baudvilde.

Como esta porém quebrasse o anel, o levou ao infeliz Véland. Eu o concertarei, respondeo o operario, e de maneira que o teu anel pareça ainda mais bello ao teu pai, e mais brilhante a tua mãe; tu mesma o has de achar mais bonito.

Embragou Baudvilde com hum bebida soporifera (porque sabia muitas cousas) depois fez d'ella o que quiz.

E Véland cantou: «Pois que agora já estou vingado de toda a tristeza que tenho tido, quero andar com os pés de que me privou Niduth. «E dando hum risada, se ele-

vou aos ares, e depois vôu sobre a mais alta torre, gritando com toda a sua força: Niduth! Niduth!

O Rei sahio de repente, dizendo: Véland, tu te tornaste passaro? que projecto é o teu?»

»Eu vou-me embora, e não me tornarás a vêr, respondeo o artista; mas, antes de partir, quero revelar-te alguns importantes segredos.

»He de mister que me jures pelos bordos do navio, pelo circulo do broquel, pelo freio do cavallo, e pelo côrte do alfange, que não atormentarás a mulher de Véland, e que não matarás a minha amada, porque tenho huma esposa que tu conheces, e hum filho em teu palacio.

»Aproxima-te da officina que tu mesmo descobriste; e ali acharás o tolle banhado de sangue. Cortei a cabeça de teus filhos, e escondi os seus despojos em hum pantano dentro da minha prisão. Guarneci de prata seus craneos, que huma espésa madeixa encubria, para t'os enviar a ti, Niduth; de seus olhos fiz saphiras para dar a tua perversa mulher; de seus dentes talhei perolas para o collar de Baudvilde, e remetti-lh'os. Além d'isto, Baudvild, tua filha unica, será mãe d'aqui a alguns mezes».

Niduth tremeo de raiva e de furor. Véland surriu-se e elevou-se aos ares.

«Levanta-te, Takard, meu melhor amigo, exclamou Niduth; pede a Baudvilde, a minha filha das pestanas loiras, que venha, com toda a riqueza de seus enfeites, conversar com seu enfeliz pai.

»He verdade, Baudvilde, quanto elle me disse (Ihe perguntou o Rei)? Tu e Veland estiveste sentados

juntos na ilha?»

—O que elle te disse he verdade, respondeo Baudvilde; estive na ilha sentada com Véland. Ah! se tão desgraçado momento nunca houvesse existido! Nada pude contra elle, não pude defender-me!

Taes são, conforme as antigas *sagas* dos Escandinavos, as primeiras aventuras poetisadas de Véland, que precederão a sua vida de ferreiro. Nada mais terrivel que as armaduras e excellentes espadas que elle forjou ao depois. Conta-se que Véland, na côrte d'hum Rei do Jutland, excitára contra si a inveja do ferreiro do Principe; aquelle ferreiro sustentou que fabricava tão bem as suas obras como o estrangeiro Véland; e quiz entrar em concorrência com elle debaixo das condições seguintes: »Fabrica, disse elle a Véland, a melhor espada que puderes; eu, farei hum elmo e huma couraça. Se acontecer que a tua espada fenda a minha armadura, a minha cabeça será immediatamente tua; e se, ao contrario, a minha armadura resistir, perderás a vida. D'aqui a hum anno faremos a experiencia das nossas obras.»

Entre tanto tendo chegado o dia em que Amilias, o ferreiro do Rei, e Véland, devião experimentar as suas armas, o primeiro se vestio com a armadura que havia feito, e sahio. Todos que o encontrarão ficarão cheios d'admiração, e confessarão que se não podia vêr huma obra mais bella. Amilias ficou lisongeado com aquelle elogio. Orgulhoso de possuir huma armadura tão magnifica, penetrou na liça, onde chegarão Véland, e os Senhores da côrte. Véland, armado da sua espada, aproximou-se d'Amilias, tocou o elmo com o côrte da folha, e per-

guntou ao seu rival se sentia a sua espada: »Fere sem temor, respondeu Amílias; e desengana-te de que já-mais poderás fazer móssa na minha forte armadura.«

Véland encostou sua espada ao elmo, e o cortou; depois apertando com a folha, fendeo a couraça; e antes que Amílias o pudesse esperar, a espada o abrio de meio a meio, e cahio sobre a arêa partido em dous. A multidão exclamou que a sorte d'Amílias era huma prova evidente de que hum homem pôde estar mui proximo da sua quêda no mesmo momento em que ostenta mais orgulho.

Era na montanha chamada Kallowa, montanha habitada por anões, habeis ferreiros, que Véland aprendêra a temperar e polir o ferro. Algumas curiosas observações se podem agora aqui fazer acerca das crenças dos povos do Meio dia e do Norte da Europa, e vem a ser: que, nas épochas antigas, o povo Italiano figurava os Cyclopes, ferreiros das cavernas do monte Etna, como homens d'hum talhe gigantesco; em quanto os Escandinavos presumião que os ferreiros do monte Kallowa erã todos anões; e que nas poesias e romances cavalleirescos do Norte, os anões têm sempre occupado hum grande logar; e, como bichinhos nascidos d'Ymer, erã admittidos e celebrados no *Edda*.

Na idade media, os anões erã acolhidos nos palacios; conservãvã-se acocorados em cima do estrado, como os galgos aos pés de seus donos; e quanto mais hum anão era disforme, tanto mais era procurado, mais caro o pagavão, e maior preço tinha aos olhos dos nobres; porque elle provocava então as gargalhadas da assemblea, a quem

divertia com mil peloticas executadas d'huma maneira extravagante, com mil saltos, e mil contorsões. Todas as castellãs tinhão um anão, como agora têm hum macaquinho ou huma cadellinha; comtudo as damas, e senhoras solteiras utilisavã-se algumas vezes da maliciosa intelligencia do seu anão; e quando lhe confiavão mensagens amorosas, tê-lo-hieis visto lançar-se sobre hum cavallinho, e transportar-se furtivamente d'uma casa a outra, sem seu senhor o saber. Era tambem o anão quem tinha a inspecção dos jogos *de dados*; e era eminente em descubrir as fraudes que fazião os pagens, escudeiros ou barões, quando jogavão as tabolas, o xadrez, ao azar, ou outros jogos muito em uso nos castellos. Os anões povoavão então os castellos, e na maior parte dos contos e poesias em quasi todos os romances de cavallaria, os galhofeiros e antigos poetas Provençaes que reproduzião os usos e costumes da época em que escrevião, não se esquecerão de fazer representar aos anões hum grande papel nos divertimentos caseiros. Os romancistas fazem gôsto em descrever as estranhas fôrmas dos anões; comprazem-se em lhes dar hum aspecto risivel ou repugnante; e para não citarmos senão hum exemplo d'isso, escolheremos o anão que apparece na corte d'Artus: — É n quanto o Rei e a Rainha estavão em Logres, foi vista huma Senhora que trazia sobre o arção da sella hum anão, o mais feio e o mais contrafeito que nunca se víra; porque tinha o nariz rombo; as sobrancelhas longas e todas enroscadas; a barba russa e negra, e tão comprida que lhe chegava até aos pés; os cabellos densos e compridos; os hombros

altos e curvados: huma corcova nas costas, e outra no peito; e tinha em fim as mãos grossas, os dedos curtos, as pernas curtas, e mui longa a espinha dorsal.»

Aquelles entezinhos, de figuras grotescas, tinham por tanto ensinado a Véland, seu alumno, a arte de forjar perfeitamente armaduras; e erão estas tão maravilhosas e de tão boa tempera, que n'hum poema Anglo-Saxonio do 18.^o seculo, o dom mais precioso que faz hum heroe a seu companheiro d'armas, he de lhe legar huma armadura tirada das officinas de Véland. Diz assim:

»Envia a Higelak, se eu succumbir no combate, o melhor vestido de batalha que cobre o meu peito, e a mais bella das minhas armaduras; porque he a herança do valoroso, e a obra de Véland.»

A reputação que Véland gosava em França como artista, tornou-se proverbial. Não ha ali hum só romance de cavallaria, do qual os heroes sejam Francos, que não celebre a bondade das armaduras ou das espadas forjadas por Véland, o inimitavel ferreiro. No romance de *Ferrabras d'Alexandria* está expresso que aquelle Sarraceno possuia tres espadas: Plorança, Bautismo, e Garbano. A este proposito, accrescentou o author: »Dir-vos-hei a verdade quanto aos que as forjão. Fôrão tres irmãos, que se chamavão Hanisard, Munificans, e Véland, O primeiro fez Plorança e Garbano, e levou doze annos a apurá-las; Munificans fez Durandal para Roldão, e Courtain, com a qual Ogier, o Dinamarquez, dêo muitos golpes. Finalmente Véland fabricou Flamberge, espada de Reinaldo, e Joyosa, que Carlos Magno

teve muito tempo em grande apreço.« O Rei de Nubia no romance do *Cavalleiro do Cysne*, diz ao Sultão: »Rogo a Mahomet e ao teu deus Tervagante que te preservem este anno de maiores perdas; porque todos aquelles Christãos são valorosissimos, e quando estão armados de cótas de malha e d'espadas núas da forja de Véland, que cortão mais que hum cutélo, nenhum d'elles, ainda estando só, fugiria diante de trinta dos nossos Turcos.« Em fim, no romance de *Doolin de Moguncia*, falla-se da Maravilhosa, espada de Doolin; e o romancista se exprime d'esta maneira: »Aquella espada Maravilhosa tinha sido feita na forja de Véland; e huma fada, sem mentira, a aguçou e afiou; mas Véland não a fez, porque foi hum seu aprendiz; e aqui agora he que convem fallar n'isso. Quando a espada de Doolin foi forjada e amolada, e que a mãe de Véland resou suas orações sobre ella, e a exorcismou longamente, foi pô-la em cima d'hum grande trempe, com o córte para baixo, e depois deixou-a ali. Quando voltou no outro dia de manhã, achou-a com o córte para cima, e vendo que tinha cortado a trempe, disse: »Pela minha vida, quero que tenhas o nome de Maravilhosa, porque será grande maravilha a tua maneira de cortar.«

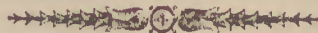
N'hum valle de Berkshire, em Inglaterra, na baixa da collina do Cavallo-Branco (White-Horse, e no meio das pedras brutas encravadas na terra, habitava antigamente, segundo a tradição, o ferreiro Véland; ninguem o via, mas obtinha-se o seu soccorro quando se desejava. Quando era mister ferrar hum cavallo, bastava deixá-lo entre as pedras, e pôr sobre huma d'ellas certa moeda.

Passado algum tempo achava-se o cavallo ferrado, e a moeda levantada. Walter Scott tirou partido d'este conto no seu romance do *Kenilworth*, onde faz de Vélând huma personagem viva, que gosa a celebridade de seu invisível antecessor. As pedras brutas que se achão, ou que se achavão disseminadas no valle do Cavallo-Branco, tinhão sido erigidas pela mão dos homens, e erão d'esses monumentos druidicos taes como se encontrão em muitas partes da Grã-Bretanha. Faltão-nos os documentos que possão mostrar como o conto Escandinavo de Vélând foi transportado para Inglaterra; talvez alguns Dinamarquezes, na época de suas formidaveis invasões, ali popularisassem este conto, e depois ali introduzissem o proprio heroe d'elle. Quanto ás pedras brutas do valle do Cavallo-Branco, como tivessem alguma cousa de mysteriosas, applicarão-lhe a historia do ferreiro.

As tradições Alemãs ácerca de Vélând estabelecem algumas vezes nas suas forjas no Caucaso. Foi por hum capricho dos poetas que recaiò a escòlha no monte Caucaso para a officina de Vélând, ou talvez foi por acaso, como o conjectura M. Depping; porque o Caucaso era célebre pelas armaduras que ali fabricavão os povos montanhezes. As cotas de malha, os elmos, e as espadas dos Georgianos, e dos outros povos do Caucaso, são justamente celebres. Ha n'aquellas montanhas huma tribu isolada, e composta de mil e duzentas familias que se avantajão na fabricação das armas; chamão-lhes Couvetchis. Os Couvetchis guardão o seu territorio contra os estrangeiros, e não vendem os productos de suas manufacturas

senão n'huma aldêa situada na extremidade do seu valle. E o que prova que sua habilidade na fabricação das armas data de longe, he que elles offerecêrão armaduras do suas officinas a Timur, durante a sua passagem a través do Caucaso, em 1396. Talvez a fama d'aquelles armeiros chegasse, na idade média, até á Europa, e ella terá dado logar a contos, que têem sido, sem duvida, confundidos com os que os Escandinavos narravão a respeito de Vélând.

Em resumo, pôde-se dizer que a historia de Vélând foi antigamente conhecida, não só entre todos os povos da Europa, mas que penetrou até na Asia, entre os Arabes e os Indios.



PROVERBIOS E CONSELHOS

Amôr não tem lei.



Este mundo é uma bola; tanto anda como desanda.



Morra um homem, mas fique fama.



Ninguem vá onde não é chamado.



A's horas de comer, sempre o diabo traz mais um.



Cada doido com a sua mania.



Onde não ha, el-rei perde.
(Dos *Écos d' Avenida*, de Lisboa.)

FOLHINHA POPULAR

(DISTRITO DE VIANA-DO-CASTELO)

—*—

No presente artigo, e noutro ou noutros que se lhe seguirão, reúno ditados que o povo dêste distrito usa e que para assim dizer constituem a sua «folhinha».

Os ditados, claro, são na maior parte, senão na totalidade, de uso geral no país, e até fora dele,—mas creio útil registar as variantes regionais, colhendo-as directamente do povo que a seu modo as formulou.

Indico as terras das pessoas que me referiram os ditados—e aquêles que essa indicação não levam foram colhidos nesta cidade—, e isto segundo meu costume porque entendo que em assuntos desta natureza todo o escrúpulo é pouco e toda a exactidão se impõe. Não fôsse alguém julgar que tal indicação era para localizar o uso dos ditados!

*

* *

Janeiro

I.—Calça branca em Janeiro
é sinal de pouco dinheiro.

De uso geral. Regista-o o sr. A. Tomás Pires na *Revista Lusitana*, II, pág. 124.

A par dele corre:

A) Chapéu de palha em Janeiro
é sinal de pouco dinheiro.

Cfr. em espanhol:

Tafetán en Enero
és señal de poco dinero.

Ditado êste que se pode ver, por exemplo, em *el Año en la mano*, almanaque-enciclopedia (Barcelona) para 1908; pág. 20.

*

2.—Janeiro fora,
uma hora,
e quem bem souber contar
hora e meia lhe há de achar.

Ou:

B) Janeiro fora,
mais uma hora;
quem bem souber contar
hora e meia lhe há de achar.

Cfr. os ditados que o sr. A. T. Pires registou (*Rev. Lus.* II, pág. 121):

C) Janeiro fora
mais uma hora.

D) Janeiro
tem uma hora por isteiro.

Em Ancora (Caminha) diz-se:

Dd) Janeiro fora
uma hora.

*

3.—Não há luar como o de Janeiro
nem amor como o primeiro.

VARIANTE:

d) Não há luar como em Janeiro
nem amor como o primeiro

(Monção)

4.—O luar de Janeiro
alumia como o candieiro.

[Beiral (Ponte-do-Lima)]

- 5.—Luar de Janeiro
 não tem parceiro
 mas vem aí o de Agosto
 que lhe dá no rosto.

VARIANTE:

- E) Luar de Janeiro
 é o primeiro,
 mas lá vem o de Agosto
 que lhe dá pelo rosto
 [Areosa (Viana).

Cfr. a variante que menciona o
 sr. A. T. Pires (*Rev. Lus.* II, pág.
 123):

- F) Luar de Janeiro
 não tem parceiro,
 mas lá virá o de Agosto
 que lhe dará pelo rosto.

E o espanhol, já citado pelo
 mesmo:

Clara es la luna de Agosto,
 Si la de Enero no le diese en rostro.

Fevereiro

- 6—O primeiro a bôca to dirá,
 o segundo guardarás,
 e o terceiro irás a S. Brás.

[Ancora]

Alusão aos três primeiros dias de
 fevereiro: dia de jejum, dia-santo,
 dia de S. Brás.

Também corre:

- G) O primeiro jejuarás
 o segundo guardarás,
 e o terceiro irás a S. Brás.

Esta variante, menciona-a o sr.
 A. T. Pires, no seu artigo da *Rev.
 Lus.* (II ano: «Calendário rústico») ao qual me refiro ameúde no decorrer desta exposição.

*

- 7—Quando a Candelória chora
 está o inverno fora;
 quando rir
 está o inverno p'ra vir.

[Ancora]

VARIANTE:

- H) Quando a Candelora chora
 está o inverno fora;
 quando a Candelora rir
 está o inverno por vir.

[Areosa (Viana)]

Candelória e Candelora por influência de *chora*.

O sr. A. Tomás Pires, no seu artigo da *Rev. Lus.* apontada, inclui variantes, um ditado correspondente em italiano e este andaluz:

Quando la Candelaria plora
 Imbierno fera.

Cfr. mais este, em castelhano, citado no almanaque a que me referi acima:

Por la Candelera,
 está el invierno fuera;
 si nevó ó quiere nevar,
 el invierno por pasar.

*

- 8—Já fevereiro quiere ser mês.

Equivalente a: «já a formiga tem catarro».

*

- 9—Fevereiro geoso
 faz o ano formoso.

[Correlhã (Ponte-do-Lima)]

Cfr. *Rev. Lus.* II, pág. 122: 16).

*

10—S. Matias
antes de Março cinco dias.
[Perre (Viana)]

Cfr. o ditado que cita o sr. A. T. Pires:

l) Pelo S. Matias
antes de Março cinco dias
salta a boga na cascalheira.

*

11—Lá vem fevereiro
com seus 28,
se dura mais 4
não ficava cão nem gato.
[Monção]

*

12—Fevereiro quente
traz o diabo no ventre.

É assim que por aqui se diz, e noutras terras da província [Alvarães (Viana), Monção...]. O sr. T. Pires menciona [pág. 123; 21]:

J) Janeiro quente
traz o diabo no ventre

a par dêste andaluz:

Enero caliente
Er diablo trae en er biente.

E ainda (na pág. 138):

j) Outubro quente
traz o demo no ventre.

*

13—Rabo de fevereiro
e princípio de março
leva couro e peloço.
[Beiral (Ponte-do-Lima)]

VARIANTES:

Jj) Rabo de Fevereiro
e cabeça de Março
leva pêlo e peloço.
(Darque (Viana))

jj) Março
às vezes leva a pele e o peloço.
(Ancora)

Uma môça da Correlhã (Ponte-do-Lima) disse: «Dizia o fevereiro por se queixarem de ser frio: deixa estar, que»

L)—Iá vem o meu irmão março
que leva pêlo, pelinho e peloço».

Março

14—Em Março
espigaço.
[Beiral (Ponte-do-Lima)]

Espigaço—explicou a camponeza—é «espigo de trigo».

*

15—Março
iguauço.
[Ancora]

Quere dizer: igualam-se os dias e as noites.

Cfr. em espanhol:

M) Marzo
igual
e o ditado:

N) Por S. Matias
as noites iguais aos dias.

Êstes dois, cita-os o sr. A. T. Pires. O último é paralelo ao espanhol:

Por San Matias
igualala la noche con el día.

Em vez de *iguazo* ouve-se muitas vezes *iguarço* por influência de *março*:

O) Março
iguarço.

*

16—De Março para Abril
não há que rir.

VARIANTE:

oo) De maio para Abril
pouco vai que rir.

Cfr. (citado pelo sr. A. T. Pires):

De Maio a Abril
não há muito que pedir.

*

17—Em Março
ondequer eu passo.

Ondequer (invariável) = em qualquer parte. *Ondequer encontrarás abrigo. Os cães urinam ondequer.*

*

18—Março
queima as damas em palácio.

VARIANTE:

P) Sol de Março
queima a dama no palácio.

[Monção]

Cfr.:

Q) Sol de Março
queima a dama no paço,

citado pelo sr. A. T. Pires.

Abril

19—Em Abril
águas mil.
Ou:

Abril,
águas mil.

Cfr. em espanhol (vid. almanaque citado, p. 46):

En Abril
águas mil.

Também correm est'outros (citados já pelo sr. A. T. Pires):

R) Em Abril,
águas mil
coadas por um funil.

[Areosa (Viana)]

S) Em Abril
águas mil
coadas por um mandil.

[Monção]

*

20—Em Abril
chega o frio ao ril.

[Perre (Viana)]

Ril = *Rim*. Vid. meu artigo na *Revista Lusitana*, XV.

*

21—Em Abril
a raposa sai do covil.

Maió

22—Em Maio
cerejas ao lume.

[Beiral (Ponte-do-Lima)]

VARIANTES:

T) Em Maio
comem-se as cerejas ao borralho.

[Monção]

Cfr. o mencionado pelo sr. A.
T. Pires:

Em Maio
come as cerejas ao borralho.

Tt) Em maio
comem-se as cerejas ao lume.

[Ancora]

*

23—Fraco é o Maio
que não rompe uma coroa.

[Monção]

Em vez de *coroa*: *croça e caro-*
ça, noutras partes.

VARIANTE:

t) Fraco é o Maio
que não rompe duas carochas.

[Correlhã (Ponte-do-Lima)]

*

24—Em Maio
bebe o boi ao arado.

[Monção]

25—Em Maio
para o ano ser mimoso
deve o boi beber no rêgo.

[Alvarães (Viana)]

Como variante destes dois últi-
mos ditados, notar êste:

U) Nunca o maio é bem louvado,
se o boi não bebe no rêgo do arado.

[Perre (Vianna)]

Outra variante:

V) Maio,
bebe um boi no rêgo.

[Correlhã (Ponte-do-Lima)]

Junho

26—Em Junho,
foicinha no punho

[Beiral (Ponte-do-Lima)]

São nesse tempo—explicou a
camponesa—as «segadas do cen-
teio». Outra môça da Correlhã (Pon-
te-do-Lima) disse o mesmo ditado e
explicou: «por ser o mês das corta-
das do trigo e centeio».

Em Monção:

X) No junho
foice em punho

Em Perre (Viana-do-Castelo),
diz-se:

x) Fins de Maio
princípios de Junho
foucinha em punho.

O sr. T. Pires registou:

xx) Em Junho
Foucinha em punho.

*

27—No S. João
pinga a sardinha no pão.

Cfr. o mencionado pelo sr. A.
T. Pires:

Z) A sardinha de S. João
unta o pão.

*

28—Chuva no S. João
tira vinho e não dá pão.

Cfr. as variantes indicadas no
artigo do sr. A. T. Pires (pág. 134):

AA) Agua pelo S. João
tira azeite e vinho
e não dá pão.

BB) Agua de S. João
tolhe o vinho
e não dá pão.

CC) A chuva no S. João
bebe o vinho e come o pão.

E éste, em espanhol, muito pró-
ximo do ditado que apontei, e já in-
cluído no artigo do sr. T. Pires:

Água por San Juan
Quita bino y nó da pan.

*

29—Pelo S. João,
há de cobrir o milho
o rabo ao cão.

[Beiral (Ponte-do-Lima)]

Julho

30—Em Santa Marinha
nem p'rò homem nem p'rà galinha.

Explicaram: «não se semeia mi-
lho, que já é tarde».

VARIANTE:

cc) Pela Santa Marinha
nem p'rò galo nem p'rà galinha.

[Ancora]

Explicaram: «refere-se ao milho
restivo semeado por êsse tempo».

*

31—Por S. Tiago
pinta o bago.

[Ancora (Caminha)]

Ou:

dd) No S. Tiago
pinta o bago

[Monção]

Cfr. em espanhol:

Por Santiago
pinta el bago.

E éste:

DD) Por Santiago
na vinha pinta o bago.

Citados ambos pelo sr. A. T. Pires:

*

32—St.^a Marinha
vem com a sua cabacinha,

[Ancora]

com que se pode confrontar ês-
te ouvido a pessoa de Braga:

dd) Quando S. Tiago não despeja a cabacinha
virá St.^a Marta despejar a caldeirinha.

Agosto

33—Maré de Agosto
vem buscar o cavaquinho
onde a de Janeiro o tem posto.

[Ancora (Caminha)]

*

34—Em Agosto
frio no rosto

O sr. A. T. Pires aponta:

EE) Agosto,
frio no rosto

e o andaluz:

Agosto
Frio en rosto.

*

35—Em Agosto
vinho mosto

Cfr.:

En Agosto
Uvas y mosto

Além dêste, menciona o sr. Pires:

FF) Água de Agosto,
açafraão, mel e mosto.

GG) Em Agosto
sardinha e mosto

HH) Não é bom o mosto
colhido em Agosto.

II) Em Agosto
nem vinho, nem mosto.

Em espanhol ainda há:

La primera lluvia de Agosto
apresura el mosto.

*

36—Em Agosto
toda a fruíta tem gôsto.

[Beiral (Ponte-do-Lima)]

VARIANTE (que cita o sr. A. T. Pires):

JJ) Em Agosto
toda a fruíta tem seu gosto.

*

37—No S. Lourenço
vai à vinha e enche o lenço.

VARIANTE (já apontada pelo sr. A. T. Pires):

LL) Por S. Lourenço
vai à vinha e enche o lenço.

Outra VARIANTE:

No dia de S. Lourenço
vai à vinha e enche o lenço.

[Monção]

*

38—No S. Lourenço
assa o bólo na pedra.

*

39—Em Agosto
neve no rosto

que se pode considerar variante do ditado 34): com êles se deve confrontar êste

40—Primeiro dia de Agosto
primeiro dia de inverno.

O sr. A. T. Pires cita-o mas não menciona o correspondente em espanhol:

Primer día de Agosto,
Primer día de invierno

que se pode ver no Almanaque referido atrás, pág. 78.

Setembro

41—Por S. Mateus,
vindima tu e depois eu.

[Perre (Viana)]

Quere dizer que ainda é cedo para vindimar.

Outubro

42—Em Outubro
colhe tudo.

[Beiral (Ponte-do-Lima)]

43—Em Outubro
colhe verde e maduro

[Beiral (Ponte-do-Lima)]

*

44—Em Outubro
recolhe-te com tudo.

Ou:

Outubro
recolhe com tudo.

[Correlhã (Ponte-do-Lima)]

*

45—Pelo S. Simão
começa o serão.

[Arcosa (Viana)]

Novembro

46—Dos Santos ao Natal
ou bem chover ou bem nevar.

Ou:

MM) De Todos os Santos ao Natal
ou bem chover ou bem nevar.

como regista o sr. A. T. Pires (pág.
139).

Outra VARIANTE:

Entre Santos e Natal
ou bem chover ou bem nevar;
vão-se as noites de fiar
e as vozes de cantar.

[Monção]

*

47—Pelo S. Martinho
abatoca o teu vinho.

[Perre (Viana)]

Ou:

Pelo S. Martinho
abatoca o vinho.

[Beiral (Ponte-do-Lima)]

Cfr. em espanhol:

Por San Lucas, (outubro)
mata tu porco e tapa tus cubas.

Por San Simón y San Judas, (out.)
mata tu porco y atesta tus cubas.

48—Pelo S. Martinho,
prova o teu vinho.

[Ancora (Viana)]

*

49—Pelo Santo André,
quem não tem porco mata a malher.

[Ancora (Viana)]

O sr. A. T. Pires menciona (pág.
140):

NN) Dia de Santo André
quem não tem porco mata a malher.

Dezembro

50—Pelo S. Tomé,
pega-se no porco pelo pé.

[Perre (Viana)], [Ancora (Caminha)]

O sr. A. T. Pires regista:

OO) Pelo S. Tomé
o porco pelo pé.

É vulgar a confusão de S. Tomé
e St.º André; assim, no referido ar-
tigo do sr. A. T. Pires, vem (pág.
140):

PP) Dia de Santo André
quem não tem porco mata a malher,

de que aponto uma variante acima
(49); e (pág. 141)

QQ) Pelo S. Tomé
quem não tem porco mata a mulher.

Viana-do-Castelo, fevereiro de
1912.

CLÁUDIO BASTO.



CANTOS POPULARES PORTUGUEZES

I

O Sobrenatural

Os meus primeiros amores
Entreguei-os a Jesus,
Estes que agora tenho
A' Virgem do pé da Cruz.

(Beira-Baixa)

Os meus primeiros amores
Entreguei-os ao diabo,
Estes que agora tenho
A' Mãe Deus do Rosario.

(B. B.)

Nossa Senhora da Veiga
É pequenina e airosa,
Vae a gente de tão longe
Só p'ra ver tão linda rosa.

(B. B.)

Nossa Senhora da Veiga
Tem o gallo no seu sino,
Cada vez que o gallo canta
Recorda o Verbo Divino.

(B. B.)

Nossa Senhora da Veiga,
Ella lá vae Douro acima,
Com a cestinha no braço,
Fazer a sua vindima.

(B. B.)

—Nossa Senha da Veiga,
Com que douraes o cabelo?
—Com uma ervinha do monte.
Que se chama *tomantêlo*.

(B. B.)

Nossa Senhora da Veiga,
Da Veiga e da Veiguinha,
Chamae me vós, afilhada,
Que eu vos chamarei madrinha.

(B. B.)

Nossa Senhora da Veiga
Visinha dos olivæes,
Guardae a minha azeitona
Não m'a comam os pardaes;
Comam uma, comam duas,
Comam tres, não comam mais.

(B. B.)

Nossa Senhora da Veiga
Fez um milagre no monte,
O Menino pediu lhe agua,
Logo lhe abriu uma fonte:
A fontinha era de prata,
A agua era de cheiro,
O Menino era Santo,
Filho de Deus verdadeiro.

(B. B.)

Nossa Sen ora de Vagos
Tem um manto azul claro,
Que lh'o deu uma devota
Da villa de Santo Amaro.

(Douro)

Nossa Senhora de Vagos
Tem um rebate de pedra,
Bem o podera ter de oiro,
Se ella bem o quizera.

(D.)

Nossa Senhora de Vagos
Tem um tear á janella,
Dá-lhe o vento, dá-lhe a chuva,
Todo o fiado se quebra.

(D.)

Lá no mar anda a sereia,
Virgem Mãe da Coacção
Livrae d'ella o meu amor,
O meu amor, que é João.

(Alentejo)

Ailé,
Senhor da Piedade,
Partiram-te a porta,
Tiraram-te a grade.

(A.)

Ailé,
Senhor da Boa-Fé,
Chigae o meu amor
Cá para o meu pé.

(A.)

Ailé,
Senhora da Penha,
Mandae vir a chuva
P'ra môer a azenha.

(A.)

Ailé,
Senhora da Guia,
Guiæ meu amor
De noite e de dia.

(A.)

Ailé,
O' Rocio da Feira,
Mãe da Nazareth
Fica na ladeira.

(A.)

Santo Amaro é a quinze,
E faz-se a festa a quatorze,
Tomara o seu ermitão
Muito pão no seu alforge.

(A.)

Meu amor é barreneiro,
Trabalha na contramina,
Vou rezar a Santo Antonio,
P'ra lhe não cair em cima.

(Algarve)

Minha avó tem lá em casa
Um Santo Antonio vèlhinho,
Em as moças não me q'rendo,
Dou pancadas no santinho.

(Alg.)

Tenho um dedinho de cêra
Para dar a Santo Antonio,
A ver se o santo me livra
Das tentações do demonio.

(A.)

Tenho um dedinho de cêra
Para dar a S. João,
A ver se o santo me livra
De uma má tentação.

(A.)

Quem me dera ser pintor,
Que pintava a S. João,
Que pintava o meu amor
Dentro do meu coração.

Que é lá isso,
Meu amor,
Que é lá isso?
É um rouxinol
Feito num chouriço.

(A.)

Que é lá isso,
Meu amor,
Que é lá isso?
Lá no mar
Anda o meu derriço;
Não é nada,
Meu amor,
Não é nada,
Lá no mar
Anda o peixe espada.

(A.)

Ailé,
Senhor S. João,
Que o meu bem não perca
A sua tenção.

(A.)

Ailé,
Senhor Santo André,
Fazei que o meu bem
Não me passe o pé.

(Continúa).

RIMAS POPULARES

E' uma dita,
Ir á missa,
Achal-a dicta.

Faz-lhe boca,
Que has de apanhar 'ma sopa.

Não é p'la mana Juliana,
E' p'la alcôfa das castanhas.

Co'as saudades que tinha tuas,
Tê andava de arrecedias.

Passarinho d'Angola,
Não come,
Não bebe,
Não suja
A gaiola.

SUPERSTIÇÕES

A cama não deve ser feita por tres
pessoas, porque, se a fizerem, morrerá
dentro de pouco tempo a mais velha.

A cama de noiva deve ser feita pe-
las raparigas solteiras, *para se lhe pe-
gar o fogo.*

Ter em casa figuras de gesso, acar-
reta desgraças.

TRADIÇÕES POPULARES

I

A ORIGEM DA CHUVA

«As nuvens saem do mar envolvi-
das n'umas pelles e sobem ás alturas,
e ahí vão-se as pelles rompendo pou-
co a pouco, deixando entornar a agua
que têm dentro. D'uma vez havia guer-
ra no mar, e d'um dos navios atiraram
tiros que foram tão altos que bateram
nas nuvens e furaram as pelles, então
caiu toda a agua de repente e afundou
as embarcações que andavam em guer-
ra».

II

APPRENDER ATÉ MORRER

«Quando Salomão estava para mor-
rer appeteceu-lhe fumar, e disse para
um rapasito, que pegasse com a tenaz
numa braza do lume, para elle accender
o cigarro. O rapaz disse que não preci-
sava de tenaz: deitou uma pouca de
cinza na palma da mão e com um pau-
sinho passou a braza para cima da cinza
e offereceu-lh'a. *Apprender até morrer,*
disse Salomão.»

III

RGS CASAMENTOS POPULARES
DA BEIRA BAIXA

«No dia em que a noiva é pedida, e
depois do «peditório», o noivo serve em
sua casa e aos seus amigos, presunto,
queijo, pão e vinbo; e no dia do primei-
ro pregão, a noiva convida para sua ca-
sa as suas amigas e offerece-lhes papas
de milho. Pelo casamento, desde a porta
da noiva até á igreja estão rapari-
gas sustendo arquinhos enfeitados, e sob
esses arcos passam os noivos e os con-
vidados; em frente da porta da igreja
collocam uma mesa com uma salva cheia
de raminhos de flores, e junto da mesa
está uma das raparigas mais bonitas da
terra, que offerece os raminhos em troca
de dinheiro (que não deve ser menos de
100 réis) a todos os que se dirigem á
igreja, sendo desprezado aquelle que
não contribue. O dinheiro recolhido é
para ajuda da despeza com o jantar do
noivado».

Recolhi los em Elvas.

ONOMASTICO POPULAR ELVENSE

Alcunhas

II

Ábrú	Assorda
Aponta-lancetas	Baba
Arrepiado	Babarôco
Arroja	Bajanca

Baliza	Grillo
Bandeado	Grou
Barriguêta	Gué
Barulho	Janáz
Batoque	Larico
Bellezas	Lérias
Bexiga	Lhé
Bitaco	Labôba
Boquinha	Macaco
Boga	Mal-penteado
Borrachinhas	Manita
Bule com o pé	Manoelão
Busca vida	Mansinho
Cabeça de ferro	Marrano
Cabecinhas	Morgadinho
Cachaneta	Mosquito
Calca-rijo	Murricha
Caninha	Nalgas
Carrigo	Orelhas
Casacão	Pae-avô
Casaquinhos	Palhetas
Cataneta	Pandorgas
Chalaga	Pão-ralo
Charneca	Papagaia
Chato	Papa-leguas
Chiba	Parchetas
Chibante	Parrada
Chibinha	Parrana
Cigarrilhas	Passaro
Cochicho	Passinhas
Corta-largo	Patinha
Cupido	Peixe-macho
Curto	Pepinaz
Dormido	Pernas
Escarduça	Pernas-de-abob'ra
Espreita	Perú
Faisca	Pica-milho
Fandango	Picanço
Farrapa	Pilha
Farronca	Pinga-azeite
Farrusco	Piolhinho
Foge	Poupa
Gancha	Preguiça
Gancho	Quatro-olhos
Gandim	Quinas
Gino	Redondinho
Grépe	Remendona

Rolhas	Tres-pés
Rondão	Triga
Roufenho	Trinta-alferes
Saramugo	Tripas-verdes
Sesudo	Unas
Sete-adagas	Varandas
Só	Verruga
Sôpa	Vespa
Tafetá-rosado	Viola
Talha-gabões	Zaravalho
Ticas	Zé-nabo
Tinta-fina	Zé-dos pepinos.

A. Thomaz Fives.



PROVERBIOS JAPONEZES



—E' pelos seus amigos que se conhece se um homem é bom ou mau.

—Não julgues um homem pela sua apparencia (as apparencias illudem).

—Observa os erros dos outros e corrige os teus proprios.

—O homem honesto tem muitos filhos.

—Em occasião de fome não ha comida ruim.

—Aos tres annos, aos cem annos a alma é a mesma.

—O morto não falla.

—Não batas no cão que baixa a cauda.

—Ribo de pargo não vale cabeça de sardinha. (quasi identico ao rifão portuguez).

—Theoria é facil, pratica é difficil.

—O soberano é um navio, o povo dos vassallos é o mar.

—Hontem noiva, amanhã sogra.

—Os macacos tambem cahem das arvores.

—Uma mulher respeitavel não conhece dois maridos.

—Aprovemos coisas novas, estudando as velhas.

—Saude é dinheiro.

—O mel na bocca é um punhal escondido no coração.

—Sem dôr não ha prazer.

—O bom pintor não escolhe o pincel.

—Se vives na aldeia, ella é a capital.

—Uma rã, dentro de um poço, não conhece o mar largo.

—Provar é melhor que discutir.

—Um mau orador discursa muito.

—O perfume das flôres sente-se á distancia.

—Longa experiencia vale mais do que talento.

—A belleza sem virtude é igual á flor sem aroma.

—O ausente torna-se me-nos intimo de dia para dia.

—Se tomares veneno lambe o prato.

—A vida similha uma luz exposta ao vento.

—Esconder a cabeça sem esconder a cauda.

—Não ha ninguem que não

tenha sete excentricidades, pelo menos.

—Cuidado com a mulher bonita: E' pimento vermelho.

—Se não se entra na toca do tigre não ha meio de apanhar-lhe os filhos.

—O amor illude todos os calculos.

—Uma boa oportunidade raramente se encontra e facilmente se perde.

—Antes de te molhares, acautela-te até do orvalho.

—Dar uma moeda de oiro a um gato.

—O grito de mil pardaes é inferior ao de uma só cegonha.

—Com a ajuda de mil marinheiros pode o navio subir uma montanha.

—Os rapazes que moram perto de um templo sabem as rezas de cór.

—O que não pode dormir acha mal feita a cama.

—Antes de fazeres as contas para comprar, fazes as contas para vender.

—Se não queres ficar logrado nas compras apreça cada coisa em tres lojas,

—Homem que não tem cara risonha escusa de abrir loja.

—Os bons amigos depressa ajustam as contas.

—Melhor é um diamante com uma racha do que um seixo sem nenhuma.

—Em quanto se guarda de um tigre a porta da frente, entra o lobo pelas trazeiras.

—Os passaros tontos são os primeiros a voar.

—Arvore grande chama o vento.

Ha nas montanhas arvores direitas.

Homens direitos não os ha no mundo.



Um auto em Barcellos

E' muito interessante para a historia dos costumes em Portugal o programma da procissão dos Passos em Barcellos. Só o norte do paiz conserva ainda esse vasto cerimoniaal lithurgico que vem da idade média. A ordem é a seguinte:

O labaro, com emblemas e allegoria da Paixão, levado por 5 irmãos, abrirá o prestito.

O estandarte, *Senatus*, no centro com uma tarja de lhama de prata, deixando ver as iniciaes—S. P. Q. R. levado por um irmão, e ladeado por mais 4 dos mais grados, que vão aos pendões, representando—CLERO, NOBREZA E POVO.

Este precederá as duas extensas álas dos irmãos revestidos d'ópas, e no centro d'estas

álas um grande numero de anjos, levando emblemas symbolicos ao motivo e passagem da SACROSANTA PAIXÃO DE JESUS CHRISTO, e ao acto da REDEMPCÃO do genero humano, que ÊLLE veio consummar com sua morte. Estes anjos serão dispostos pela ordem seguinte:

I—Um grupo de 5 anjos, levando uma rica bandeira bordada a ouro, tendo no centro em campo de seda branca, a seguinte inscripção—*Angeli pacis amare flebant.*

II—Um anjo levando o calix, allegoria á oração de Jesus no jardim das Oliveiras; sendo ladeado por anjos, levando ramos de arvores como allegoria ao jardim em que Jesus fez oração.

III—Outro anjo com a bolsa dos trinta dinheiros.

IV—Outro com lanterna.

V—Outro com a espada.

VI—Outro com a corda.

VII—Outro levando uma mão de ferro, simbolizando a affronta, porque Jesus foi esbofetado barbaramente pelos algozes.

VIII—Outro com o gallo.

IX—Um grupo de 3 anjos, simbolizando a impiedade, levando o do meio uma columna, o da direita um mólho de varas, e o da esquerda umas disciplinas,

indicando os açoites que deram a Jesus.

X—Outro anjo com as varas.

XI—Outro com a purpura.

XII—Outro anjo com a corôa de espinhos, allusão á coroação de Jesus, symbolisando o ludibrio.

XIII—Outro levando a canna verde, symbolisando a zombaria.

XIV—Outro com a letra ECCE-HOMO.

XV—Outro com o jarro e bacia.

XVI—Outro levando uma trombeta para indicar que a sentença da morte de Jesus, foi publicada ao som de uma trombeta, symbolisando a vangloria.

XVII—Outro levando a sentença, symbolisando a Injustiça.

XVIII—A Veronica, symbolo da *Innocencia*, *Mansidão* e *Caridade*, cantando a musica—*Dóleo superte, fili mi Jesu, decorus nimis, et amabilis super amorem mulierum.*

Segue-se o riquissimo andor com a Sagrada Imagem, conduzido por 12 irmãos revestidos d'ópas e ladeado por 8 lanternas. Na frente do andor irá o secretario da Real Irmandade com a insignia respectiva; apoz o andor irão o thesoureiro e bemfeitores.

Seguem-se-lhe as álas de ir-

mãos revestidos d'ópas, e ao centro as figuras e anjos seguintes:

I—Um grupo de 3 meninas, representando *Maria Magdalena*, Maria, mãe de Thiago e *Salomé*, cantando em côro *Pupili facti sumus absque Patre, Mater nostra vidua.*

II—Um grupo de 5 anjos dispostos em sôrma de Cruz, levando o do meio a Cruz, e os 4—um leva os tres cravos symbolo da crueldade,—outro leva o martello, symbolo da Ferocidade,—outro leva a esponja, symbolo da amargura, e o ultimo leva a lança, symbolo do Insulto.

III—Outro anjo levando o titu'lo—J. N. R. J. que symbolisa o Vilipendio.

IV—Outro com a Tunica.

V—Outro com os Dados.

VI—Outro com as Escadas.

VII—Outro com a Torquez.

VIII—Outro com a Toalha.

Segue-se o côro de 8 meninas, vestidas segundo as côstumes judaicos, cantando a estrophe seguinte:

*O quam tristis et afflicta
Fuit illa benedicta
Mater Unigeniti!*

Depois irá o andor da Virgem Mãe de Christo, sendo o referida andor conduzido por 10

irmãos e ladeado por 8 lanternas.

Seguem-se álas de irmãos e ao centro os seguintes anjos:

I—2 anjos levando, um o Sol e o outro a Lua, cobertos com um veu preto, que symbolisa o testemunho que deu a natureza da morte de Jesus, produzindo aquelles dois astros um eclipse repentino e operado contra toda a ordem natural.

II—Outro com a letra: *Consumatum est.*

Segue-se a Cruz Clerical, precedendo o Clero composto pelos Capellães do côro da Real Irmandade, com as suas insignias, seguindo apoz estes os mais presbyteros com pluviaes, levando ao centro:

Um anjo, levando um coração em chamma, allegoria ao amor que Deus sempre mostrou ter á humanidade, redemindo-a do peccado original.

Um grupo de tres elegantes meninas, symbolo á Redempção.

Estas meninas vestirão pela seguinte fórma:—a do meio toda de branco, levando um manto caudado, sendo este todo recamado por estrellas de ouro; na cabeça levará tambem um diadema formado por estrellas de ouro, e abraçando-se com uma cruz refulgente de raios, deixará vêr na mão direita um sceptro de ouro. O anjo da direita que tam-

bem irá de branco levando um rotulo com a inscripção: *In te pependit Salvator Mundi.* O da esquerda igualmente de branco levará um rotulo com a inscripção: *In te triumphavi Rex Angelorum.*

Seguirá um côro musical, cantando o *Miseréri* e apoz elle o Pallio, levado por 8 ecclesiasticos, debaixo do qual irá o preste conduzindo a SAGRADA RELIQUIA DO SANTO LENHO e ladeado por 8 lanternas, sendo o mesmo Pallio precedido por 2 thuriferarios paramentados de dalmaticas e dois meninos do côro vestidos de cotas com as navetas, no lugar competente.

Apoz o Pallio irão o Provedor e Capellão da Real Irmandade, fechando o couce da procissão o batalhão d'infanteria 20, levando á frente a banda de musica Barcellense, que durante o tracto, executará as melhores marchas funebres.

Esta imponente procissão assim organizada, percorrerá todos os PASSOS DO SENHOR que, sob a direcção da Meza, estarão pelas ruas adornados com a maior ordem e gosto.

(Do *O Globo*).



SUPERSTIÇÕES

(Excerptos)

.....
 Os eclipses são ainda hoje entre o povo um signal no céu bastante temeroso, como entre todas as raças selvagens. (1)

.....
 O Concilio de Leptines, de 743, prohibe certas praticas cultuaes que subsistiram em Portugal ainda no seculo XVI ou actualmeate em vigor; prohibe os cantos funerarios *Dalsisas* (Voceros e Endexas), as praticas desonestas do mez de Fevereiro (tivemos a prohibição de tocar adufe n'esse mez), os sacrificios nas florestas ou *Nimidas* (temos os carvalhos consagrados) e nas fontes (as nossas Fontes santas); prohibe-se os agouros tirados das aves, dos cavallos, dos excrementos dos bois e dos espirros, bem como o dar miolos de animaes (nos Açores ainda se dá miolos de burro como amavio; condemna as superstições da lareira e da obra começada, o temor do eclipse da lua em que se grita *Vince luna*, e por ultimo os simulacros salpicados de farinha. A Igreja condemnando essas praticas não as extinguiu; fel-as considerar como obras do diabo, e desenvolvem a hallucinação da Demomania.

Um dos processos criticos que mais luz derrama sobre o estudo das superstições populares, é remontar aos documentos que mais demonstrem a sua antiguidade. Os docu-

mentos ecclesiasticos enumerando os usos pagãos, ou das povoações ru-raes, que a nova religião combatia dão-nos elementos para fixar epocas precisas sobre a vitalidade de certas superstições, que ainda subsistem. Em um sermão de Santo Eloy, do seculo VII, acha-se este precioso quadro das superstições populares, para, nós valioso por se acharem todas na sociedade portugueza.

«En vos peço e exorto a que renunciéis aos costumes sacrilegos dos pagãos; não escuteis os *adivinhos*, os *feiticeiros* e os *encantadores*, não os consulteis nem em caso de *doença* nem por outro motivo... Não observeis os *agouros*, nem o *canto das aves*, nem as diversas maneiras de *espirrar*, quando quizerdes fazer uma viagem.—Que nenhum christão não repare no dia que saia de casa, nem na hora em que entre, porque todos os dias são obras de Deus; que ninguem se rogue pela lua para emprehezar qualquer cousa. Que nas calendas de Janeiro se não representem farças ridiculas, transfigurando-se em novilha ou em veado novo; que á mesa se não entregue a comezainas sob pretexto de festejar este novo dia. Que nenhum christão ligue credito ás rimas nem aos cantos magicos, porque são obras do diabo. Que na festa de S. João, e em outras solemnidades dos santos, que se não faça caso do solsticio; que se não entreguem a danças, a jogos, a corridas, a côros diabolicos; que ninguem invoque o demonio sob os nomes de Neptuno, de Plutão, de Minerva, ou dos genios: que ninguem celebre o dia de Jupiter como dia de festa, nem no mez de Maio, nem em nenhum outro tempo, interrompendo os seus trabalhos; que

(1) O povo portuguez nos seus costumes, crenças e tradições, por Theophilo Braga. Vol. II, pag. 23.

ninguem celebre a festa das lagartas, nem a festa dos ratos, nem nenhuma outra... Que nenhum christão accenda candeias, nem faça votos nos templos pagãos á borda das fontes, ao pé das arvores, nas florestas ou nas encruzilhadas. Que ninguém suspenda amuletos ao pescoço de um homem ou de qualquer animal, ainda mesmo que os clérigos os tivessem preparado e dado como cousas santas... Que ninguém faça lustrações para a prosperidade das ervas ou das cearas. Que ninguém faça passar os seus rebanhos atravez das arvores ôcas, ou de excavações no sólo, porque é ao demónio que os querem consagrar. Que nenhuma mulher se enfeite com collares de ambar; que ao tecer ou tingir a têa não invoquem nem Minerva nem outra divindade funesta;... Não lanceis grandes brados quando a lua se escurece, porque não é senão em virtude das leis de Deus, que ella se eclipsa em certos tempos determinados». (2)

THEOPHILO BRAGA.

(2) *Ibid.*, pg. 57, 58, 59.



Tradições populares de Portugal, colligidas e annotadas por J. Leite de Vasconcellos, pg. 23 e 24.

O eclipse (*ecris*, *Lua cris*) da Lua é considerada como uma doença d'ella. A Lua apparece amarella, porque está doente da ictericia, e a pessoa que então olhar para ella arri-sea se a que se lhe pegue a doença. (Villa Cova de-Carros) (3).

(3) Cf. Pietet, — *Orig. Indo-Europ.*, Paris; 1863.

Na provincia brasileira do Maranhão ha um grande terror quando a *Lua vae fazer cris*, e todos se acatellam. «As prevenções são estas: logo que principia o eccllypse, acordam as pessoas que estão dormindo, porque, se não as acordam, ficam sujeitas a dormir eternamente, ou a passar por outro qualquer infortunio. Todas as pessoas da casa saem para fóra, ou para o quintal, gritando ás arvores fructiferas: *Accorda, laranjaeira, olha a lua cris; acorda, mangueira, seque a os fructos e as folhas, olha a lua cris*. E com estas gritarias vão dando nos pés das arvores com cordas ou sipós: dão muitos tiros e balem nos pilões, para as arvores ficarem bem acordadas. Nas roças fazem o mesmo e isto quer o eccllypse seja á meia noite, quer de madrugada». (*Alm. de Lembranças*, para 1870, pag. 255) (4).

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

(4) Como se sabe, muitos povos explicam os eclypses pela batalha do astro com um monstro. No continente portuguez ainda não achei vestigios certos d'isto; mas sim no jornal beirão *O Districto de Vizeu* (n.º 68 de 27 de Junho de 1880), vem, entre varias superstições que se encontram em Portugal, a seguinte: «Quando ha eclipse do sol (sic), rufa-se em caixas para espan-tar o leão que está comendo a lua»; mas como não traz indicação d'onde é, ignoro se nos pertence. Os chinezes de Macau fazem muito barulho na occasião dos ecclipses *Alm. de Lembr.* de 1863, pag. 181). Tacito fultando de um eccllypse da Lua, escreve dos que o presenciavam: *Ignar aeris sono, tubarum cornuunque centu strepere* (*Annal.* lib. I, cap. 28). Etc., etc.

CONTAS DE GRANDE CAPITÃO

«Toda a gente falla em contas de grande capitão», toda a gente intende e applica a comparação com propriedade, mas poucos terão visto e lido as proprias e genuinas *cuentas del gran capitán*. Para satisfazer a curiosidade dos que nunca as viram, aqui as damos em seguida.

O conquistador de reinos, Gonçalo de Cordova, que pelos livros se achava alcançando em grandissimas sommas, leu serenamente, em audiencia real, a seguinte relação de despesas :

Duzentos mil setecentos trinta e seis ducados e nove reales para frades, presos e pobres, afim de pedirem a Deus pela prosperidade das armas hespanholas.

Cem mil ducados em pólvora e balas.

Dez mil ducados em luvas perfumadas para preservar as tropas do mau cheiro dos cadaveres dos inimigos estendidos no campo da batalha.

Cento e setenta mil ducados em pôr e renovar sinos destruidos com o uso continuado de repicar todos os dias por novas victorias alcançadas sobre o inimigo.

Cincoenta mil ducados em

aguardente para as tropas em cada dia de combate.

Milhão e meio de *idem* para sustentar prisioneiros e feridos.

Um milhão para missas em acção de graças e *Te-Deum* ao Todo Poderoso.

Tres milhões de suffragios pelos mortos.

Cem milhões pela paciencia que tive em ouvir dizer hontem que el-rei pedia contas a quem lhe offereceu um reino.



LENDA JAPONEZA

Segundo uma lenda japoneza, era uma vez uma mulher tão pobre que se viu obrigada a entregar seu filho a uma vizinha para ir servir de creada em casa de um rico, Samonvai.

Ao cabo de dois annos de ausencia, tendo ganho com que sustentar-se, a si e a seu filho, voltou a mulher á terra indo immediatamente á casa da vizinha.

Qual não foi, porem, o seu espanto quando a vizinha lhe declarou que era sua a creança e de modo nenhum a entregaria. Para resolver o caso, dirigiram-se á presença de um velho e sabio juiz, chamado Oka, e cuja

fama de rectidão se estendia a muitas leguas em redor.

Tendo ouvido as duas mulheres, ordenou o juiz que a creança litigiosa fosse trazida e as duas mães lhe puxassem cada qual por seu braço, até que uma a arrancasse á outra.

A estas palavras, a verdadeira mãe tomou a mão da creança com uma precaução, uma doçura em que se reflectia toda a ternura do seu amor, ao passo que a adversaria se apossava do outro braço com toda a força de que era capaz.

A creança soltou um ligeiro grito e, antes que houvesse chorado, abandonou a mãe, o braço que segurava, desistindo assim de toda a possibilidade de reaver seu filho. Amigos que a haviam acompanhado ao tribunal, romperam a censural-a, mostrando-lhe a outra mulher que, já triumphante, levava consigo obébé. Então, o juiz, que não dissera uma palavra e se limitára a examinar a scena com apparente indifferença mas, na realidade, com a mais profunda attenção, chamou a mulher e disse-lhe:

—Sois uma infame trapaceira. Os gemidos de dôr d'esta creança que pretendeis fazer passar por vossa, não vos despertaram o mais leve sentimento maternal. Nunca fostes mãe!

E, ordenando-lhe que resti-

tuisse á adversaria a creança roubada, o Salomão japonéz condemnou a mentirosa nas custas e sellos do processo.



DAR A CASCA

E' um barbaro costume africano que consiste em dar um veneno a qualquer individuo accusado de crime de morte por meio de feiticiria.

Se o pobre preto fallece depois do *remedio* era feiticieiro; se escapa e fica arruinado de saude não era e deixam-n'ó em paz.

O commandante da *Liberal*, sr. Teves n'uma recente viagem para Landane, soube que um preto chamado Jorge ia receber a tal *casca*, como indigitado causador da morte de um preto fallecido n'uma feitoria, portugueza do Zaire.

Foi solicitar do regulo de Santo Antonio do Zaire o perdão do infeliz, e embora não o conseguisse, o regulo, recebeu-o muito bem e expôz-lhe que, sendo costumes muito antigos, não podia resolver sem uma grande *fundação*, a que assistiriam todos os reis, promettendo, porém, que não daria *casca* a este e nem a mais algum, sem a *fundação* a que assistiria elle, com mandante.



A DOBADOIRA

(CANTIGA POPULAR DO MINHO)

Esta poesia—se não estamos em erro—foi primitivamente publicada ha annos no *Jornal da Noite* e impressa depois separadamente, sem data, na *Typographia Portugueza*, n'um folheto de 13 paginas. Apesar de anonyma, não crêmos, todavia que seja popular. A sua extensão, a sua perfeição litteraria, o seu mecanismo correcto e artificioso, tudo isto nos accusa a interferencia d'um poeta de não vulgar merecimento. Como quer que seja, a poesia é melodica, singela, d'uma alta delicadeza e tem um grande fundo de sentimento popular. Crêmos que prestamos um bom serviço, vulgarizando-a. Eil-a:

Roda, roda, dobadoira,
 Não me embrulhes a meada,
 Que o novello inda é pequeno
 E eu já tenho a mão cançada.

Era tão cedo
 Que mal se via,
 Na nossa aldeia
 Tudo dormia;
 Tudo dormia,
 E eu trabalhando
 Na dobadoira
 Que ia rodando.

Roda, roda, etc.

De pequenina
 Que mal fallava,
 Na dobadeira
 Já trabalhava;
 Já trabalhava
 Sempre cantando,
 E a dobadeira
 Sempre rodando.

Roda, roda, etc.

E fui crescendo
 E era mocinha,
 E trabalhava
 Mais a visinha;
 Mais a visinha
 Sempre cantando,
 E a dobadeira
 Sempre rodando.

Roda, roda, etc.

Se vinham moços
 Ao pé da porta,
 Sempre levavam
 Resposta torta;
 Resposta torta
 Dava cantando,
 E a dobadeira
 Sempre rodando.

Roda, roda, etc.

Mas sim logo
 Que a mãe morreu,
 Disse comigo:
 Que farei eu?
 Que farei eu,
 Disse scismando,
 E a dobadeira
 Sempre rodando.

Roda, roda, etc.

O meu destino
 Foi que casasse;
 Ah! nunca em tal
 Jámais pensassel
 Jámais pensasse
 Porque em cantando
 A dobadoira
 Ia rodando.

Roda, roda, etc.

Agora os filhos
 Dão-me cuidados,
 Que aquelles tempos

Já são passadosl
 Já são passados
 Que hoje em cantando
 A dobadoira
 Me vai parando.

Roda, roda, etc.

O pequenino
 Oiço que chora;
 Espera, anjinho,
 Lá chego agora;
 Lá chego agora,
 Mas não cantando,
 A dobadoira
 Me vae parando.

Roda, roda, etc.

Vem o meu homem
 Lá do trabalho
 Buscar em casa
 Seu agasalho;
 Seu agasalho
 Busca scismando,
 E a dobadoira
 Já vae parando.

Roda, roda, etc.

Então pergunto
 Cheia d'espanto,
 Se já sou velha?
 Porque não canto?
 Porque não canto
 Me vou scismando,
 Na dobadoira
 Que vae parando.

Roda, roda, etc.

E' porque scismo
 Na minha sorte;
 E' porque penso
 Sempre na morte;
 Sempre na morte
 Estou scismando,
 E a dobadoira
 Me vae parando.

Roda, roda, etc.

Que quando menos
 A espera a gente,
 A negra morte
 Vem de repente
 Vem de repente
 E eu scismando
 Que a dobadoira
 Me vae parando.

Roda, roda, etc.

De estola roxa,
 Que a incenso cheira,
 Lá chega o padre
 A' cabeceira;
 A' cabeceira
 Chegou rezando
 E a dobadoira
 Ficou parando.

Roda, roda, etc.

O meu filhinho
 Chorando vejo,
 E logo o aperto
 Dando-lhe um beijo;
 Dando-lhe um beijo
 Me vou andando,
 E a dobadoira
 Ficou parando.

Roda, roda, etc.

Já vem cantando
 O padre cura
 Para levar-me
 A' sepultura;
 A' sepultura
 Me vão levando
 E a dobadoira
 Ficou parando.

Roda, roda, etc.

Oh! minha filha,
 Eu não sou rica
 E a dobadoira

E' o que te fica;
E' o que te fica
Ir trabalhando
Co'a dobadoira
Sempre rodando.

Roda, roda, etc.

Quando algum dia
De mim lembrada,
Aqui pozeres
Outra meada,
Outra meada
De linho brando
Na dobadoira
Sempre rodando;

Roda, roda, etc.

Pede por alma
De tua mãesinha,
Que hoje te adora,
Linda florinha;
Linda florinha,
Em tu resando,
A dobadoira
Irã rodando.

Resa, resa, etc.

Quando morreres,
Eu já te aviso;
Lá vou esp'rar-te
No paraíso;
Ao paraíso
Virás cantando,
Que a dobadoira
Ficou parando,

Roda, roda, dobadoira,
Não me embrulhes a meada,
Que o novello inda é pequeno
E eu já tenho a mão cançada.



O' ROSA TIRANNA

==
(Canção popular)

E' das onze á meia noite,
O' Rosa tiranna,
Que estás no caes da Paixão,
Troloró loró loró;
Pr'a arranjar as cinco libras,
O' Rosa tiranna,
Para tua livração,
Troloró loró loró.

O cravo, por simpathia,
O' Rosa tiranna,
A' meiga rosa se uniu,
Troloró loró loró.
D'estes dous ditosos laços,
O' Rosa tiranna,
Amor perfeito sahiu,
Troloró loró loró.

Perde a rosa os seus espinhos,
O' Rosa tiranna,
Perde o cheiro e perde a côr,
Troloró loró loró;
Mas não perde as mesmas graças,
O' Rosa tiranna,
De mimosa e linda flôr,
Troloró loró loró.

Que é das tuas fallas doces,
O' Rosa tiranna,
Que é da tua tirannia?
Troloró loró loró;
Que é das tuas fallas doces,
O' Rosa tiranna,
Que me davas algum dia?
Troloró loró loró.

Os olivacs de Coimbra,
O' Rosa tiranna,
Semeados que darão?
Troloró loró loró;
Darão meninas bonitas,

O' Rosa tiranna,
Para a minha perdição,
Troloró loró loró.

Adeus coração eterno,
O' Rosa tiranna,
Adeus alma generosa,
Troloró loró loró.
Adeus minha cara amada,
O' Rosa tiranna,
Os ceus te façam ditosa,
Troloró loró loró.



O ROMANCE DE SANTA IRIA



Santa Iria, Santa Irene, é a padroeira de Santarem, a que deu o nome na fôrma segunda. A lenda monastica vem relatada na *Historia de Santarem edificada* do padre Ignacio da Piedade e Vasconcellos, obra que tem duas partes impressas em Lisboa occidental, (1740); nas *Memorias chronologicas dos alcaides-môres da Villa de Santarem* (Lisboa, 1825); por Manuel Francisco de Barros e Sousa de Mesquita de Macedo e Carvalhosa, visconde de Santarem; e nos *Monumentos e lendas de Santarem* do sr. Zeferino Brandão. Pode tambem conferir-se um artigo do sr. Myla y Fortunals na *Romania*, 6.º année, p. 41, onde se cita a *Espana sagrada*, XIV, 201, 35, que traz transcrita uma versão gallega.

O romance de Santa Iria, que pertence ao cyclo da mulher perseguida e da esposa desgraçada (I),

(1) Th. Braga. *Pop. port.*, II, 100.

e em que o sr. dr. Theophilo Braga reconhece a subsistencia hoje incomprehensivel, do direito consuetudinario que tinham certos burgos de não admittirem cavalleiros dentro dos seus muros (2), é um dos que tem origem portugueza, e constitue certamente uma das lendas mais queridas do nosso povo.

Publico em seguida uma versão d'elle, recolhida no Fundão concelho da Beira Baixa, e que pertence ao meu livro em preparação, sobre e litteratura oral da villa beirense.

Estando eu cosendo
Com um dedal de prata
Passou um passageiro
Pedindo pousada:
Se meu pae lh'a desse,
Estava muito bem dada.
Deu-lh'a minha mãe
Do que eu não gostei nada.
Pela noite adiante
Casa roubada;
Tres que nós eramos
Só eu faltava.
Lá no meio do caminho
Elle me perguntou:
—Menina honrada,
Lá na sua terra
Como se chamava?
—Lá minha terra
Era Iria aventurada,
E n'estas montanhas
Serei desgraçada.
—Por essas palavras
Será degolada,

Cs. mais *Hist. da poesia pop. port. e Epop. da raça mousarabe* do mesmo A.

(2) Nota 13 aos *Cant. do Brazil* do dr. Sylvio Romero, p. 179.

Entre dois penedos
Será enterrada.

D'ahi a sete annos
Elle por alli passou:
—Linda pastorinha,
Que ermida é aquella?
—E' de Santa Iria.

Morreu degolada,
Entre dois penedos
Foi enterrada.

—Santa Iria,
Meu amôr primeiro:
Perdôa-me a morte:
Serei teu romeiro.

—Como te heide perdoar,
Cruel carniceiro,
Se tu me degolaste
Como um carneiro?! (3)

—Santa Iria,
Meu amor primeiro,
Perdoa-me a morte:
Serei teu romeiro.

—Reveste-te d'azul
Que é a côr do céu:
Se Deus te perdoar,
Eu perdoar-te quero.

Esta lição parece obliterada, faltando-lhe mesmo alguns episodios fundamentaes que apparecem em outras variantes. Por exemplo, n'uma de Mondim da Beira, adiante citada, a santa, depois de enterrada, foi coberta de tojos, que se transformam em rosas, e o assassino ficou tolhido

(3) *Como um carneiro*, é uma formula popular bastante espalhada. Outra versão, de Mondim da Beira, (cf nota comparativa), diz paralelamente: *Como um cordeiro*, mas aqui apparece o cordeiro symbolo da innocencia: vid. Gubernatis, *Mithologie zoologique*.

do braço direito, quando a matou. Mais incompleta é ainda, porém, a versão brazileira, tambem referida adiante, onde não temos a volta do terrivel amante ao cabo de sete annos, que é um dos episodios mais importantes de todo o argumento.

Conheço mais variantes portuguezas do romance de Santa Iria: — de Mondim da Beira, que traz o sr. Leite de Vasconcellos, no seu *Romanceiro Portuguez*, n.º 37, p. 50; do Rio de Janeiro, com o nome de Iria a fidalga, publicada por Sylvio Romero, nos seus *Cantos populares do Brazil*, n.º 13, I, 23; de Celorico de Basto, publicada pelo sr. Adolpho Coelho no *Zeitschrift für romanische philologie* de Gröber, v. VIII; dos Açores, incluída nos *Cantos populares do archipelago açoriano*, do sr. Theophilo Braga; duas da Madeira, recolhidos pelo sr. Alvaro R. de Azevedo no seu *Romanceiro do archipelago da Madeira*, p. 17 sqq.; e uma ultima do Algarve, inserta a pag. 181 do *Romanceiro do Algarve* do sr. Estacio da Veiga, e na qual se dá o phenomeno da transformação da redondilha menor para maior, em que falla o sr. Theophilo Braga no seu *Manual da Historia da litteratura portugueza*, p. 123.

Ha ainda as versões publicadas por Hardung, *Rom. por.*, 2.º, 163; Bellermann, *Portugiesische Volkshlieder und Romanzen*, p. 20; e pelo sr. Th. Braga, no seu *Romanceiro geral*, sob n.ºs 45, 46 e 47.

Almeida Garrett, nas *Viagens na minha terra*, II, 26, traz uma lição, reproduzida pelo sr. Estacio da Veiga, loc. cit., p. 185. O sr. conde de Puymaigre, no *Choix de vieux chants portugais* publica igualmente esta versão de Garrett, p. 65, e a do Algarve, p. 61.

Conheço também versões gallegas. Traz uma D. Manuel Murguia, na sua *Historia de Galicia*, I, 570 (Lugo, 1.65), e outra o sr. Mila y Fontanals, na *Romaine*, VI, 52.

Quando corrigir este artigo para a impressão definitiva, conto desenvolver e conferir ainda mais a parte comparativa.

A. DA S.



S. PAIO DA TORREIRA

Entre as romarias concorridas d'estes sitios e seus arredores, occupa um logar proeminente por muitos titulos, a antiquissima romaria do S. Paio, proximo da Torreira. Ainda que, segundo affirmam os veteranos nas campanhas da pagodeira, o S. Paio de hoje não é uma sombra do que foi n'outros tempos, não ha para mim, neophyto das romarias, hospede no salsifré, festival mais agradável, peregrinação mais desopiladora do baço.

Só aquella ida de diversos pontos, pela ria de Aveiro, até ao local, vale um dinheirão.

Um numero de barcos quasi infinito de todas as dimensões, de velas enfunadas, coalha a ria, em que desenha figuras phantasticas.

Cada barco vae adornado a seu modo com bandeiras, vasos

de mangericão, ramos de arvores no topo dos mastros, no leme na extremidade da prôa, o que a distancia, produz um effeito surprehendente, dando uns laivos de uma floresta, e uma idéa vaga dos jardins suspensos de Babylonia. E depois os descantos, os desafios, o som das banzas, das violas, as gargalhadas, a cadencia das aguas singradas pelos barcos, os sorrisos das raparigas, os gritos de victoria da tripulação de um barco, que conseguiu passar adeante de outro barco, tudo isto embriaga, estontea, eletrisa a sensibilidade, entusiasmo até ao delirio.

Uma capella microscopica no meio de um extenso areal, um Sahará em miniatura, beijado de um lado pelas aguas lodosas da ria, e do outro pelas vivificadoras ondas do Atlantico, constitue o centro da festa. N'aquelle dia, toda aquella mole de arcia se vê semeada de gente, que dança, que canta, que cabriola, que se diverte doidamente, macabricamente.

Uma quantidade enorme de barracas, de tendas, de barracões inclassificaveis, de alhaimas, de quitandas dão ao local o aspecto de um acampamento arabe. Licores fabricados com agua, alcool e assucar mascavado, tintura de café a 10 reis a chavena, drogas engarrafadas, docinhos

com pernas, braços e mais parates, o horror da arte e da plastica, são impingidos aos romeiros pelas doceiras, mulheres de muitas saias e de olheiras, de turgidez excitante e nadeegas phenomenaes, que todas se saracoteam quando andam.

A noite vai deslizando serena e fria; os áerolythos multiplicam as cambalhotas nos espaços, e cá em baixo, como a fazer *pendant* no extenso panno de areia que se desenrola a perder de vista, dão-se tambem cambalhotas . . . É que prazer, que exuberancia de vida, de alegria, de mocidade n'aquelles saltos pela areia, n'aquelles empuxões á falsa-fé, n'aquelle estatelar pelo chão os rapazes e as raparigas, satisfeitos como bandos de pardaes.

Decididamente, não ha romaria que mais mereça a attenção dos que folgam e se divertem do que a do S. Paio milagroso.

E as promessas, aquellas impagaveis promessas feitas ao santo, em que depois de o mergulharem bem mergulhado n'uma tigella com vinho, passam ao estomago esse vinho, que hade ser a panacéa de todas as moléstias conhecidas e por conhecer! Como isto é simples, e primitivo, e comico, e estúpido! E a procissão! Ai, Pae do céu! a

procissão! Aquillo não é procissão, é uma parodia ao divino. Imagine-se uma fileira interminavel de cruces, balandráus, de opas, de andores, sem ordem alguma, tudo em linha, sem alas, com um ou outro cabo aqui e além, de escupeta ferrugenta, com os fechos seguros com guitas, e ter-se-ha uma pallida idéa do que é a procissão.

Os andores, ao mesmo tempo que são nicho de imagens, são cabide dos chapéus e carapuças dos que com elles carregam. Segura p'rá hi Zé-Manell berrava um; ó alma do diabo, vociferava outro, que te cozo a vida! Pois não vês que o santo vae torto!

E com esta ladainha ia amenisando o longo percurso, e deixando n'esta ou n'aquella casa os andores, de modo que quando a procissão regressou á capella, ia reduzida a um terço.

Feliz gente, que está quasi nos casos d'aquelles egypcios, dos quaes dizia não sei quem: santa gente! que até nos campos lhes nascem deuzes.

Silvio



QUADRA SOLTA

Ha duas coisas no mundo
Impossiveis de encontrar
Quem chore sem ter amores,
Quem tenha amores sem chorar.

ORAÇÃO DE SANTO ANTONIO

Dac-me licença, senhor,
P'ra que eu possa louvar
D'Antonio alguns louvores,
S. Francisco mereceu
As chagas que Deus lhe deu;
Vós, Antonio Sagrado,
Usasteis de tal traça,
Que abraçaes o mesmo Deus,
E o mesmo Deus vos abraça.

Estando o sacro Antonio
Dentro em Padua prégando
Dos ceus lhe veio um aviso:
—Antonio, teu pae vae a padecer
Por um falso testemunho,
Pois Deus t'ó manda dizer.—
O Santo, que isto ouviu
Uma ave Maria pediu,
E o espir'to se partiu
D'Antonio sacro a pessoa
Junto á Sé de Lisboa.
C'o a Justiça se encontrou,
Elle procurou:
—Ouvi-me, ó vós da Justiça!
Esse homem que ahi levas
Sentenciado á morte,
Sem culpa o condemnaes.
—*Pare-se* ao quintal d'este homem
Um homem morto se achou,
Com testemunhas eguaes.
Juraram que elle o matou.—
—Vamos d'onde o morto está,
Que elle se levantará,
E o desengano dará
De quem d'este caso tem culpa,
A' cova iam chegando,
E a Justiça acompanhando.
—Eu te requiero, irmão,
Por Deus Omnipotente
Que te levantes d'ahi,
Desmagine esta gente.—
O morto se levantou,

Na sepultura se encostou,
Pela graça de Deus fallou:
—Este homem, que ahi levas
Sentenceado á morte,
Sem culpa o condemnaes,
Esse homem não me matou,
Nem de mim teve signaes.
O homem que me matou
Na companhia o levas:
Não quer meu sagrado Messias,
Monarcha da Monarchia,
Que eu descubra quem é.—
Ditas as palavras santas,
A justiça se auzentou,
E o homem livre ficou.
Dando mil graças ao Padre:
—Dizei-me, ó meu Reverendo,
Dizei-me aonde moraes,
Uma hora cada dia,
Pois não presto para mais.
—Muito me admira, meu Pae,
Não conhecer seu filho Fernando,
Pelo nome se pôz Antonio
Por se livrar do demonio,
Que sempre o andava attentando!
—O' que dita de tal pae.
Que teve um filho de tal sortel
Veio de dentro de Padua
P'ra livrar seu pae da mortel
—Dê-me licença, meu Pae,
Deite-me a sua benção,
Quero ir para Padua
Acabal-o meu sermão.
A gente que lá deixei
Em que falta me acharão.
O santo que a Padua chegou
Uma ave-Maria pediu,
E o seu sermão acabou.
Quem de vós fizer memória,
Chave de Padua real,
De Deus terá victoria,
Santo Antonio Divinal.

CANTOS POPULARES PORTUGUEZES

II

A NATUREZA

Lá vae a pobre ceifeira
Pelos desertos caminhos,
O grande sol a torreira,
Vae ganhar para os filhinhos.
(Algarve)

Sol divino não te ponhas,
Que fica o mundo as escuras!
Oh morte, que tanto tardas!
Oh vida, que tanto duras!
(Alg.)

O sol posto vae doente,
A lua o vae sangrar,
O sereno lhe ata a fita,
Pega no braço o luar.
(Extremadura.)

O luar tem tres estrellas,
Mas nenhuma nos conduz;
Os raios d'esses teus olhos
Tem mais brilho do que a luz.
(Alg.)

O' luar, que assim vae claro,
Nem tão claro te eu queria,
Isto de quem tem amores
Quer mais noite que de dia.
(E.)

O' luar da meia noite,
Não sejas meu inimigo,
A' porta do meu amor
Não venhas a ter comigo.
(A.)

O' luar vae-te esconder,
Ao menos á madrugada,
Foge, a ver se eu posso entrar
Em casa da minha amada.
(Alg.)

Já o luar se levanta,
Só tu minha preguiçosa
Desprezas quem se deseja
Nesse leito côr de rosa!
(Alg.)

Ailé,
Lua marcolina,
Vae entrar na roda
A mana Bernardina.
(A.)

Ailé,
Ao nascer da lua
Lá me irei chegando
A' porta da rua.
(A.)

O' estrella da manhã
Demora-te mais uma hora,
Deixa dormir meu amor,
Que inda se deitou agora.
(D.)

Estrella de ceo brilhante,
Secretaria de meu peito,
Dae remedio a meus males,
Que eu morro por um sujeito.
(E.)

Puz me a contar as estrellas,
Contei cinco, contei dez,
Fui para contar as onze,
Vi-me cahido a teus pés.
(E.)

As sete estrellas cahiram
No adro de Penedono;
Eu acho que é loucura
Amar a quem já tem dono.
(B. B.)

No ceo anda uma estrella
Que se parece contigo,
O dia que te não vejo
A estrella é o meu allivio.
(B. B.)

Eu fui a que accendi lume
 Numa chaminé de vidro,
 Eu fui a que reparti,
 D'amores para contigo.

(B. B.)

Para ver se o lume queima
 Basta só chegar-lhe a mão,
 Inda hei de ver se os teus olhos
 Me podem queimar, ou não.

(E.)

'Stá o ceo ennevoado,
 Tem um *quelarv* no meio;
 Não é muito de quem ama
 A' noite dar seu passeio.

(B. B.)

'Stá o ceo ennevoado,
 E' um signal de chover,
 Vejo o meu amor chorando
 E não lhe posso valer!

(M.)

Estas cantigas de hoje
 Leva-as o vento suão;
 Tu tens uma *sympathia*,
 Eu tenho uma opinião.

(M.)

Ailé,
 Vento suão,
 Vento hespanhol,
 Vento villão.

(A.)

Ailé,
 Ventinho do norte,
 Vassoira do ceo,
 Livrae-me da morte.

(A.)

Ailé,
 Chove e rechove,
 Faz hoje oito dias,
 Se não são já nove.

(A.)

A agua da fonte vae turva,
 Quem tem sêde sempre bebe,
 Quem tem vontade de amar
 Coisa nenhuma o impede.

(Alg.)

Quem quizer que a agua corra,
 Faça lhe o rego direito:
 Quem quizer que eu o ame,
 Ha de falar-me com geito.

(M.)

Namorei-me do ribeiro,
 E da pedra de lavar;
 Começo segunda feira,
 Sabbado vou acabar.

(B. B.)

A ribeira de Odeleite
 No meio tem uma fonte,
 Onde o Machadinho bebe
 Quando vae para o seu monte.

(Alg.)

Já o rio não leva agua
 Senão folhas de limão;
 Onde irei lavar o lenço
 Do meu riquinho João?

(E.)

Moro á beira do rio,
 Meu sustento são peixinhos;
 Ai Jesus! que vida a minha!
 Dar abraços e beijinhos!

(M.)

O' menina do rio triste,
 Venha lavar ao alegre,
 Que a agua do nosso rio
 Faz a roupa como neve.

(Alg.)

Nunca mais torno ao rio,
 Nunca mais vou pescar peixe;
 Hei de deixar o meu bem,
 Antes que elle me deixe.

(M.)

O' rio dos desenganos,
Engrossa, faze-te mar,
Que desejo em tuas aguas
O meu amer afogar.

(D.)

Subi ao alto rochedo
Dar vivas ao Guadiana;
Mais vale um beijo de amor,
Que o jornal d'uma semana.

(Alg.)

Embarquei me no mar largo,
Já perdi vistas á terra,
Já não vejo senão ceo,
Água e vento que me leva.

(M.)

As ondas do mar são verdes,
Em todo o campo ha verduras,
Nas faces desse teu rosto
Pintou Deus a formosura.

(M.)

Já o mar bate na areia,
E as ondas na fortaleza,
Tambem meu coração bate
Onde não acha firmeza.

(Alg.)

Fui ao mar buscar lume,
Queimei-me numa faisca;
Os teus olhos me prenderam,
Quem ama a muito se arrisca.

(D.)

O meu amor quer-me tanto,
Que até ao mar me levou
Numa lanchinha de prata,
Ramos de oiro lhe deitou.

(Alg.)

As ondas do mar lá fóra
São pretas como o lemiste;
Se choraes porque não vêdes,
Alegrai-vos. que já viste.

(E.)

Embarquei no mar Vermelho
Com maré de vento sul,
Para ver se nos teus olhos
Eu achava o mar azul.

(E.)

Como és curioso,
Meu amor, procura
Quantas braças tem
O mar de fundura.

(E.)

Ailé,
Se queres vir, vem
Passar o Guadiana
P'r'ás bandas d'alem.

(A.)

Ailé,
Lá:em Badajoz
Passei o Guadiana
Na casa da noz.

(A.)

No meio do Campo grande
'Stá uma pedra lavrada,
Donde o meu amor descança
Quando vem de madrugada.

(E.)

As pedras, com serem pedras,
Sente' os golpes que lhes dão,
Como não hei de eu sentir
Essa tua ingratidão!

(M.)

Hei de amar a pedra dura,
Não te hei de amar a ti,
A pedra sempre me é firme,
Tu não o és para mim.

(E.)

O' anel de sete pedras!
O' anel de pedras brancas!
Como queres que eu te queira,
Se tu dás paleio a tantas!

(A.)

A folha da hera *atrèpa*
Por ser a mais diligente;

Estes meninos de agora
Quanto mais juram, mais mentem.

D.

C'o chá da herba cidreira,
E com a arruda em pó,
Nunca o diabo fez farinha
Em casa da minha avó.

E.

Silva verde á minha porta
Sem a ninguem semear!
Semeou-a algum vadio,
Com tenção de me enganar.

B. B.

Salsa significa gosto,
Eu que gosto posso ter?
Deixaste a mim por outro,
Inda te has de arrepender.

M.

O serpão é miudinho,
Eu bem o amiudei;
Desde muito pequenino
Sempre por ti suspirei.

M.

No alto de Santo Antonio
Vae uma silva nascendo,
Todos passam pela silva,
Só eu na silva me prendo.

Alg.

Dizes que não pode ser,
Eu tambem digo que não,
Silva verde dar um cravo,
Laranjeira um limão.

Alg.

Ha silvas que dão amoras,
Ha outras que dão *felores*:
Ha amores que são firmes,
E outros que são traidores.

B. B.

E's um valverde em altura,
Um girasol no brilhar,
Um cravo na formosura,
Uma rosa no cheirar.

(Alg.)

Os olhos de Anna parecem
Trigo malhado na eira,
Inda não 'stá semeado,
Já *verdega* na ladeira.

B. B.

Se fores ao meu jardim,
Corta a *felor* que quizeres,
Só te peço que nie deixes
A *felor* do mal-me-queres.

M.

D'antes, no tempo de inverno,
Não havia uma flor,
Agora não faltam rosas
Que offereça ao meu amor.

M.

Alecrim pertence ao sono,
Quem tem sono vae dormir,
Eu tenho sono e não durmo
Amor, p'ra te possuir.

Alg.

Não cuidei que o lirio roxo
Na borda d'agua seccasse;
Não cuidei que o teu amor,
Tão depressa me deixasse!

E.

O' lirio roxo dô campo,
Criado na primavera,
Desejava, amor, saber
A tua tenção qual era.

Alg.

Desgraçada malva roxa,
A folha mette terror!
Todos dizem que deixe,
Não quero, que és meu amor.

Alg.

Não ha cravo como o branco
Depois de secco e mirrado;
Este nosso bem querer
Parece por Deus decretado.

M.

Deitei o cravo no poço,
A rosa no chafariz;
O meu coração e o teu
Já vão criando raiz.

B. B.

Cravos da minha janella
Não dou a rapaz nenhum,
Folhinhas dou-as a todos,
Liberdades só a um.

E.

Toma la, que te dou eu,
Esta rosinha amarella,
E em troca quero ver
O que tu me dás por ella.

M.

Eu subi ao castanheiro,
Deixei-o bem varejado;
Sempre que a ti me chego
Eu fico enfeitado.

M.

Castanheiro, faz-me sombra,
Que eu abafa de calor;
Quem dera dormir um sono
Nos braços do meu amor!

M.

Olha como do ouriço
Espreita a linda castanha;
Dizes que namoro outra,
Oh que mentira tamanha!

M.

Nunca vi figueira preta
Dar o figo na raiz: ~~mas~~
Nunca vi moça de padre
Ser bem feita do nariz.

B. B.

Loureiro, verde loureiro,
Loureiro da vaidade;
Não se podem ter amores,
Por causa da falsidade.

Alg.

Hei de subir ao loureiro,
Chegar á mais alta folha;

Eu a respeito de amores
Tenho muito aonde escolha.

Alg.

Por mais que o loureiro cresça
Ao céu não ha de chegar;
Se me não fores ingrata,
Nunca te hei de deixar.

M.

O loureiro bate, bate,
Eu hem o sinto bater
Com os ramos no telhado
Quando o amor me vem vêr.

E.

Tendes loureiro á porta,
Que sombra tão regalada!
Como tendes boa fama,
Haveis de ser procurada.

M.

Loureiro, verde loureiro,
Loureiro da baga preta;
Da fama ninguem se livra,
Ao p'riço ninguem se metta.

M.

Tua baga, ó loureiro,
Alguem a ha de apanhar;
Quem tem o amor que eu tenho
Bem se pode regalar.

M.

Trigo louro, trigo louro,
Trigo louro da azinhaga,
Por causa do trigo louro
O loureiro é que o paga.

A.

Pecegueiro, dá-me um pecego,
Com a casca avelludada,
Quero dal-o de presente
A' minha bella namorada.

M.

O' minha açucena branca,
Meu pecegueiro molar,
Sempre foste, e has de ser,
Amor, da minha vontade.

B. B.

nhos. Uma cantiga popular de Barcellos diz:

«O Bom Jesus de Barcellos
Escreveu para o de Fão
E o de Fão para Mathosinhos,
Que todos tres são irmãos».

Apesar do templo e apesar dos incredulos, o milagre das cruzes tem continuado a repetir-se por ali perto, e se o leitor fôr a Barcellos no dia 3 de maio, á grande feira das Cruzes, verá como ainda hoje se procuram os sybillinos signaes na terra d'esse campo. Aconselhamol-o todavia a que não leve para lá o seu sorriso de incredulo, porque pude a alguém desejar convencel-o com as razões historicas apresentadas por Fr. Pedro de Poyares, padre Carvalho, Villas Boas e Sampaio, e outros não menos conspicuos auctores.

Contar-lhe-hemos um caso referido por Villas Boas. Em 1638, estando no atrio da capella do Santo Christo, Mathias Paes de Faria, a porfiar obstinadamente com outras pessoas, que ali estavam com elle — «que nas cruzes não havia milagre algum, mas que era uma veia natural de terra a côr e fórma das cruzes» - pareceu-lhe que cahia um orvalho do ceu e de repente perdeu a vista e... ficou cego!... mas logo tambem a vista lhe foi restituída, e a primeira coisa que viu diante de si no campo foi uma cruz de maravilhosa grandeza, com calvario e rotulo em cima, querendo Deus mostrar-lhe com tão prodigioso acontecimento que se enganava e que não havia duvida no milagre das cruzes.



MODO DOS PRETOS SE PERSIGNAREM:

Santa cruz chechê
Orá mundá.
Papá chini
A' muxá.
Na darê
E na crué.
Na Patrachá
E na Maié
Na Zeprítá
Na Santaché.



A FÉ É QUE NOS SALVA E NÃO O PÃO DA BARCA

Este anexim é o resto de um conto hoje totalmente esquecido em Portugal. Um conto popular veneziano narra como um individuo atacado de febre recebeu uma receita, que só ficaria cura lo se tomasse como remedio um pouco de páu da Cruz do Christo. O doente deu muito dinheiro ao da receita para lhe ir procurar a Cruz, mas o astuto mesinheiro foi gastar o dinheiro onde quiz e trouxe um cavaco de uma barca velha, que fez ferver em uma panella, dando depois ao doente a beber um xarope. O doente ficou livre das febres, e d'alli veio o proverbio veneziano:

*Siropo da Carcazea
La fevre descazza.*



FOLHINHA POPULAR

DISTRITO DE VIANA-DO-CASTELO

II

Aqui reúno outra dose de provérbios da espécie dos do artigo antecedente (*Rev. do Minho*, XX, col. 33-49), e mais se lhe seguirão.

No correr dêste escrito refiro-me amêude ao *Calendário Rural* do sr. A. Tomás Pires (Elvas, 1893) e a um artigo do mesmo illustre etnógrafo na *Revista Lusitana*, XIV, pág. 169-181,—arrimos excelentes para comparação e para se completar esta colheita de curiosos ditados.

Outros trabalhos, de que me socorri, vão também convenientemente citados.

*

* *

Janeiro

51—Cheias em Janeiro
redes ao fumeiro.

(Monção)

*

52—Os escalos em Janeiro
teem o sabor do carneiro.

(Monção)

Cfr. êstes citados pelo sr. A. Tomás Pires:

A) A pescada em Janeiro
vale carneiro.

(Cal. Rural, p. 12)

B) A pescada em Janeiro
vale carne de carneiro.

(Rev. Lus. XIV, p. 179)

*

53—Galinha deitada em Janeiro
vem pôr ao colmeiro.

[Ancora (Caminha)]

Em castelhano:

A) El pollo de Enero
á San Juan es poncedero.

Cfr.:

B) A galinha de Janeiro
vai pôr co'a mãe ao colmeiro.

citado, com outras variantes, no *Cal. Rural*, p. 13.

*

54—Coelho em Janeiro
ao pé do regueiro.

(Ancora)

Cfr. êste ditado incluído pelo sr. A. Tomás Pires na *Rev. Lus.* XIV, 179:

A) Em Janeiro
procura a lebre no lameiro
e o coelho à borda do regueiro.

*

55—Quem poda em Janeiro
vai beber ao regueiro.

(Ancora)

*

56—No mês de Janeiro
sube ao outeiro:
se vires terrejar
pon-te a cantar
se vires verdejar
pon-te a chorar.

[Castro-Laboreiro (Melgaço)]

VARIANTES:

A) No dia 2 de Fevereiro
subirás àquêle outeiro;
se vires terrear
põe-te a cantar,
se vires verdejar,
põe-te a chorar.
(Monção)

B) Em Fevereiro
sobre ao outeiro;
se vires verdejar
põe-te a chorar,
se vires terrear
põe-te a cantar.
(Ancora)

C) Em Janeiro
sobre ao outeiro,
se ouvires torrear
põe-te a cantar,
se vires nevar
põe-te a chorar.

[Beiral (Ponte-do-Lima)]

Cfr. as *variantes* que o sr. A. Tomás Pires inclui no *Calendário Rural*, pág. 6 e pág. 83 (apêndice); e ainda *Rev. Lusitana*, vol. X, pág. 223, 38), artigo «Tradições populares e linguagem de Vila-Rial», do sr. A. Gomes Pereira.

*

57—S. Sebastião
laranjas na mão.

VARIANTES:

A) S. Sebastião
laranjinha na mão
(Monção)

B) Pelo S. Sebastião
laranjas no c. te dão.
(Ancora)

O sr. A. Tomás Pires no *Cal. Rural*, p. 83 (apêndice) menciona:

C) Por S. Sebastião
laranjinha na mão.

Fevereiro

58—Entrudo ao soalheiro
Páscoa ao borralheiro.
[Perre (Viana)]

Cfr. (*in Cal. Rural*, pág. 35):

Se a Páscoa é a assoalhar,
é o Natal atrás do lar;
se a Páscoa é atrás do lar,
é o Natal a assoalhar.

cfr. ainda, pág. 80; 16) e 17).

*

59—No Entrudo
passa tudo

*

60—Em Fevereiro
mete obreiro.

Cfr. (*Calendário Rural*, p. 8):

A) Obreiro em Janeiro
pão te comerá
mas obra te fará.

B) Em Janeiro,
mete obreiro,
mês adiante
que não ante.

C) Em Janeiro
mete obreiro,
do meado em deante
que não antes.

Em Espanha:

D) En Febrero
mete obrero,
de la mitad adelante
que no ante.

Março

61—Março péla
Abril leva.

[Fiães (Melgaço)]

*

62—Os (cachos) de Março
não vão ao cabaço,
e os de Abril
vão ao barril

(Perre)

VARIANTES:

A) O vinho de Março
não enche um cabaço,
o vinho de Abril
enche um barril.

B) Cacho de Março
não vai ao cabaço.

(Áncora)

Em Barcelos:

C) Vinho de Março
não vai a cabaço.

*

63—Março, marçagão,
coro meadas,
esteiras não.

(Areosa)

«Um homem tinha uma mulher
que não fiava nada. E diz o ho-
mem:— Isto é uma vergonhal todas
as mulheres põem as meadas a côrar
e tu nada! Olha, põe tu umas estei-
ras a secar que de longe parecem
meadas.

Depois o homem pediu a um ve-
zinho a roupa emprestada e assim
disfarçado foi com um pau junto à
mulher e disse:

A) Eu sou o março marcete,
coram-se meadas
e não esteiras;
estroua cacete.

E deu-lhe uma coça.»

[Alvarães (Viana)]

(Cfr. *Rev. Lus.*, XIV, pág. 171)

B) Março, marçegão,
Cura meadas, esteiras não.

64—Março, marçagão,
de manhã cara de gente
à noite cara de cão.

VARIANTES:

A) Março, marçãõ,
de manhã cara de gato,
à noite cara de cão.

B) Março, marçagão,
de manhã cara de cão,
ao meio-dia enxameia a colmeia
à noite morre a ovelha.

[Castro-Laboreiro (Melgaço)]

C) Março, marçagão,
de manhã cara de cão,
ao meio dia cara de rainha,
à noite corta como foiceinha.

[Alvaredo (Melgaço)]

Na *Rev. Lus.*, X, 224, o sr. A.
Gomes Pereira menciona:

D) Março, marçegão,
pela manhã cara de cão,
ao meio dia cara de rainha,
à noite corta como uma foiceinha.

[Vila-Rial]

No *Cal. Rural*, pág. 24-25, o sr.
A. Tomás Pires cita estas variantes:

- E) Março, marcegão,
pela manhã rosto de cão
e à tarde de bom verão.
- F) Março, marcegão,
pela manhã cara de gato,
e à noite cara de cão.
- G) Março, marcegão,
pela manhã dia bonito,
à tarde um bom borregão.
- H) Março, marcegão,
pela manhã dia bonito,
à tarde cara de cão.
- I) Março, marcegão,
pela manhã focinho de cão
e à tarde sol de verão.
- J) Março, marçagão,
manhã de inverno
tarde de verão.
- L) Março, marcegão
pela manhã rosto de cão,
e à tarde de bom verão.
- M) Março, marcegão,
pela manhã cara de cão,
à tarde cara de rainha,
e à noite cavar co'a foicinha.
- Em espanhol há:
- N) Marzo, marceador,
de noche água
y de día sol.
- O) Marzo, marcerro
por la mañana rostro de perro
y por la tarde valiente mancebo.

Estes incluídos no *Año en la mano* (Barcelona) para 1908, p. 36.
E estoutros citados no *Cal. Rural*.
pág. 25:

- P) Marzo, marceador,
de noche água
y de día calor.

- Q) Marzo, marceador,
de noche llueve
y de día hace sol.

*

- 65—Março, mês quente,
traz o diabo no ventre

[Cubalhão (Melgaço)]

Cfr. o que ficou dito na *Revista do Minho*, XX, coluna 37, ditado 12).

*

- 66—O cuco a cucar,
a rôla a rolar,
a poupa a poupar,
pega no fole
e vai semear.

(Ancora)

*

- 67—Em Março
pegam-se os olhos como melaço.

(Perre)

*

- 68—Março
correu a mãe à pedrada.

(Monção)

*

- 69—*Autre* Março e Abril
se o cuco não vir,
o fim do mundo
está p'ra vir.

[Alvarães (Viana)]

Cfr. ditado 17) e variantes em espanhol e francês *in-Cal. Rural*, pág. 29, e ainda os ditados sobre o cuco *in-Rev. Lus.* pág. 171 e pág. 180.

Abril

70—No mês de abril
chia o porco no covil;
se chia, deixa-o chiar
que o Maio o há de quentar
[Castro-Laboreiro (Melgaço)]

*

71—Abril frio e molhado
enche o celeiro e farta o gado
(Monção)

Êste vem incluso no *Cal. rural*,
pág. 38.

*

72—Em abril
queima o lavrador o carro e o carril
(Monção)

Cfr. os citados no *Cal. Rural*:

N.º 19—pág. 37:

A) Se não chove em Abril
perde o lavrador o carro e o carril.
N.º 24—pág. 38:

B) Em Abril
queima a velha o carro e o carril.
N.º 15—pág. 28:

C) Em Março
queimou a velha o maço;
Em Abril
queimou a velha o carro e o carril;
e uma cama que lhe ficou
em Maio a queimou;
e ainda lhe ficou como um punho,
que acabou em Junho.

Cfr. ainda em castelhanó:

D) En Abril
quemó la moza el candil
y en Mayo
el escaño.

Em galego:

E) En Mayo
inda a vella queima o tallo.

(*in-Literatura gallega*, por Aldao,
Barcelona, 1911, p. 188)

*

73—No abril
vai a velha onde tem de ir
e torna ao seu covil
(Monção)

Cfr.:

A) Em Abril
vai onde hás de ir
e torna ao teu covil
(*Cal. Rural*, pág. 37)

B) Em Abril
vai onde hás de ir
e volta ao teu cubículo dormir.
(*Ibidem*, p. 38)

C) Em Abril
vai a velha onde quere ir
e a sua casa vem dormir.
(*Ibidem*)

Em Espanha:

D) Sereno de Abril
vete al mandao que verása venir.
(*Ibidem*)

*

74—No abril
deixa-me dormir.
(Monção)

Cfr. *in-Cal. Rural*, pág. 37, os
ditados n.ºs 16, 17 e 18, e ainda
(*in Rev. Lus. XIV*, p. 180):

«As manhãs de Abril
são doces de dormir.

Em Itália:

Aprile
Dolce dormire».

*

75—Em abril
côres mil.
(Ancora)

Refere-se aos trigais.

Maio

76—Maio põe a mãe ao sol e corre-a à pedra.

[St.^a Marta-de-Portuzelo (Viana)]
Cfr. o ditado 67).

*

77—Maio me molha
Maio me enxuga.
(Ancora)

*

78—Em Maio
quero-me erguer e caio.
(Monção)

Ou:

Em Maio
vou para me erguer e caio.

Cfr. os citados pelo sr. A. Tomás Pires:

A) Em Maio
ondequer eu caio
(*Cal. Rural*, p. 43)

B) Em Maio
ondequer eu caio (*diz a velha*)
guarda pão para Maio,
e lenha para Abril,
e o melhor tição
para o mês de S. João.

Junho

79—Pelo S. João
trepam ao forcão
(Ancora)

isto é: os gatos trepam aos postes
rematados em forquilha para soste-
vinhas.

*

80—Chovendo pelo S. João
até as pedras dão pão.
(Ancora)

Cfr.:

Chuvinha da Ascenção
as pedrinhas darão pão.

(*Cal. Rural*, p. 39)

*

81—Pelo S. Pedro
visita o teu olivedo,
se lhe vires um bago
valerá por um cento.
(Monção)

Cfr.:

A) Dia de S. Pedro
vê teu olivedo,
e se vires um grão
espera por cento.

(*Cal. Rural*, p. 52)

B) Dia de S. Pedro
vê teu alivedo,
e se vires um bago
espera por cento.

(*Rev. Lus.* XIV, 181)

*

82—Em Junho
tira-se com o punho,
em Agosto
com o suor do rosto.
(Ancora)

Refere-se à cortiça.

*

De uso geral é o ditado:

83—Uma andorinha
não faz verão.

Em italiano:

A) Una rondine non fa primavera.

Em francês:

B) Une hirondelle ne fait pas le printemps.

Em inglês:

C) One swallow makes no summer.

Em alemão:

D) Eine Schwalbe macht keinen Sommer.

Registados na *Dottrina popolare*, por Sessa (Milão, 1891), pág. 206-207.

L. Martel regista no *Petit Recueil des Proverbes français*, s. d. (2.^a ed.), pág. 286:

Unica hirundo non efficit ver.

Julho

84—No S. Tiago
semeia o nabo.

(Monção)

Agosto

85—Ou este nabo é meu
ou foi semeado pelo S. Bartolomeu.

(Ancora)

Tem a seguinte história:

«Um homem era quem tinha os melhores nabos, muito grandes, não sabendo ninguem como era que ele arranjava nabos assim.

Esse homem depois cegou e uma vez puseram-lhe nas mãos um nabo grande e o homem, apalpando aquêlo nabo igual aos seus, disse, traindo o segrêdo:

Ou este nabo é meu
ou foi semeado pelo S. Bartolomeu.

Os nabos semeados por este tempo são os melhores».

86—Em Agosto
secam os montes,
em Setembro as fontes
ou leva açudes e pontes.

(Ancora)

Cfr.:

A) Em Agosto os montes [*secam*],
em Setembro as fontes.

(*Cal. Rural*, p. 62)

B) Setembro
ou seca as fontes
ou leva as pontes

(*Ibidem*, p. 64)

C) Setembro,
ou seca as fontes,
ou leva açudes e pontes.

(*Ibidem*)

D) Em Setembro
ardem os montes
e secam as fontes.

(*Rev. Lus.* XIV, 182)

- E) Fevereiro
seca as fontes
ou leva as pontes.
(Cal. Rural, p. 22)
O sr. A. Gomes Pereira indica
[«Tradições populares e linguagem
de Vila-Rial»] *in-Rev. Lus.*, X, p.
224 e p. 225:
- F) Fevereiro
ou seca as fontes
ou leva as pontes.
- G) Em Agosto
secam as fontes,
e em Setembro
ardem os montes.
Em castelhano:
- H) Septiembre,
ó lleva las puentes,
o seca las fuentes.
Em francês (*Rev. Lus.* XIV.
176):
- I) Septembre
Emport le pont
Ou tarit les fontaines.
*
Setembro
87—Em Setembro,
levanta-se o mar na pá do remo.
(Ancora)
Quere dizer que embravece de
repente.
*
88—Ferve o vinho,
ferve o mar.
(Ancora)
- *
89—Vinho no pio
favas no faval.
(Ancora)
Pio=pia para onde vai o vinho
do lagar.
*
90—Assim como vires os favais
verás os trigos.
(Ancora)
*
91—Pelo S. Mateus
vindima com Deus.
(Monção)
Cfr. *Cal. Rural*, p. 64-65.
*
92—Têmporas de S. Mateus
mudá-las só Deus.
(Monção)
*
93—Em Setembro,
colhendo e comendo.
(Ancora)
Registado sob a mesma forma no
Cal. Rural, p. 66.
Outubro
94—Pelo S. Simão e S. Judas,
já tiradas são as uvas.
(Monção)
Cfr. [*Cal. Rural*, p. 68];
Por S. Simão e S. Judas
colhidas são as uvas.

Em castelhano:

Por San Simon y Judas
Cogidas son las uvas.

*

95—Cheias de S. Simão
antes ou depois faladas são.

(Monção)

96—Quem planta a vinha no outono
tem um ano de abôno.

(Ancora)

Cfr. (na *Rev. Lus.* XIV, 183):

Quem planta no outono
leva um ano de abôno.

Dezembro

97—Pela Conceição
começa o carro *chião, chião*.

(Ancora)

*

98—Santa Luzia
no seu dia
tira os olhos a quem fia.

(Monção)

*

99—O que se não faz no dia de St^a Luzia
faz-se noutro dia.

Cfr. *Cal. Rural*, p. 79, ditado
5) e pág. 74, ditado 15), que é:

O que se não faz
em dia de Santa Catarina
se faz ao outro dia.

*

100—Nos Santos Inocentes
não moa o teu moínho
nem o dos teus parentes.

(Monção)

*

101—Pito do inverno
é pito do inferno.

(Ancora)

Viãna-do-Castelo, abril de 1912.

CLÁUDIO BASTO



O POVO PORTUGUEZ

Brandos por temperamento e faltos de imaginação creadora, a nós o raciocínio não nos vòta por grandes extensões e os males distantes não nos excitam facilmente á reacção. Parece que a influencia do sangue arabe que nos corre nas veias e a ardencia dos varios climas a que se sujeitou a nossa raça na época das descobertas e conquistas nos carregaram d'uma preguiça característica que nunca mais nos deixou. Tornámo-nos um povo de fracos, sem energias para sermos bons nem maus. Deixamos correr o marfim; os que venham atraz que se arranjem. E' toda a nossa philosophia practica.

A lei do *mínimo esforço e inercia mental*—cujo conhecimento está tão vulgarisado nos modernos estudos psycho-physiologicos,—tem tido sobre nós uma particular influencia.

O horror das analyses e de-

monstrações successivas creou na historia portugueza uma indefinida serie de adagios que são uma verdadeira encyclopedia sobre todas as manifestações da vida. Não teem conto, e nenhuma das outras nações nos excede no genero.

Por um facil processo associanista generalisamos tudo para nos não incomodarmos com coisa alguma. Resultado final: é termos adagios, para o que se queira, a favor e contra. Afim de o reconhecer, consultemos, por exemplo, além de varios dictionarios e outros livros que d'elles fazem resenha consideravel, a *Feira de anexins*, de D. Francisco Manoel de Mello e sobretudo a paciente collecção *Adagios, Proverbios, Rifjes e Anexins da lingua portugueza*, publicada em 1780.

É realmente synthomatico d'indole tudo o que d'ahi se conclue, principalmente depois das brilhantes elucidaciones dadas pelo illustre escriptor italiano Guglielmo Ferrero no seu livro *Simboli*, em que se demonstra claramente, por uma escrupulosa analyse, que todas as expressões symbolicas são uma applicação da lei do *minimo esforço e inercia mental*. N'essa demonstração foi Ferrero inspirado e animado pelo livro *Saggio sui segni*, de Paolo Marzolo.

Ora, sendo a nossa raça das mais ricas em adagios e proverbios, evidente se torna que somos tambem d'uma maior inercia mental. E, como as creações de espirito exigem sempre mais ou menos uma grande agitação de hypotheses e uma continuada persistencia de raciocinios que vão caindo uns atraz dos outros, ahi se encontra o principal motivo de escassez d'imaginação creadora na nossa raça. Claro resulta que falamos na generalidade.

(Do jornal *O Districto de Portalegre*).



DISCUSSÃO DAS FORMAS DA POESIA POPULAR PORTUGUEZA (Excerptos)

O *Fado* é o rimance popular, em que a acção não é tirada da vida heroica, mas uma narração detalhada e plangente dos successos vulgares, que entretecem o existir das classes mais baixas da sociedade. Ha o *fado do marujo*, da *Severa*, do *Soldado*, e o do *Degredado*, em que falla das *moças da vida*; teem a continuidade do *descante*, seguindo fielmente uma longa narrativa, entremeada de conceitos grossei-

ros, e preceitos de moralidade com uma forma dolorosa, observação profunda na descrição dos feitos, graça despretenciosa, com uma monotonia de metro e de canto, que infunde pesar, principalmente na mudez ou no ruído da noite, quando os sons saem confusos do fundo das espeluncas, ou misturados com os risos dos lupanares. O rythmo do canto é notado com o bater do pé e requebros desenvoltos; a dança e a poesia auxiliam-se no que se chama *bater o fado*. Dos caractêres que temos apontado, principalmente de narrativo, é que vem a designação a esta fôrma; de *Fato* ou *facto*; a canção de *gesta* da idade média, acompanhando as transformações sociaes tornou-se o *Fado* moderno. D'esta côr sível de fatalidade, que ha na poesia do povo, pareceria talvez provir o nome á fôrma, que mais se inspira d'esse sentimento. É uma analogia falsa. Chama-se *fudista* ao vagabundo nocturno que anda cantando essas cantigas; nome que vem do velho francez *futiste*, poeta, quo mr. Edelestand du Méril pretende que tivesse vindo do islandez, *fata*, vestir, em vez do grego *phatisein*, que suppõe tradição crudita de mais para se tornar popular. (1)

(1) Du Méril, Histoire de la Poésie Scandinave, pag. 290 not. 1.

Na poesia popular as composições mais extensivas ou rimances, são apenas resadas; quasi sempre entre o povo, a poesia e a musica não se separam, o repentista improvisa cantando. A redondilha octosyllabica é de todos os metros o mais frequente porque nunca sae fóra do compasso pela adjuncção das *neumas*; a musa popular não conhece metrificacção mais natural. O verso *trissyllabo* e *endecasyllabo* são defeituosos despídos do canto; o seu uso denota quasi sempre origem litteraria na canção. Os romances em endecasyllabos ou em *endexas* inteiramente populares são raros; conhecemos apenas o de *Santa Iria*, o *Cego* e a *Linda a Pastora*, que ultimamente recolhemos; eil-o um tanto inferior á lição de Garret, mas tal como anda na versão do Minho:

A APOSTA OU LINDA A PASTORA

«Deus te salve Rosa, cravo, seraphim,
Linda pastorinha que fazeis ahí?

— Procuo o meu gado que eu aqui perdi.
«O teu gado Rosa trago eu aqui.

— Não é homem honrado que dá tal conselho,
Que quer que eu perca o gado alheio.

«O gado alheio não quero que percas;
Quero que durmamos um pouco a sesta.

— Viá-se embora homem, não me dê tormentos;
Não o posso vêr nem por pensamentos.

Vá-se embora homem não me dê mais penas,
Que lá vem meus amos trazer-me a merenda.

Se lá vem seus amos venham eles amhos,
Quero que elles saibam que nós nos falamos.

—Elle ha de perguntar em que me occupעי;
N'uma nuvem d'agua toda me molhei.

Que assim anda o grave com meia de seda
Olhe não a rompa por essa resteva.

«Meias e vestido tudo romperei
Pela pastorinha que eu aqui achei.

Já me vou embora pela cerra a cima,
Linda pastorinha dá-me a despedida.

—Torna a traz mancebo que eu já me arrependo
O amor é cego, já me vae rendendo.

«Saibas pasterinha que eu sou teu irmão.»
—Irmão da minha alma, peço-te perdão.

«Cal'-te pastorinha não digas mais nada,
Que a aposta que eu fiz ella está ganhada.»

O *epitheto*, é a palavra que pinta; o processo artistico que dá energia, colorido ao estyllo; o grande segredo e a sublimidade da poesia popular está na ignorancia do que canta se elevar pela verdade do sentimento á mesma energia, movimento e colorido sem se servir d'estas amplificações, rhetoricas, que desnaturalam quasi sempre a dicção. Das mil cantigas soltas que temos recolhido, cada qual mais sublime pela imagem inexperada ou pela graça ingenua e nativa, apenas ternos encontrado como *epithetos* as palavras *lindo, bello fino e triste*, como côres geraes e typicas que apparecem continuamente. E este um dos caracteristicos da poesia popular em

todos os tempos; na poesia dos homerides, Juno é sempre a deusa *de olhos de boi*, Minerva a *de olhos verdes*, e segundo a opinião profunda de Du Méril, a persistencia de Virgilio em chamar incessantemente no seu poema *pius Eneas e divus Anchises*, denota a existencia de tradições populares sobre as origens troianas (2)

O que mais se ademira na poesia do povo, á medida que se penetra n'este mysterio de creação espontanea, é sobre tudo, a grande verdade. Sempre este principio eterno de Vico. — *Homo non intelligendo fit omnia*. As metaphosas, com que elle dá a sua alma ás cousas inanimadas, com que as assimilla a si para exprimir tudo o que sente, mesmo o mais espirital traduzido pelas imagens mais concretas, são uma fatalidade das facultades poeticas que se envolvem na sua ignorancia creadora. (3) O povo tira as *imagens* dos phenomenos que mais lhe ferem os sentidos; é como na primitiva

(2) Poesias populares latines antieures, au xii siècle, pag. 8, nota 6.

(3) Desenvolvido no meu livro da *Poesia do Direito*, onde se trata das cathogorias symbolicas, cap. v, pag. 49.—Vico, *Sienza Nuova*, lib. II, Colloll. sobre os tropos, e transformações etc.

poesia da India; o sol e as estrellas têm uma animação egual á sua, amam do mesmo modo, por isso se comprehendem:

O sol prometeu á lua
Uma fita de mil côres;
Quando o sol promete á lua
Que fará quem tem amores.

Ha aqui a fatalidade de genio oriental, aquella imaginação e pantheismo que caracteriza a grande raça indo-européa a que pertencemos.

A' tua pôrta menina
Dei um um ai que nunca dêra
Reco heram-se as estrellas,
Saiu o sol á janella.

As éstrellas pequeninas
Fazem o céu bem composto,
Assim são os signaes pretos
Menina n'esse teu rosto.

As flores, os rios, os frutos dos campos, tomam parte n'este dilúvio de amor; é com elles que povôa o mundo de sentimentos que se expande na sua alma. As flores são a sua eloquencia muda, já que a linguagem não lhe exprime as cambiantes mais intimas das suas emoções; é aquelle genio oriental servindo-se do Salem:

O SALEM OU LINGUAGEM DAS FLORES

Toma lá este raminho
Com quatro castas de flores;
Todas quatro significam
Parte dos nossos amores.

O verde que elle levava
Quer dizer firme esperança;
Já tenho ouvido affirmar
Quem espera sempre alcança.

O roxo que elle levava
Significa o sentimento
Que já trago no meu peito,
Meu amor, ha tanto tempo.

O azul que elle levava
Significa os ciúmes;
Se tu de mim queixas levas
Eu de ti levo queixumes.

O branco que elle levava
Significa virgindade.
Quando me fallam no ramo
Meu coração se me abre.

Toma lá este raminho
Com ponta de silva dentro;
Tambem leva lirio roxo,
Significa apartamento.

Toma lá este raminho,
Leva amoras que é de luto;
Quem tem seu amor ao longe
Por certo que soffre muito. (4)

As *imagens* são frequentissimas na poesia do povo; não como luxo, nem com a novidade procurada dos poetas eruditos; a simplicidade d'ellas, tiradas dos proprios factos da vida, é que lhes dá a graça inexperada, a sublimidade, o colorido; o povo usa-as sempre como symbolos, e é por isso que algumas tem o arrojo de quem se não sacrifica

(4) Cantigas recolhidas na Beira e extraídas da minha collecção intitulada: *Sylva de cantigas soltas*, inédita.

à eurythenia da arte, porque a não conhece. Cada vez, ao passo que vou progredindo n'este trabalho, me convenço que a verdade da poesia popular só pôde ser comprehendida por uma grande aspiração á verdade.

O *descante* é a cantiga continuada sobre o mesmo sentimento; serve-se quasi sempre de um *estribillo* e imagem unica nas emoções differentes. É mais do improviso, e é o nome dos cantos das romarias, dos desafios ou desgarrada, das serenadas. A *cantiga* é essencialmente destacada, a nada se prende; tem ordinariamente um ar frivolo, tirando as imagens dos objectos que cercam o improvisador; muitas vezes não tem sentido, nem conceito; as rimas ou *tautes* são apenas como uma musica da palavra para acompanhar o scismar descuidado, ou suavisar a fadiga do trabalho. As melhores cantigas, que perderam já o character da individualidade, e pertencem a todos os que as repetem, exprimem sempre um sentimento vivo, luminoso, expresso em uma fórmula feliz. A *quadra* é essencialmente epigrammatica. A cantiga perfeita é ao que modernamente se chama *distico*, allusiva e picante, mas sobretudo melancolica. A *canção* differe da cantiga em ser mais individual; o povo só a faz sua, collaborando n'ella

por meio da *variante*, com que a vae transformando até exprimir a géneralidade do que sente.

Nem sempre é a redondilha menor, o octo syllabo espontaneo, o verso fallado por assim dizer, accentuado pelo rythmo da respiração; muitas vezes tem um metro procurado, não indicado pelo canto, mas só por um certo conhecimento das harmonias da lingua, e tanto que as estrophes fogem da simplicidade da quadra.

Agora nos lembram algumas considerações sobre os *improvisadores*, que, sem pretensão philosophica, apresentamos. É principalmente entre o povo que apparecem estas naturezas privilegiadas em quem a *idea* e a *expressão* se harmonisam de tal forma, se coadjuvam, se completam, que suspendem de pasmo quem as escuta. As circumstancias do clima e de raça influem sobre este facto do espirito. Quem se não sentirá poeta contemplando o bello céu de Italia, o ar melancolico e saudoso da Peninsula. É no Meio Dia que se alevantam mais improvisadores; esses cantares, metrificados pela cadencia musical, inspirados pelas contrariedades dos amores, pela fatalidade da miseria afogada no entusiasmo bacchico, se encontra um elemento humoristico, o dito acerado de ironia, instantanea-

neo, lucido, sacrificando quasi sempre a um gracejo o sentimento mais puro da alma. Em todos os improvisadores predomina o character aggressivo; os melhores lampejos do genio de Bocage são os seus repentés, as quadras mordazes; era a musa popular que o inspirava n'esses instantes. O Lobo da Madragoa sacrificava a gratidão, o interesse proprio, o amigo mais devotado a um chasco feliz do conceito. O repentista tem a ignorancia creadora, a não consciencia dos sentimentos que o transportam. A quadra é tambem a fórma mais facil e prompta. A improvisação é o momento da genese intellectual em que os sentidos prestam menos elementos á idéa, em estado de passividade, como nos phenomenos psydicos do extasis. A grande verdade da poesia popular está em ser profundamente sentida.

THEOPHILO BRAGA



CANTOS POPULARES PORTUGUEZES

III

O HOMEM E A SOCIEDADE

Eu não sei se isto é sorte,
Ou se é só por sympathia:
Em não 'stando á tua vista
Já eu não tenho alegria.

(Alg.)

Quem vem aqui de tão longe,
Em risco de se perder,
Saltando muros e serros,
Meu amor, só p'ra te vêr?

(Alg.)

Os olhos do meu amor
São honitos, benza-os Deus,
Se os deitarem a lança,
Por todo o preço são meus.

(Alg.)

Acorda, se estás dormindo,
Chega, meu bem, ao balcão,
Vem ver quem por tí suspira,
Minha rosa em botão.

(Alg.)

A tua bocca é 'ma rosa,
Cada face é um botão,
No teu peito 'stá um vaso
Co'a raiz no coração.

(Alg.)

Meu anel da pera verde,
Ganhadinho ao luar,
Hei de amar a quem m'o deu,
Arrebente quem falar

(Alg.)

Eu hei de mandar fazer
Um castello com dois muros,
Para prender os teus olhos,
Que inda os não tenho seguros.

(Alg.)

As telhas do meu telhado,
As pedras do meu muro,
Essas são as testemunhas
Das vezes que te procuro.

(Alg.)

Nesta rua vou entrando,
Alegres são moradores,
Dando vistas aos meus olhos,
Alegria aos meus amores.

(Alg.)

Se o amor é contrabando,
Eu quer' ser contrabandista;
Namoraram-me os teus olhos
Logo á primeira vista.

(Alg.)

Amar te, não é só isso,
Que eu tenho quem me embarce,
Ha muito que eu era tua
Se a minha mãe me deixasse.

(Alg.)

A' segunda te vou ver,
A' terça te quero bem,
A' quarta morro por ti,
A' quinta por mais ninguém.

A g.

Prima do meu coração,
'Stima bem o meu amor,
Que eu estimarei o teu
Se elle á minha casa for.

(Alg.)

Quero bem á minha sogra
Que é a mãe dos meus amores,
Para mim 'steve creando
Um ramalhete de flores.

(Alg.)

Maria, terna Maria,
Vamos ao mundo, que é nosso,
Quer' trazer-te no c'ração,
Já que lograr-te não posso.

(Alg.)

Se eu fosse fita da moda,
Meu amor tambem não é,
Andaria sempre ao peito
D'ell' que se chama José.

(Alg.)

Recordando-me o teu nome,
Sobre um tronco o escrevi,
Como louca o fui beijando,
Julguei dar um beijo em ti.

(Alg.)

Chapeu preto, chapeu preto,
Essa fita não é tua;

Tira te d'ahi do sol,
Não 'stejas ahi na rua.

(Alg.)

Que lindo botão de rosa
Que eu levo á minha canhota!
Que linda sombra que faz!
Que bello cheiro que bota!

(Alg.)

Tens olhos d'amora preta,
Tens faces d'amendoa branca,
Como te posso eu deixar,
Se o teu rosto me encanta?

(Alg.)

Nasce o sol para adorar-te,
Dá volta ao mundo por vêr-te,
Quando o sol deseja amar-te
Como não hei de eu querer-te?

(Alg.)

Mandei fazer um castello,
Os alicerces são d'ouro,
As chaves de diamante,
Para fechar teu namoro.

(Alg.)

Tenho um amor, tenho dois,
Tenho tres para escolher,
E' moreno, preto, e louro,
Ao louro me hei de render.

Alg.

Dizes que as minhas mãos picam
Ao pé das tuas mimosas,
Tambem as rosciras picam
A quem vae colher as rosas.

(Alg.)

Tens olhos de seda preta,
Tens rosto de amendoa doce,
Dizem que eu que te namoro,
Prouvera a Deus que assim fosse!

(Alg.)

Gosto muito de olhos pretos,
Olhos leaes, verdadeiros,
Gosto muito dos teus olhos,
Olhos pretos, feiticieiros.

(Alg.)

Quem disser que o preto é triste
Hei de lhe dizer que mente:
Meu amor tem olhos pretos,
Alegres p'ra toda a gente.

(Alg.)

Os teus olhos, lindos, lindos,
Os teus olhos lindos são,
Os teus olhos, lindos, lindos,
Captivam meu coração.

(Alg.)

Não tenho sceptro, nem c'róa,
Nem joias p'ra te off'recer,
Tenho um leal coração,
Que te adora até morrer.

(Alg.)

Antes da noite ser noite,
Antes do dia ser dia,
Já meu coração te amava,
Minh'alma por ti morria,

(Alg.)

Aqui tens meu coração,
Mette a mão, tira-o com geito,
Lá verás que amor tão grande
Num palacio tão estreito.

(E.)

Que lindo jasmim d'Italia
Que eu tenho á mão direita!
Que lindo cheiro que tem!
Que raios d'amor que deita!

(E.)

Meu lindo jasmim d'Italia,
O meu coração é vosso,
Dei-te vida, dei-te tudo,
Alma não, porque não posso.

(E.)

A' vista da Bella vista
Socega meu coração;
A' vista d'esses teus olhos,
Não pude dizer que não.

(E.)

Tenho dentro de meu peito
O que eu não posso dizer:

Um bocadinho de affecto
Que me faz enlouquecer.

(E.)

De noite tudo são sombras,
Lá mesmo te irei buscar,
Já que eu de dia não posso
Tuas falas alcançar.

(E.)

Chamaste-me *fala-só*,
Oh que falsa opinião!
Estava a falar contigo,
Falando ao meu coração.

(E.)

O meu amor é um frança,
Mas diga o quem o conhece,
Haverá outro mais frança,
Mas a mim não me parece.

E.

Um raminho, dois raminhos,
Cada qual de sua cor,
Que não ha oiro, nem prata,
Que lhe pague o seu valor.

E.

O meu amor é rapaz,
Eu tambem sou rapariga,
Namorou-me de pequena,
Ha de me dar boa vida.

E.

Veubo da Ilha dos vidros,
Dos crystaes e diamantes,
Por esses mares perdidos,
Por ver teus olhos brilhantes.

E.

Acordae, meu bem dormido,
Desse sono em que estaes,
Vinde ver vossos amores,
Que vos vem buscar com ais.

E.

Esses teus olhos, menina,
Virão a ser o meu fim,

Não se faça tão tyranna,
Compadeça-se de mim.
E.

O' rosa vem tu comigo,
Deixa ficar a roseira,
Irás para onde eu fôr,
Serás minha companheira.
E.

Quando abres os teus olhos
Parece que nasce o dia:
Fui cêguinho até agora,
Antes de os ver, nada via
E.

Que lindos olhos que tens
Por baixo do teu chapéo!
Parecem balanças d'ouro
De pesar almas no ceo.
E.

Tenho o meu peito aberto
Para quem quizer entrar,
Se tu és o meu amor,
'Stás em primeiro logar.
E.

Sou cego, não de nascença,
Ceguei apenas te vi:
Quem ama é cego d'amores,
Sou cego de amor por ti.
E.

Quero-te muito e bem,
Mas não é demasiado,
Querer-te bem é doidice,
Querer-te mal é peccado.
E.

Tendes o dentinho raro.
Metteis o cravo no meio,
Se vós *morrereis* em graça,
Ireis com todo o asseio.
(B. B.)

Tendes garganta de neve,
Nella se pode escrever,
Oh quem fora estudantinho,
Que nella aprendera a ler!
(B. B.)

Antoninho, meia branca,
Passeia toda a cidade,
Sempre foste e has de ser,
Amor, da minha vontade.
(B. B.)

Defronte de mim 'stão olhos,
Mas eu vël-os, inda não,
Pelo resplendor que deitam
Reconheço de quem são.
(B. B.)

Manoel, Manoelzinho,
Cara linda, sem signaes,
Essa seja a sepultura
Onde se enterrem meus ais.
B. B.

Não me namorei de ti,
Nem da tua formosura,
Namorei-me do asseio
Que trazeis pela rua
B. B.

Os meus olhos são pedidos,
Os meus olhos não se dão,
A quem eu der os meus olhos
Darei o meu coração.
B. B.

Trazeis o chapeo baixinho,
Mandae o arredondar,
Que debaixo d'elles andam
Dois olhos a namorar.
B. B.

Alfinetes são amores,
Eu julguei de nunca os ter,
Achei coisa de meu gosto,
Foi causa do meu render.
B. B.

Não me namorei de ti,
Nem da tua branquidão,
Namorei-me dos teus olhos
Que tão fagucirinhos são.
B. B.

Dá-me de lá um adeus,
Amor, de quando em quando,

De modo que não perceba
A gente que anda no bando.

B. B.

Tenho defronte a quem amo,
Não quero mais nesta vida
Que ser amada de um anjo
E d'um seraphim querida.

B. B.

Coimbra nobre Coimbra,
Coimbra, nobre cidade;
Sempre foste e has de ser,
Amor, da minha vontade.

B. B.

Quero bem aos Antonios,
Muito mais aos Manoels,
Que os trago em meus dedos
Reformados em aneis.

B. B.

O' desvelo dos sentidos,
Aguilha de marear,
'Strella por onde me guio
Quando te quero falar.

B. B.

Já me davam a escolher
D'aquellas tres que ahí vão.
A de verde não a quero,
A de azul não m'a dão,
Quero a do vermelhinho,
Que me alegra o coração.

B. B.

O' José, ó cacho d'uvas,
Oh quem te depinicara!
Quem me dera uma casinha,
Onde contigo morara!

(M.)

O teu cabello entrançado
Diz bem de toda a maneira,
Quem me dera tel-o breve
Sobre a minha travesseira!

(M.)

Não te vás já tão depressa,
Assenta-te ao pé de mim,

Dormiremos um soninho
Nesta cama de capim.

(M.)

Eu não sei que sympathia
Minh'alma contigo tem:
Não me pede o coração
Senão que te queira bem!

(M.)

Tudo quanto o mar encerra,
Tudo quanto a terra cria,
Tudo é nada neste mundo
Sem a tua companhia.

(M.)

Dá-me um sim, que já é tempo,
Não digas sempre que não:
Dá-me um sim da tua boca,
Dá-me um sim do coração.

(M.)

Os teus olhos, ó menina,
Que tão fagueirinhos são,
Logo á primeira vista
Prenderam meu coração.

(M.)

Parece-me inda estar vendo
Aquella noite de v'rão,
Em que fizemos a troca
Do teu p'lo meu coração.

(M.)

Nem teu pae, nem tua mãe,
Teu avô e tua avó
Te podem fazer feliz,
Como te farei eu só.

(M.)

Não tenho ainda amores,
Nem tenção de os tomar,
Se eu os chegar a ter
Terás o primeiro lugar.

M.

Olhos pretos lisonjeiros,
Contrarios ao meu viver,
Andam numa roda viva,
Que me deitam a perder.

M.

Que te amo, bem o sabes,
Torna a culpa aos teus agrados,
Só quem te não conhecer
Deixará de ter cuidados.

M.

Mariquinhas dá-me um beijo
Meu desejo finda aqui,
Dou-te em troca minha vida,
Se pedida fôr por ti.

M.

As pragas que eu te rogo
Permitta Deus que te alcancem:
Que teu coração e o meu
Na mesma cama descancem.

M.

Graças a Deus para sempre!
Já vi a quem eu queria,
Já se desfez a nuvem
Que meu coração trazia.

M.

Somos dois amantes firmes,
Gerados do mesmo pó,
Tu és meu, eu sou tua,
Somos dois, somos um só.

M.

O' meu amor da minh'alma,
Põe aqui a tua mão,
Ouvirás as pancadinhas
Que dá o meu coração.

M.

Não ha branco como a neve,
Nem verde como a ortiga,
Olha que te quero bem
Inda que nada te diga.

M.

Lindos olhos tens, menina,
Se não fossem levianos,
Onde chegam, logo prendem
Com palavrinhas de enganos.

M.

Querer bem não é peccado,
Nem o confessor o dieta,
Peccado era deixar
Rapariga tão bonita.

M.

Os olhos da tua cara
Parecem-se com os meus,
Mas ha já bastantes annos
Que todos quatro são teus.

M.

O' Rosa, se tu és rosa,
Não me firas c'os espinhos,
Antes me mates, Rosinha,
Com os teus ternos carinhos.

M.

Tendes os olhos pretos,
Embora sejam fataes,
Só por elles estremeço,
Não vejo outros iguaes.

M.

Repara bem, meu amado,
Olha para o peito meu,
Unâmos as nossas almas,
Voemos ambos ao céu.

M.

Teus olhos são penetrantes,
Que nem fital-ós convém,
São meigos, são feiticeiros,
E são tyrannos tambem.

M.

Despacha-me, ó menina,
Esta minha petição:
Guarda junto ao teu peito
O meu triste coração.

M.

Toma lá este raminho,
Inda agora foi collido,
Entre folhas e folhinhas
Vae meu coração mettido.

M.

Quando tu fores á missa
De collete carmesim,
Não te vás ajoelhar
Muito distante de mim.

M.

D'aqui onde estou bem vejo
Duas meninas iguaes,
Se quizer dizer, bem sei
A qual d'ellas quero mais.

M.

Talvez que nem o rei
Queira tanto á rainha,
Como eu te quererei,
Se chegares a ser minha!

M.

Quem me dera, ó menina,
Que eu te pudesse dar
Uma casa ao pé da minha,
Onde tu foras morar!

M.

Estou preso, e bem preso,
Esta prisão eu venero,
Preso ao teu coração,
Melhor prisão eu não quero.

D.

Disseste que me não q'rias,
Porque eu era desordeiro,
Aqui me tens a teus pés
Mansinho como um cordeiro.

M.

Todo o captivo deseja
Seu captiveiro perder;
Mas eu, captivo por ti,
Captivo quero morrer.

D.

Oh que lindos olhos tem
A filha da moleirinha!
Que mal empregados olhos
Andar' ao pé da farinha!

D.

Tenho mandado fazer,
Eu não sei se estará feito,
Um anel para o meu dedo,
Um laço para o teu peito.

D.

Os olhos d'aquella, aquella,
Os olhos d'aquella, além,
Os olhos d'aquella, aquella,
São os olhos do meu bem.

(A.)

Na rua dos Sapateiros,
Logo alli ao pé da praça,
Vejo eu dois lindos olhos,
Que captivam a quem passa.

(A.)

Na rua do Tabolado,
P'ra baixo, p'ra cima não,
P'ra cima está meu sentido,
P'ra baixo meu coração.

(A.)

Adeus rua dos Fagundes,
No meio tens um letreiro,
Onde vão os moços todos,
Meu amor é o primeiro.

(A.)

A rua de S. Lourenço
E' custosa de subir,
Mas quem nella toma amores
Tem por força de lá ir.

(A.)

A rua do Escorregadio
Ao meio tem um letreiro,
Quem por lá tiver amores
Tem que andar c'o pé ligeiro.

(A.)

A rua do 'Sp'rito Santo
Está cercada de fitas,
A' porta da minha sogra
E' que estão as mais bonitas.

(A.)

A rua de S. Francisco
No meio faz um compasso,
Todos passam, não se prendem,
E eu só cahi no laço!

(A.)

E' na rua da Cadeia
A rua da bella vista,
Que habita o meu amor,
Que é filha d'un bom artista.

(A.)

Amanhã é domingo,
É quem m'o dera já cá,
Para ver o meu amor
De saude como está.

(A.)

O meu coração, amor,
E' 'ma pedra de lavar,

Nunca me esqueço de ti,
Ande lá por onde andar,
(A.)

Se te chamasse, não vinhas,
Se me chamasses, eu ia,
Que são sempre meus desejos
Vêr-te cem vezes ao dia.
(A.)

Hei de te amar, ó meu bem,
Hei de te amar que é meu gosto,
Só pelos signaes que tens,
Os olhos á flor do rosto.
(A.)

A mim não me custa
Subir a ladeira,
Sómente receio
Que o teu pae não queira.
(A.)

O' Laurindinha
Tu és o meu amor,
Andas coradinha,
Não é do calor.
(A.)

Quem me dera estar
No teu coração,
Como está o summo
Dentro do limão.
(A.)

Ailé,
Lá na missa nova
Vi uma santinha
Que me leva á cova.
(A.)

Ailé,
Rua d'Alcamim,
Este meu amor
Dá cabo de mim.
(A.)

Ailé,
Monte do Gaião,
E' alli que tenho
A m'nha perdição.
(A.)

Ailé,
Viva o malmequer,
Que inda hontem me disse
Que tu bem me queres.
(A.)

Ailé,
Carrinho de linhas,
Essas sobranceilhas
Inda hão de ser minhas.
(A.)

Ailé,
Lá baixo á muralha,
Tenho o meu amor
Cá da minha igualha.
(A.)

Ailé,
Monte do Rangem,
Ninguem faz figura
Onde está meu bem.
(A.)

Ailé,
Riber' dos Judeos,
Que esses teus olhos
Inda hão de ser meus.
(A.)

Ailé,
Jaqueta de pano,
Luxo do meu bem,
E mais do meu mano.
(A.)

Ailé
Villa de *Estremóri*,
Onde tem s'a mãe
Cá o meu *amóri*.
(A.)

Ailé,
Montinho da Areia,
Todo o meu sentido
Para lá *vareia*.
(A.)

Ailé,
Amoras, amoras,
Vou p'r'ó mesmo sitio
Aonde tu moras.
(A.)

Ailé,
Francisca, Francisca,
Aqui 'stá bem firme
Quem por ti se arrisca.
(A.)

Ailé,
O teu paé é meu,
Tua mãe é minha,
Teu amor sou eu.
(A.)

Ailé,
Tinta do tinteiro,
Viva lá quem foi
Meu amor primeiro.
(A.)

Ailé,
Monte Val da Rata,
Merece o teu pé
Sapato de prata.
(A.)

Ailé,
O' lima, limão,
Leva esse aperto
D'esta minha mão
(A.)

Tem tem,
Menina, tem tem,
Um signal na cara
Que lhe diz mui bem.
(A.)

Ailé,
Tem mão e tem mão,
Que inda tu vaes ser
A m'nha perdição.
(A.)

Pode o norte aventar,
A nau fazer-se em pedaços,
Mas p'ra eu deixar de amar-te
Nem que haja mil embaraços.
(Alg.)

Quero-te bem té á morte,
Até depois de morrer,

Até debaixo da terrá,
Meu amor podendo ser.
(Alg.)

Quando as pedras soltem gritos,
E o sol deixe de girar,
O mar deixe de ter agua,
Deixarei eu de te amar.
(Alg.)

Alto castello de vidro,
Nasce o sol, com late o vento,
Meu amor para contigo
Já não tem acabamento.
(Alg.)

Tenho feito juramento
Numa mesa de marfim,
De não te ser inconstante
De te amar até ao fim.
E.

Tenho feito juramento,
Em mais de quarenta livros,
De não amar outros olhos
Em quanto os teus forem vivos.
(B. B.)

Inda que eu no peito traga
Um triste, cruel, rigor,
Não deixarei de amar
O teu rosto encantador.
(B. B.)

Ainda que cuide
De levar pancadas,
Eu hei de seguir
As tuas pisadas.
E.

Ailé
Inverno, inverno,
Este meu amor
Ha de ser eterno.
A.

Anda cá, vem ver arder
As chammas da saudade,
Abrazada de ciúmes
Pela tua falsidade.
(Alg.)

Rosa que estás resequida,
Já te torceram o pé,
Se estás de mim offendida
Diz-me, amor, por que é?

(Alg.)

Eu hei de me ir aos teus olhos,
E com uma pedra partil-os,
Já que me não goso d'elles
Não ha de outro possuil-os.

(Alg.)

Juraste-me lealdade,
Quando fôr o dar da mão,
Mas assim me falseaste
Com a tua ingratição!

(Alg.)

O meu amor quer por força,
Quer que eu ande padecendo.
Divertindo-se com outrem,
Eu então chorando e vendo!

E.

Suspiros me dão combates,
E' chegado este meu fim,
Dize com quem te divertes
Quando te apartas de mim.

E.

Eu bem sei com quem passaste
Esta noite no jardim,
Podes enganar os outros
Mas não me enganas a mim.

M.

Se por outrem me deixaes,
Paciencia, não importa,
Algum dia me dirás
Que tal ficaste na troca.

E.

Mariquinhas, cara linda,
Rosto cheio de signaes,
Palavras que daes a outro
São facadas que me daes.

M.

O' meu amor da minh'alma,
Já te não chamo amor,

Chamo-te regalos d'outra,
Nisso tenho a minha dôr.

M.

Dei um ai, tu não ouvistes,
Suspirei, não deste fé;
O meu coração é teu,
O teu não sei de quem é.

A.

(Continúa)

A. THOMAZ PIRES



Amores, amores . . .

SCENA I

Uma noite de esfolhada. Luar.

MANUEL E MARIA

MANOEL (*chega-se timidamente a
Maria*)

Ha quatro dias com hoje
Que ando para te falar:
A vergonha me desvia,
O amor me faz chegar.

MARIA (*cantando sem lhe dar
atenção*)

Lá vae o rio fugindo,
Oh quem m'o dera agarrar!
O amor é como o rio,
Foge e não torna a voltar. . .

MANOEL (*ainda mais humilde*)

Aqui estou á tua porta,
Como o feixinho de lenha;
A' espera da resposta
Que dos teus olhos me venha.

MARIA

Quando o sobreiro der bagos
É o loureiro der cortiça,
Então te amarei meu bem,
Se não me der a preguiçal. . .

MANOEL

Ha um anno que te amo,
Ha dois que te quero bem,
Ha tres te trago no peito
Sem o dizer a ninguem!

MARIA

Peça tudo quanto queira,
O meu amor não m'o peça;
Deve andar muito doente
Quem de noite se confessa! . . .

MANOEL *(comsigo, afastando-se)*

Coitadinho de quem ama
Sem primeiro ser amado;
Fica co'o tempo perdido
E o coração magoadol

JOÃO *(entra na esfolhada e vai para um grupo opposto ao de Maria)*

MARIA *(vendo-o, lança-lhe esta cantiga)*

Eu hei de amar, hei de amar,
Hei de amar bem sei a quem
Eu hei de amar ao meu gosto,
Nanja ao gosto de ninguem.

JOÃO *(brejeiro)*

Debaixo da oliveira,
Menina, é que é bom amar;
Tem a folha miudinha,
Não entra lá o luar.

MARIA

A folha da oliveira,
Deitada no lume estala:
Assim é o meu coração,
Quando contigo não fala.

MANOEL *(muito triste)*

Cuidados me dão cuidados,
Que sem cuidados nasci;
Eu nunca tive cuidados,
Senão depois que te vi.

(Sale)

UMA VOZ *(zombeteira)*

O' luar da meia noite,
Não venhas cá ao serão;
Isto de quem tem amores
Quer escuro, luar não.

MARIA *(magoada)*

Triste sorte é o nascer,
Depois de nascer, peccar;
Depois de peccar, morrer,
Depois de morrer, penar. . .

A MESMA VOZ *(zombeteira)*

Ai que linda troca d'olhos
Fizeram agora ali!
Trocaram dois olhos pretos
Por dois azues, que eu bem vi.

MARIA *(olha de repente para o João e topa-o com os olhos em Rosa)*

MARIA

Quem ama duas a par
Tem de ter grande talento,
Para poder arranjar
Tanta mentira a um tempo.

JOÃO *(troçando)*

Já o sol, minha menina,
Não nasce d'onde nascia;
Já não morre por amores
Quem por amores morrial

MARIA

Entendo que tu me entendas,
Entendo que tu me enganas;
Entendo que tu já tens
Outros amores a quem amas.

JOÃO

Silva verde não me prendas,
Olha que me não seguras;
Olha que eu tenho quebrado
Outras algemas mais duras.

MARIA *(despeitada)*

Se algum dia te quiz bem,
Esse tempo já acabou;
Se ainda olho para ti,
Foi geito que me ficou.

*Sae da esfolhada. Os outros grupos
continuam cantando ao desafio; a
esfolhada vae até ao romper da es-
trella da manhã).*

SCENA II

**Uma ribeira. Maria lava. Um
pouco mais acima, n'um la-
meiro, Manoel guarda um
rebanho.**

MARIA E MANUEL

MARIA *(canta batendo a roupa)*

Coração, não andes triste,
Dois dias que has de viver;
Anda alegre como d'antes
E ainda mais, podendo ser.

MANOEL

Quem me a mim ouvir cantar
Cuidará que estou alegre;
Tenho o coração mais negro
Que a tinta com que se escreve.

MARIA

Trago dentro do meu peito,
Chegadas ao coração,

Duas letrinhas que dizem,
Morrer sim, esquecer não.

MANOEL *(comsigo)*

Coração, não goutes d'ella,
Que ella não gosta de ti;
Não estejas, coração,
Tepe, tepe, tepe, ti.

ROSA *(cantando ao longe)*

Se os beijinhos espigassem
Como espiga o alecrim,
Tinham muitas raparigas
A cara como um jardim.

MARIA *(empallidece e pára de lavar)*

Coração que me quer mal
Arrancado o visse eu,
Apresentado no prato
A pedir perdão ao meu.

MANOEL

Hei de deitar os meus olhos
A'quelle poço sem fundo;
Olhos que não teem ventura
De que me servem no mundo?

*(Some-se por detraz d'uma sébe)*MARIA *(vendo João e Rosa que
descem para a ribeira)*

Ahi vem a presumçosa
Que até no andar tem brio;
Ahi vem o assucar em ponto
De doce mette fastio.

ROSA *(pousa na borda d'agua uma
trouxa de roupa, e João sen-
ta-se á beira d'ella)*

JOÃO

Oh coração de baeta,
D'aquella mais denegrida!

Ha dois annos que te quero,
E inda não estás resolvida...

ROSA

Se quizeres que seja tua
Manda ladrilhar o mar;
Depois de bem ladrilhado
Serei tua, sem faltar.

MARIA (*aparte, olhando de esguelha
para João*)

Trago no meu coração
Duas escamas de peixe;
Uma me diz que o ame
Outra me diz que o deixe.

JOÃO (*a Rosa*)

Pergunta bem perguntado
Se te quero bem ou não,
A's telhas do teu telhado,
A's pedras do teu baleão.

ROSA (*a João*)

Se quizeres um limão verde,
Vae colhe-lo ao limoeiro;
Se quizeres um amor firme
Volta-lhe as costas primeiro.

MARIA (*aparte*)

Quem quizer ver o meu peito
Desaperte-me o collete,
Verá o meu coração
Pregado n'um alfinete.

(JOÃO *baixinho a Rosa*)

Tenho fome, tenho sêde,
Mas não é de pão nem vinho;
Tenho fome de um abraço,
Tenho sêde de um beijinho.

ROSA (*baixinho a João*)

Trago um lenço de beijinhos,
Meu amor, para te dar,

Com quatro nós de ciumes,
Sem os poder desatar.

Maria (*cantando*)

Namorados, falae baixo,
Que as paredes têm ouvidos;
Os segredos encobertos
Ainda são mais sabidos.

JOÃO (*baixinho a Rosa*)

As estrellas do ceo correm
Todas numa carreirinha;
Assim correm os teus beijos
Da tua bôca p'rá minha.

MARIA (*cantando*)

Quem acode ao acypreste
Que se parte aos bocadinhos?
Quem acode a dois amantes
Que se matam com beijinhos?

ROSA (*voltando-se para Maria*)

Pelo ceu vae uma nuvem,
Todos dizem: bem n'a vi,
Todos falam e murmuram,
Ninguem olha para si...

JOÃO (*a Maria*)

Eu amava-te, oh menina,
Se não fôra um só senão:
Seres pia de agua benta
Onde todos põem a mão.

MARIA (*maçoada*)

Eu algum dia já fui
Do teu prato a melhor sopa;
Agora sou o veneno
Rosalgar da tua bôca.

JOÃO (*a Maria*)

A fita do teu cabello
Dá o nó, não chega a laço;
Não faças conta commigo,
Que eu contigo não n'a faço.

MARIA (*suspirando*)

Algum dia era eu
Prenda do teu coração:
Agora sou a vassoura
Com que tu varres o chão!

ROSA (*troçando*)

Suspiros cahem no chão,
Fazem grande matinada;
Eu bem sei quem dá suspiros
E não lhe servem de nadal

MARIA

Aquella menina cuida
Que não ha outra no mundo;
Não é o poço tão alto
Que se lhe não veja o fundo.

ROSA

Presumpção e agua benta
Cada qual toma a que quer;
No fim de tudo veremos
Qual de nós é mais mulher.

JOÃO (*a Rosa*)

Eu inda não tinha tido
Um amor firme a ninguem;
Para ti logo se abriam
As portas do querer bem.

ROSA (*a João*)

Toma lá meu coração
E a chave de o abrir;
Não tenho mais que te dar,
Nem tu mais que me pedir.

(*Os dois, João e Rosa, partem cantando e rindo*)

MARIA (*seguindo-os com a vista*)

Não se riam de quem chora
E' cousa que Deus ordena

Pode a roda desandar,
Penarem da mesma pena.

SCENA III

**N'um campo Manuel e Maria
ceifam trigo alto sem se ve-
rem um ao outro. Cae a
tarde.**

MANUEL E MARIA

MANOEL (*cantando*)

Quando eu nasci no mundo,
Nasceram quatro n'um dia;
Nasci eu, nasceu desgraça,
Tristeza, melancholia.

MARIA (*cantando*)

Eu quero bem á desgraça
Que sempre me acompanhou;
E tenho odio á ventura
Que tão cedo me deixou.

(*Entardece mais. Manuel e Maria,
cada um do seu lado, cantam esta
mesma trova que entoa*)

Ninguem descubra o seu peito
Por maior que seja a dôr;
Quem o seu peito descobre
E' a si mesmo traidor!

(*Anoitece de todo. Manuel e Maria
levantam o trabalho e, sem se re-
conhecerem, recolhem á aldeia*)

(*Acabou a peça*)

UM CANTADOR

Nota—Tirei esta peçazinha do
livro *Mil trovas*.

Um cantador.

LITTERATURA POPULAR DO BRAZIL

RIMAS E FACECIAS INFANTIS

Muitas anedotas ha que se recontam como novas e sempre apparentam frescor de novidade.

O *folk-lorista*, que rebusca as fontes, verifica não raro que são antigas e ás vezes antiquissimas como as fabulas de Esopo, ou as historias indianas.

Outro aspecto que inculca antiguidade é encontrarmos sob trajes differentes, em litteraturas e terras distantes, as mesmas idéas e fórmulas de expressão que só se poderiam generalizar por migração lenta de um povo a outro.

Parece-me ser este o caso de uma rima infantil que, conjecturo, não será desconhecida dos leitores.

A rima pertence ao *genero libre*, como se diz agora. Não fui nunca um vicioso, e pois confesso sem hypocrisia que a ouvi muitas vezes, nos tempos da meninice:

Um velho mais uma velha
Foram lavar-se na bica;
A velha deu um escorrego,
E o velho.....

Não é a idéa obscena a que predomina nestes versos para a curiosidade infantil, mas a idéa comica da queda de ambos.

Esta *idéa primaria* apparece em varias rimas infantis de differentes povos, sem o condimento de outra crueza maior que a do *tombo*, que faz sempre rir ás crianças.

Tal é a historia de *Jack and Jill*, que anda entre os NURSERY RHYMES

mais populares do povo inglez:

*Jack and Jill
Went up the hill
To fetch a pail of water;
Jack fell down
And brok his crown,
And Jill came tumbling after* (1)

*

* *

Tambem conservo a lembrança de uma quadrinha popular, que, a julgar pela personagem historica a que allude não póde ser antiga. E' a seguinte:

Garibaldi foi á missa
Num cavallo reboião;
O cavallo deu de popa,
Garibaldi foi ao chão.

Ora, essa cantiga parece que foi introduzida pelos italianos que ganhavam dinheiro nas feiras, cantando saudades de além-mar. Era talvez da Saboia, porque da Saboia são os versos populares que se me afiguram a fonte desta cantiga:

*Djallave a la messa
Su un asne à r'culons
.....
Djè le tié a cropendon.* (2)

A transcripção phonetica desses versos é muito defeituosa. Mas bem se percebe que é o mesmo:

(*Garibaldi*) foi á missa
N'um cavallo reboião.

(1) Da pequena collecção infantil (*Book for the Bairns*)—NURSERY RHYMES, 24.

(2) Van Genèpp, que cita estes versos, traduz-os assim: Je suis allé à la messe—Sar un ane a reculons—Je suis tombé à quatre pattes...

E' provavel que em S. Paulo corram já muitas historias, facecias e rimas de origem italiana. E' cedo talvez para as estudar com inteiro fructo, mas quem quer que as pesquizasse teria o merito de haver precedido a futuros investigadores.

*

* *

Em convizinho dialecto encontramos a variante dos versos que se dizem por matraca ás crianças que têm o nome de *João*:

João galalão
Perna de grillo,
Orelha de cão.

Segundo a versão de Bonneville:

Jan patagan
La cane a la man,
Lou pia d'coté
La miarve au nez. (3)

Familiares a todos os meninos de escola são os versos a proposito da primeira soletração:

B-A—bá,
chega pr'a cá; (4)
B-E—bé,
Põe-te em pé;
B-I—bí,
Passa pr'a qui;
B-O—bó,
Dá cá o cipó;
B-U—bu,
Para teu. . .

(3) Van Genepp—*Mercur de Franco*, LXX-248, e outras variantes em Rolland.

(4) Diz-se tambem—"fugiu a burra", cfr. *Trad. p.p. do Douro* de Vieira de Andrade, pg. 33.

Em quasi todas as versões estrangeiras que conheço trata-se de castigo ás crianças, imposto naturalmente por desidia no estudo do *abcê*.

Eis uma de varias apontadas psr E. Roland; nas RIMES ET JEUX DE L'ENFANCE (pg. 326-327):

B-A—ba,
Mon père me bat;
B-I—bi,
A coup de béquilles;
B-O—bo,
A coup de sabots;
B-U—bu,
I n'me battra plus.

(Var. do Lorient)

O innumeravel das produções da imaginação não passa afinal de meia duzia de idéas fundamentaes, que chegam para alimentar e entreter a fantasia dos povos.

JOÃO RIBEIRO.



DANÇAS POPULARES

Com o S. Pedro acabaram as folias e as danças populares do mez de junho, mez com os seus cinco dias santos e quatro domingos, em que os antigos fogueteiros, hoje pyrotechnicos, fazem um negociarrão, e em que o povo canta, baila, vela e se esfalla, isto do norte ao sul do paiz, n'uma alegria doida, verdadeira ou simulada, dando cabo da laringe, transformando as pernas no êmbolo de uma machina, saraco-

teando-se em meciões ondulatorios, evocando no nosso espirito as ker-messes hollandezas tão suggestivamente descriptas no typico estylo de Ramalho Ortigão.

O que valem as nossas canções populares como inspiração, mimo, doçura e poesia, sabem-n'os todos que as tem ouvido nas diversas localidades ou nas artisticas rapsodias de Hussla, Rei Collaço e outros compositores estrangeiros, pois são esses que tem vindo á nossa terra colleccionar as musicas portuguezas, algumas tão bellas e tão de molde para d'ellas se crear a opera e a opereta nacional, que dóe ver assim perdidos tréchos, toadas, melodias, motivos, que n'outra nação constituiriam um inexaurivel thesouro musical. Verdi architectou a sublime partitura da *Aida* sobre tres ou quatro compassos que ouviu cantar a uns fellahs no Cairo, e que manancial de lindos cantos, balladas, rythmos, estrebilhos, se encontra no estro delicado dos camponeses de certas regiões prova-o a unica e inimitada tentativa feita por Ciriaco Cardoso para instituir a operetta nacional. Os hespanhoes aproveitam qualquer assumpto insignificante para delinear uma zarzuela, nós, exactamente com as mesmas riquissimas fontes que os nossos vizinhos, vivemos das migalhas que elles, os italianos, os francezes e os allemães nos atiram tendo-se fechado completamente o caminho que alguns comediógraphos e musicos abriram á comedia e farga lyrica, e que tanto em voga esteve na segunda metade do seculo passado.

São tão radicaes e profundas as differenças entre a nossa raça e a hespanhola—em que pese aos ibe-

ristas—que até nas danças se manifestam. São os «nuestros hermanos» e principalmte as «nuestras hermanas»,—escrevemos o termo sem nenhum pensamento incestuoso—tão azougadas e buliçosas, que até ás danças herdadas dos mouros—e são muitas—pessoas graves e reflectidas, falando devagar e caminhando pausadamente, lhes imprimiram um tom vivo, uma cadencia endiabrada, por vezes tal vertigem e sempre tal volupia que é impossivel não andar ali malevolo proposito do tentador Lucifer.

As danças portuguezas são todas circumspectas, moderadas, sisudas, magestosas, severas até, como convem a um povo que durante tantos seculos reprimiu as suas alegrias ante as grades da vida monachal. Algumas voltas, alguns passos, de modo que a ponta do pé mal despon-te por baixo da fimbria da saia, figuras sempre em harmonia com a mais austera decencia, nada que de longe mesmo se pareça com esse desafôro das «sevilhanas» ou das «peteneras» que são um curso sapatado, revoltado, lascivo, de estatuaría feminina. Os nossos bailes campesinos são um modelo de bons costumes, um acto do qual o parochó mais escrupuloso poderia passar um attestado para um concurso de virtude. Pois se ha quem diga—Deus lhe perdõe a blasphemia—que a boa plastica de «nuestras hermanas» é devida a pattentearem-n'a sempre que pódem, ao passo que as portuguezas se tapam, se tapam, até converter os vestidos em vassouras municipaes. . .

Antigamente, além das danças de sala o *bailete*, o *balancé*, a *balheta*, o *passa-pé*, a *pavana*, o *minuete*, a *gavota*, a *gallarda*, etc., havia as

populares: o *terolero*, o *trocado*, o *vilão*, a *alta*, a *arrepia*, a *arromba*, a *baixa*, o *balão*, a *canaria*, a *chacونا*, o *chote*, a *ciranda*, a *corrente*, o *rechabo*, o *pé de xibau*, a *mourisca retorta*, o *machatins*, a *guimbardeira*, a *giga*, o *gerano*, a *fôfa*, a *folia*, a *filhota*, a *floreta*, a *retorcida*, a *sorraiteira*, a *serrana*, o *trebulo*, etc., etc.

Tudo tem a sua época e uma parte d'essas danças caíram em desuso. Encheríamos uma pagina inteira d'este jornal se para aqui transcrevessemos os nomes que temos apontados de quantas danças se bailam por esse mundo de Christo. Só Portugal e Brazil fornecem um contingente enorme. Cada doido com a sua mania. Lembrámo-nos uma vez de colleccionar os titulos simples e arrevesados que designam os variados e complexos pulos e piruetas da humanidade, e cá os temos. Se houver alguem que queira escrever um dia a historia da dança pôde contar com essa nomenclatura. E não pensem as más linguas que foi alguma paixoneta pela Rita Sacchetto; não foi; essa mania veio com a leitura de um bello livro, das *Memorias* de Maud Allan, um livro que tem tanto de instructivo e de espirituoso como a formosa americana de estonteante nas suas fórmulas impeccavelmente esculpturaes.

Um philosopho inglez escreveu que se pôde avaliar o grau de civilização d'um povo pelas distracções a que se entrega. Isto é tão verdade como não se poder endireitar a sombra d'uma vara torta, no dizer de Camillo. Se o nosso povo tem canções de incomparavel sentimento e opulencia de rythmos, os seus bailaricos como o *balão*, o *vira*, o *verde-gaio*, a *vilota*, a *villanella*, o *fado*, o *laço*, e as *ligas verdes* dos miran-

dezes, o *bailete*, o *balso*, do Algarve, a *carraguiستا*, a *chacota*, a *charamba* dos Açores, a *chica*, a *chula*, o *dauçarás*, o *malhão*, o *regadinho*, a *volta*, etc., etc., pouco differem entre si, o que demonstra que o genio inventivo da musica é muito superior ao da arte choreographica ou de dar á perna com elegancia e donaire.

Entretanto se as nossas danças populares não são afamadas lá fóra como a *tarantella* napolitana, a *sicilianna*, a *saltarella* dos arredores de Roma, a *forlana* dos gondoleiros de Veneza, a *trevisana* de Friul, a *marinheira* da Hollanda, a *dos derviches* na Turquia, a das *almeyas* no Egypto, a das *baiadeiras* na India e mil outras, todas caracteristicas, nem por isso as mulheres portuguezas deixam de ser encantadoras quando bailam, apesar da sua circumspecção e do seu pavoroso receio de mostrar mais que o pé.

Porque verdade, verdade, quando uma mulher dança, na sala ou no campo, deixando-se arrastar suavemente aos compassos dolentes e insinuantes de uma valsa, e requebrando-se e fazendo tremular as curvas mais flexuosas e salientes do corpo n'um bailarico, ha n'ella o que quer que seja da serpente parasitica da Biblia. Sem grande esforço da phantasia vê-no-la collear ora anne-lando-se, ora distendendo-se n'uma successão de ademanes graciosos: enrosca-se, dobra-se, volteia, trepa, ennovela-se, contempla-nos, fascina-nos e cá nos fica a maçã atravessada na garganta. Quem sabe se o propheta que nos legou essa parte do Velho Testamento foi inspirado por alguma visão semelhante!

E' talvez por isso que occorreu o episodio que Maud Allan conta

nas suas *Memorias*.

A famosa dançarina americana interpreta principalmente a musica classica. Uma vez em Berlim explicou ao celebre professor allemão Joachim as suas theorias:

—Danço a musica de Mozart— disse-lhe—de Liszt, de Mendelssohn, de Haydn, de Beethoven...

Joachim, que até ahí a ouvira attento, calado, pensativo, quasi afflicto, entusiasta como é pelo grande compositor allemão interrompeu-a de cho're e exclamou compungido:

—Oh, filha, por amor de Deus! Não me interpretes Beethoven com as pernas.

EDUARDO DE NORONHA



A MUSICA POPULAR EM PORTUGAL

Musica est exercitium arithmetica occultum nescientis se numerare animi.

LEIBNITZ.

Sempre que um musico portuguez consegue, depois de porfiada lucta e inauditos esforços, que o nosso theatro lyrico lhe apresente em publico qualquer opera de sua composição, para logo a critica assevera, com audacia, senão com consciencia, que a musica da nova partitura rescende á de tal ou tal paiz. E tão frequente isto é,—se frequentes se podem chamar as aparições de operas feitas por portuguezes,—que, por via de regra, é esse o primeiro

e principal defeito que se lrisa na producção recém-nascida. E' raro confessar-se ao auctor originalidade de idéas, e, o que ainda é mais raro, de processos, de escola, de estylo, de *maneira*.

No entanto, a critica tem, quasi em absoluto, rasão na censura. Quando ha annos Alfredo Keil, baseado para a composição da sua *D. Branca* no poema de Garrett, escreveu um drama lyrico assente no *mavilhoso* portuguez, lamentaram alguns dos nossos collegas da imprensa que a opera, permitta-se-nos o termo, do nosso talentoso compatriota, não fosse *duplamente* nacional—pelo poema e pela *musica*. Se aquelle, pelas tradições e pela origem, tinha character genuinamente portuguez, esta era classificada como pertencente á escola franceza contemporanea, representada brilhantemente por Massenet.

E' contudo, ninguem pôde dizer qual seria a musica que deveriam conter as operas de portuguezes para poderem ser tidas como caracteristicamente portuguezas. E' para muitos, para o maior numero até, quasi de todo desconhecida a indole da nossa musica, como desconhecidas são as formulas ou os differentes moldes artisticos em que ella se fundiu, e as polymorphoses porque foi passando desde o berço até á crystalisação definitiva a que a evolução a levou. Para uns, a duvida de que haja elementos aproveitaveis como musica nacional, constitue a principal rasão para que ninguem emprehenda descobrilos. Para outros, ainda quando alguma coisa existisse, a sua reunião ou colleccionamento jámais poderia ser fonte de composições meritorias, ou origem de operas dignas d'este nome. Taes

observações demonstram, no entanto, um factó aliás já provadíssimo, — a tradicional incuria portugueza.

*

* *

Respigar os cantos característicos e anonymos que o povo, mórmente o dos logares sertanejos e pouco frequentados, ainda conserva na sua expressão primordial e genuína, tem sido objecto de extrema solicitude entre povos muito mais adiantados do que nós, que ainda não quizemos avaliar o alcance philosophico que esse trabalho encerra para a historia da Arte e do *Folklore*. Comprehende-se que a pesquisa é por extremo ardua; mas o nosso desleixo não tem feito senão tornal-a ainda mais escabrosa. A' difficuldade de indagação e de descobrimento vem juntar-se hoje a da raridade, originada pelo progresso, pela facilidade de communicações, pela invasão nos campos da civilisação das cidades. O *baile de roda* refoge apavorado pela *mazurka*, da mesma fôrma que a *desgarrada* e o *descante* fazem praça envergonhados á *copla* da opereta e á *modinha* dos salões.

Sem embargo, a canção popular é a fôrma musical mais antiga e por conseguinte a mais caracteristica. No dizer de Weckerlin, a canção popular de um paiz exprime-lhe melhor o typo, a physionomia especial, os rythmos particulares, do que a musica de seus compositores; porque a canção do povo está sempre limitada à esphera geralmente circumscripta pela mesma lingua ou pelo mesmo dialecto. A canção é a fôrma litteraria e musical mais antiga, por ser coeva do homem, por ser tão antiga como as mães. Qualquer mãe, con-

tinúa aquelle auctor, hauriu de seu coração cheio de meiguice umas notas para acalentar o filhinho que adormecera, e exprimiu a tristeza por algum canto dolorido; porque é condão humano cantar primeiro na tristeza do que na alegria.

Convém não confundir a canção verdadeiramente *popular* com a melodia *popularisada*. Aquella é instinctiva, espontanea, inconsciente. Nasceu entre o povo e com elle e n'elle vive. O povo canta-a, divulga-a e conserva-lhe a fôrma inicial, porque é simples. No tocante á origem da canção popular, opina Franz Boehme, citado por Weckerlin, que ella provém sempre de uma só individualidade, natureza privilegiada e superior. O verdadeiro poeta popular pertence ao povo por seus costumes, por sua educação. Só canta e diz á turba aquillo de que ella gosta e que facilmente assimila. Se o cantor tem a fortuna de descobrir o tom, a fôrma e os sentimentos em que o povo descortina a propria existencia, então mil corações pulsarão a um tempo, e mil boccas lhe hão de repetir as canções. Se em qualquer d'ellas ha expressões, phrases ou imagens que nem todos entendam, é o povo quem as muda e as apropria. O canto popular, creado por um, mas transformado e aperfeiçoado segundo as circumstancias externas, a influencia do meio os habitos e os instinctos, adquire então a individualidade caracteristica e torna-se anonimo. O canto do povo é o que Leibnitz define, quando diz que a musica é um exercicio regular, mas occulto e feito inconsciente e instinctivamente pela alma.

*

* *

O pouco que se conhece da musica popular portugueza induz toda a gente a suppô-la de character triste. De feito, quasi toda ella respira funda melancholia, a par de quietação de espirito, nuncia da tranquillidade de consciencia. Compostos em tons menores, de andamentos vagarosos na sua maior parte, sem percorrerem extensão que vá além da oitava, de tessituras accommodaticias aos centros de todas as vozes, os nossos cantos populares são tristes na alegria e acabrunhadores na tristeza, mas doces, suaves, cheios de meiguice, como é doce a monotonia do mar, como é suave o cheiro dos mattos em flor e melancholicamente meigo o pôr do sol da nossa terra.

E é natural que assim seja. O povo que sobte inventar palavra que mais nenhuma outra lingua possui; que resumiu n'um só vocabulo um poema inteiro; que n'um só termo com substancia quanto a alma humana é capaz de sentir; quem n'uma unica palavra synthetisa as lagrimas da ausencia, a dôr pela perda dos que amamos, o desejo vehemente de rever os que se foram para longe, a ternura das recordações dulcissimas e a alegria que se sentira-se de novo abraçarmos os que só abrangemos na memoria dolorida e no coração dilacerado: não pôde expressar as suas paixões por musica ruidosa e alegre.

E d'onde proviria essa encantadora palavra, esse

...gosto amargo de infelizes,
delicioso pungir de acerbo espinho,

que nos entristece e nos consola?

Ninguem o poderá saber ao certo. Talvez que as circumstancias do

solo, do clima e da nossa vida um tanto nómada e aventureira de outr'ora, lhe expliquem, *sicut in quantum*, a origem. O nosso paiz é urtidoso mais accidentado, proporcionalmente á sua superficie. Cortam-no ravinas, rasgam-no valles profundos, ouriçam-no alcantis e fragas. Ou no cimo de abruptas penedias, ou no amago das cavernas mais escusas, ou no mais denso de florestas impenetraveis, é que a tradição popular vae haurir as suas lendas, os seus contos de moursas encantadas, o thêma do maravilhoso portuguez. Depois, ha tambem o mar que nos cêrca em metade do contorno da nossa patria; o mar, que é variado na sua monotonia, monotono na sua variedade, mas consolador, mas doce sempre. Os que, pendurados dos pincaros alpestres, acompanhavam com os olhos rasos d'agua as caravellas onde iam os que lhe eram mais queridos, deviam necessariamente ter sentido tudo o que se pôde sentir, quando vemos amar pelo oceano fóra aquelles que são mais nossos do que nós mesmos porque são a nossa propria alma. E tudo isso que se sente e se não pôde cantar, sómente a *Saudade* o encerra e exprime. . . Que muito, pois, que sejam melancholicos os nossos cantos? . . .

Quer esses cantos nos viessem, por essencia ou influencia, dos arabes, quer hajam brotado espontaneos d'entre nós, todos elles teem, para assim dizermos, o character pronunciado de uma *Fatalidade* aterradora. Parece que, ao cantar-mos, as garras do *Destino*, as negras azas de *Fado* crudelissimo e implacavel, se despregam immensamente largas e nos envolvem na sombra espessa da Desgraça que por

sobre nós se estira, lobrega, invençivel, suffocante. . .

Que o diga essa canção do *Fado*, conhecida em toda a parte, e cuja forma essencial se conserva intacta, a despeito das variantes introduzidas. Quem seria o seu auctor? Misterio. D'onde préveio? Ignora-se. Nasceria no alcoice, solta pela voz de alguma desgraçada que o Destino atirou á lama? Talvez. Ou será a fôrma primordial concreta de exprimir em musica tudo o que na linguagem se insinua pela palavra *Saudade*? Ninguem o sabe. Accrescente-se: talvez até nunca se possa saber.

Em todo o caso, o *Fado* tem feição eminentemente portugueza. Está para a nossa musica, como as *Csardas* para a musica bohemia, d'onde parece provir. Um trecho de Haydn e um passo da 7.^a symphonia de Beethoven, inspirados necessariamente por qualquer *lassú* (*andante*) tzigano, assemelham-se-lhe extraordinariamente. Os que já teem ouvido orquestras tziganas, todas obrigadas ao *cymbalo*—*La Zymbala*, executarem *Csardas*, confessam que os *andantes*, ou *lassú* de algumas, são o que ha de mais parecido com o *Fado* portuguez. O proprio instrumento, o *cymbalo*, já conhecido no *sculo* XV, semelhante na fôrma ao *Psalterio*, mas differente d'elle na afinação, tem som muito semelhante ao da nossa guitarra. Será, pois, tzigano o nosso *Fado*, ou terá, com as *Csardas*, uma origem commum.

*

*

*

Este e outros pontos obscuros da historia, ainda por escrever, da

nossa musica, talvez nunca possam vir a ser esclarecidos. O primeiro passo que ha que dar para a elaboração d'esta historia, é collocar os cantos populares do paiz, acompanhando-os, tanto quanto possível, da sua critica e da sua genealogia. E' ardua a tarefa, e sobre ardua, dispendiosa. Só governos a podem pôr em pratica, durante largos annos, porque só elles possuem os meios precisos para isso.

Esse trabalho de pesquisa ha de ser sujeito a varias condições e satisfazer a diversos requisitos, um dos quaes é não confundir a *musica popular* com a *popularisada*. Os pontos principaes a que se deve mirar são os seguintes:

1.^o Os *cantos*, *canções*, *descantes*, ou quaesquer outras fôrmas da musica popular, de character religioso ou profano, devem ser *genuinamente* os que o povo usa executa, sem additamentos nem correções, sob a feição primitiva, mais ou menos grosseira e anonyma. A melodia, escripta sem acompanhamentos, deverá assentar nas palavras com que costuma de cantar-se e ser precedida do nome ou titulo porque for principalmente conhecida.

2.^o A musica recolhida deve trazer indicação da provincia, districto, concelho, freguezia e povoação d'onde proveio.

3.^o Deve declarar-se para cada melodia se é só para baile, se só para canto, ou para ambos os fins.

4.^o No caso de ser para baile, deve indicar-se quaes são os instrumentos em que se toca.

5.^o Deve declarar-se se nos cantos ha harmonia, e qual.

6.^o A's informações precedentes deverão juntar-se outras complementares, taes como, distancia das

povoações ao mar e a outras conveniências, arborisação, industrias, etc.

Só depois de armazenados convenientemente e em larga copia os materiaes alludidos, é que, por trabalho posterior de critica e de synthese se poderá concluir alguma coisa de util e proveitoso. Antes d'isso não.

(Do *Amphion*)

G. M.



A ESTRELLA DO PASTER

(EXTRAHIDO DE FLAMMARION)

Radiante na sua pura belleza, a loura estrella reina no ceu das nossas tardes d'estio, como nos dias em que, sobre as ondas azues das praias do Latium, o joveni Eneas lhe confiava os destinos da Italia nascente, como no dia em que Cleopatra, estendida sobre a purpura do seu navio, pedia parte do imperio do mundo. No momento em que o sol inmerge no horisonte afogueado, incendeiam-se os seus fogos ardentes; longiquio pharol celestial, ella é a propria luz, a luz increada, que parece nascer e brilhar. Ah! não verdadeira era a mythologia com os seus doces symbolos! Não é Venus na aurora uma deusa luminosa elevando-se do seio das ondas? e no crepusculo a confidente natural dos juvenis corações que despertam aos primeiros abalos da vida? Mercurio, girando tão rapidamente, tão caprichosamente na apparencia, não é o mensageiro de Apollo e da còrte celestial, a imagem subtil do deus dos investigadores e da fortuna? Marte, com os seus raios alaranjados, não é de todos os astros que supunha dirigirem os

destinos humanos, o que encontra-la em cima collocado como uma ameaça, fazendo pensar no sangue dos combates? Jupiter, calmo, grande, esplendido, radiante, não é o soberano dos mundos? Saturno lento, pallido, de mais triste apparencia, não symbolisa a velhice, o tempo o destino? Sim, a mythologia celeste é ainda a astronomia que existe em tudo, em que vivemos sem o saber desde o principio do mundo.

Os sentimentos inspirados pelos espectaculos da natureza pelo ceu, pelo mar, pelas montanhas, pelos raios e sombras, pelos ruidos e silencios, manifestaram-se debaixo de fórmãs vivas, debaixo de personificações, que hoje nos parecem mortas encerradas como se apresentam em frias allegorias, mas que eram a rica e sincera manifestação das impressões interiores. Tudo foi impregnado de vida, tudo foi animado, e o homem julgou viver no meio d'um povo de deuses que podiam entendel-o, vel-o, fallar-lhe, com os quaes estava em perpetua relação de sentimento.

A contemplação do ceu despertará sempre em nós nobres pensamentos, trará sempre ás horas da solidão um benefico socego, uma serenidade profunda, e quando a estrella Venus brilha com todo o seu esplendor, acompanhada pelas suas irmãs do ceu, é impossivel não sentir que, posto que sejâmos imperceptiveis no infinito, vibramos a unisono do grande sêr e fazemos parte integrante d'uma grande harmonia. Associamol-a ás nossas impressões pessoaes, aos nossos sentimentos intimos, animamol-a com os nossos pensamentos, e esta impressão é immediata, instinctiva, natural, desenvolve-se, augmenta e

completa-se quando esclarecida pela luz da sciencia moderna.

E' que agora, quando sentados n'uma colina contemplamos Venus, seguindo vagamente com o olhar a sua carreira gradual e silenciosa para o horisonte longiquo, já não vemos só um ponto luminoso, como succedia aos pastores da Chaldaea, aos pontifices do Egypto, sacerdotizas de Athenas e de Roma; não saudamos sòmente a Venus que invocava a nympha Egeria nos bosques de Numa, ou que os frescos de Pompeu celebravam nos dias de decadencia das legendas primitivas; vemos mais longe e melhor; sabemos que alli existe um mundo analogo ao nosso, do mesmo volume, do mesmo peso, um pouco mais proximo do sol, de curso um pouco mais rapido, de estações menos regulares; mas imagem do nosso, pela sua situação tão visinha, pela sua atmospheria, pelas suas montanhas, pelos seus dias e noutes, e tambem sem duvida pela vida desconhecida que tem desenvolvido á sua superficie como á superficie da terra, tudo nos leva a crer que Venus e a terra desempenham o mesmo papel no universo.

Celeste patria, gravita como a nossa debaixo dos raios do mesmo sol, esclarece-a a mesma luz, aquece-a o mesmo calor, sustenta-a no espaço a mesma atração.

Qualquer que seja o seu estado physico e moral, a fórma dos seres que a constituem, a humanidade de Venus, se (como as leis da cosmogonia o fazem suppòr) existe á superficie d'esta terra visinha, é irmã da nossa; atravez da transparente immensidade que nos separa advinhamol-a, e procuramos olhares que correspondam aos nossos.

Tambem em certas epochas se nota de Marte uma estrella brilhante que se ostenta magestosamente a oeste, e desce em silencio para o horisonte occidental; observada com luneta apresenta phases analogas ás de Venus.

Sem duvida tambem os que a contemplam perguntam, se esta branca estrella é habitada, e é possível que os pensadores admitam como principio de philosophia natural, que é habitada, o foi, ou ha de ser. Este planeta é o nosso. Para a humanidade de Marte, sòmos a estrella do Pastor.

Assim se transmittem atravez o ceu não só as influencias physicas dos astros, mas os proprios pensamentos humanos: assim os conhecimentos astronomicos do universo fazem circular entre os mundos uma vida nova, mais bella ainda que a da antiga poesia.

Vistas profundas sobre o eterno abysmo, contemplações sublimes do ceu estrellado, só vós sois verdadeiras, tudo o mais não passa de sombra. O cumulo da felicidade para o homem, dizia Seneca, é sentir-se arrebatado para os ceus.

Com que satisfação do meio d'estes astros aonde vòo o seu pensamento, o homem ri dos mosaicos dos nossos ricos, e da nossa terra com todo o seu ouro! Para desdenhar estes porticos, estas guarnições de madrepora e marfim, estes rios obrigados a atravessar palacios, é preciso ter abraçado o conjunto do universo, e deixado cahir de cima um olhar sobre este globo minuscuro. Eis alli, diz então o sabio, o ponto que tantas nações se disputam com o fogo na mão! Eis alli os mortaes com as suas ridiculas fronteiras! Quando te tiveres eleva-

do aos objectos verdadeiramente grandes de que fallo, de cada vez que vires exercitos marchando com as suas bandeiras, e—como se tudo isto fosse cousa séria—cavalleiros galopando á redêa solta, exercitos desdobrando as suas forças, serás tentado de dizer: «são evoluções de formiga, grandes movimentos sobre pequeno espaço».

O que é porém sempre verdadeiro e sério? A astronomia que inspirava, ha desanove seculos, o contemporaneo de Jesus, como é ella que nos inspira hoje, como é ella que fará sempre pensar rigorosamente aquelles que comprehenderem a sua elevada e convincente philosophia.

L.



BERNAL-FRANCEZ

Desde que em 1828 publiquei em Londres pela primeira vez a interessante rhapsodia de poesia popular que tem este titulo, ella tem feito a volta da Europa, sendo traduzida em diversas linguas, já no proprio fragmento, já na reconstrução ou imitação d'elle que ao mesmo tempo dei á luz.

Ultimamente recebi de Inglaterra, do meu amigo o cavalheiro João Adamson uma nova traducção ingleza, diferente e mais acabada do que a impressa ha dous annos no primeiro volume do meu ROMANCEIRO (1); de Hespanha chegou tambem

(1) Romanceiro e Cancioneiro geral I vol., IV da collecção geral de meus opusculos poeticos, Lisboa 1843.

ha poucos dias uma bella e elegante versão em castelhano.

Junctarei aqui uma e outra para satisfação do público portuguez, e em demonstração tambem d'um grande e importante theorema que ainda me parece não ser tão geralmente demenstrado quanto precisa sê-lo entre nós; vem a ser: Que tanto mais nacional, mais estrêmo e puramente nacional é uma obra, mais agrada aos proprios estrangeiros, mais segura está de se generalisar e ser conhecida no mundo litterario. O que não tem côr nacional, o que póde ser para todos, é o de que todos fazem menos caso.

Mas não só como obra litteraria, ou como coisa de imaginação e objecto de curiosidade são interessantes éstas reliquias. Eu creio n'ellas como coisa historica. E tenho mais fé n'esses documentos que nos conserva o povo com toda a sua ignorancia, do que n'essoutros que deixou escriptos a sapiencia dos lettrados. O povo altera, traduz, corrompe, mas não inventa.

Vou pôr aqui, restituído e apurado por longo trabalho de meditação e comparação de muitos exemplares, o texto original do Bernal-Francez, segundo o conservou essa tradição.

É este um dos mais bellos e seguramente mais antigos romances da nossa peninsula. Não apparece, como já n'outra parte disse (2), em nenhum dos romanceiros castelhanos nem na vasta collecção de Ochoa; e denota todo elle mais antiguidade que os mais antigos que n'aquelles codices se acham. Os neologismos da dicção devem-se ás

(2) Prefacio de Bernal, no I vol. do Romanceiro, pag. 100.

causas já referidas tantas vezes, que todas estão no variavel e pouco seguro cofre da memoria popular em que teem andado guardadas éstas reliquias, sem mais authenticidade do que essa mesma recordação immemorial, bastante em direito para outras posses: porque o não será para ésta?

Além de não andar nas colleções da nação visinha e irman, nenhum vestigio de idiotismo seu, nenhum resaibo castelhano se nota n'esta composição toda portugueza. As agudezas e artificio dos trovadores da côrte de D. Diniz e de Affonso III tambem aqui são extranhas: é mais antiga e menos pôlida a civilização que a produziu.

Quando sobre ésta simples tela bordei o pequeno poema que pela primeira vez se publicou em 1828 com a Adozinda, o original de que me servi era muito imperfeito e cheio de lacunas, e unicamente fóra copiado da lição vulgar da Extremadura. A que dou agora é principalmente correcta pelos manuscritos do cavalheiro de Oliveira (3) aperfeiçoada ainda pela collação com as diversas cópias das provincias do Norte, especialmente da Beira-baixa que são em meu entender as mais seguras, segundo já observei tambem.

Chamei-lhe então xacara: duvido agora se a classificação foi bem leita, duvido até da mesma theoria da classificação que ahi procurei estabelecer ás apalpadellas. Acham-se, é verdade, éstas variadas designações, romance ou rimance, xacara, soláo, que parecem designar especies: e ainda as que in-

dicam ser mais genericas de trova, cantiga, cantar, canção: mas o que ellas sempre designam ou quizeram designar não é facil determinar positivamente com segurança. Mais modernas cuido que são as denominações de *loa*, *barca*, *tenção*, *chacota*; e tambem éstas não estão bem apuradas em suas distincções characteristics. Umam eram talvez determinadas pela fórma exterior metrica, outras pelo *stilo* ou tom, outras pelo objecto e assumpto, outras finalmente e pelo uso, pela solemnidade a que eram consagradas, pela occasião para que eram compostas.

Ja disse que o romance me parecia ser em sua origem um canto epico, isto é, todo narrativo, pouco ornado, pouco lyrico. Os romances pastoris, os satyricos, os facetos, os eroticos, os mesmos mouriscos do seculo xvii, são já aberrações visiveis, ou pelo menos novas especies produzidas pela cultura artificial da planta primitiva.

A xacara é toda dramatica; o poeta falla pouco ou nada, não narra elle, senão os seus interlocutores que apenas designam e nem sempre claramente.

Mas éstas duas especies, se o são, juntaram-se muitas vezes e produziram, ora o romance-xacara em que predomina a narrativa epica sem exclusão do drama; ora a xacara-romance em que o dialogo é auxiliado de breves, brevissimas indicações, quasi rúblicas ou direcções de scena, que faz o poeta a raros intervallos. O povo, em muitas das coisas que recita d'este genero, diz as fallas em verso e cantando, e as indicações narrativas em prosa, sem restricção a texto positivo, e mais ou menos diffusamente segundo o talento ou a verbosidade do re-

(3) Veja o vol. cit. I do Romanceiro. Lisboa 1843.

citador.

O romance e a xacara teem em geral a mesma lei metrica, do consoante ou assoante fixo e do numero octosyllabo dos versos. O chamado romance hendecasyllabo dos fins do seculo xvii é degeneração completa; e assim foi que precedeu logo a morte d'elle. O soláo será sempre cantar triste como indica Bernardim-Ribeiro? Narrativo é elle tambem pelo que bem claro nos diz Sá-de-Miranda. Mas uma coisa não exclue a outra, Eu inclino-me a crer que o soláo é um canto epico ornado, em que as effusões lyricas acompanham a narrativa de tristes successos, mais para gemer e chorar sobre elles do que para os contar ponto por ponto.

Cantiga deve de ser a expressão lyrica e improvisada de um sentimento.

Cantar é talvez o genero de todas éstas especies.

A trova mais artificial, mais elaborada, *achou-a* o poeta com estudo, cingindo-se a regras mais severas de metro ou de stylo: trovar (trou-ver, trovare) é *achar*; e para achar, procura-se, trabalha-se.

Canção tambem é termo generico mas inculca mais artificio do que a cantiga e o cantar: entre nós designa mais strictamente a ode romantica da meia idade, com certas formulas de metro e divisões regulares de strophes.

Loa virá do latim *laus*? Póde ser: é um canto de louvor, mas por certo modo e regra. A loa *deita-se* ainda hoje nos cirus das provincias do Sul, recita-se nos presepes do Natal, nas provincias do Norte do reino. É um cantar de anjos, de genios, de espiritos; mas dramatico, dialogado: é um coro hyeratico que

se intoa, que se *deita* do ceo para a terra, que entes superiores cantam para ouvirem homens e deuses. Os Thespis do nosso theatro começaram talvez por aqui, antes que Gil-Vicente e João da Enciña subissem ao seu tablado de novos Eschylos. Na descripção das festas do casamento do principe D. Afonso, chronica de D. João 11 acho que algum tanto no'lo indicam as expressões de Garcia de Rezende: e mais claramente ainda o romance de Ayres Telles de Menezes—que n'esta collecção achará o seu logar no seculo respectivo. Ahi diz, descrevendo aquellas mesmas festas:

Depois ledos tangedores,
Aa vinda da princeza,
Fizeram fortes rumores,
Espanto da natureza;
Barcas e loas fizeram,
E outras *representações*
Que a todos gran'prazer deram,
Conforme suas tenções.

A *barca*—alguma coisa da barcarola veneziana?—era creio eu, cantiga alternada tambem, e outra vez a vozes e córo, que o mar mandava á terra para tomar parte em seus regosijos. Navegantes, tritões, sercias,—os habitantes reaes e os imaginarios do outro elemento vinham a este cantar e deitar as suas loas, que appropriadamente tomavam n'este caso o nome de *barcas*. Tambem se acham vestigios de *barcas ao divino*, compostas sobre assumptos religiosos. Ao deante juntarei, em seu devido logar, um documento positivo e mui curioso exemplar d'esta gallante variedade, tam natural de nascer em um povo navegante e marinheiro como o nosso foi sempre.

Tenção é o *tençon* das provençaes, distico breve, em methaphora ou dito engenhoso, já acompanhando e explicando o symbolo heraldico de uma *empresa*, no escudo, na bandeira—já expressando, em mais pacífico ensejo, os sentimentos intimos e recatados do poeta que quer que o advinhem sem elle se explicar de todo. A tenção é originalmente cortezan, e só tarde e degenerada se relaxou ao braço popular.

Da chacota, do que ella era pelo menos no seculo xv e xvi nos dá muitos exemplos e claro conhecimento o theatro de Gil-Vicente, precioso thesouro de coisas populares, o mais rico e variado que temos e, em minha opinião, mais ainda que os proprios cançoneiros cujos collectores, homens de côrte, desprezaram tudo o que não era alambicado pelas modas e polida affectação dos trovadores cortezãos, em quanto Gil Vicente, homem do povo no meio do palácio, divertia seus amos com os dizeres, os gracejos, os modos originaes, as superstições antigas, as tradições immemoriaes, os cantares rusticos mas cheios d'alma, tinctos na côr fechada e forte que só o povo lhe sabe dar e que não desbota.

A chacota era uma cantiga de rir e brincar, mas que mordia nos vícios e nos ridiculos dos homens e dos tempos; uma especie de *sirvente* menos aspera e severa, nunca séria e grave como ella, e mais popular: cantava-se a vozes; muita vez era o remate, o còro final dos entremezes e das forças.

A mesma palavra *sirvente* ou *servente*, e a designação de versos *sirventesios*, não foi extranha aos nossos antigos, que houveram a palavra, e talvez confundiram a ideia

dos provençaes. Sabe-se que a *sirvente* do trovador era amarga, satyrica; por vezes foi o grito de guerra, o hymno revolucionario dos Alceus da meia idade contra a tyrannia real e sacerdotal; a *sirvente* nossa creio que era toda ascetica e religiosa, se não é que mystica.

Mas repito com sinceridade, que sim tenho consciencia de navegar para a verdadeira latitude, não tenho certeza da longitude: as observações são imperfeitas e quasi todos estes calculos fundados em hypotheses vagas. Os nossos philologos, que elucidaram tanta coisa insignificante, desprezaram sempre a litteratura popular como indigna de seus clasicos estudos. Faria-e-Souta e alguns poucos mais, que tinham o intuito da importancia, sacrificaram aos prejuizos do tempo, e, ou por credulidade ou por pouco escrupulo, fizeram-lhe fracos serviços, porque os fizeram sem verdadeira fé e lisura.

Eis aqui o fragmento original, apurado das differentes lições oraes, e da escripta de Londres.

ROMANCE

' Quem bate á minha porta,
 Quem bate, oh! quem bate
 — É Bernal-Francez, senhora:
 Vossa porta, amor, abri.'
 — ' Ah! se é Bernal-Francez,
 A porta lhe vou abrir;
 Mas se é outro cavalleiro,
 Bem se póde d'ahi ir.'
 Ao saltar da minha cama
 Eu rompi o meu frandil, (1)
 Ao descer da minha escada
 Me cahiu o meu chapim,
 Ao abrir da minha porta

(1) *Frandil*, ainda hoje usado em Tras-os-montes, significa *frãl*: no sentido methonymico antigo, por camisa, ou gibão branco de mulher.

Me apagaram meu candil... (2)
 Pegára-lhe pela mão
 E o levei ao meu jardim,
 Fiz-lhe uma cama de rosas,
 Traveseiro de jasmims,
 Lavei-o em agua de flores
 E o deitei apar de mim...

— Meia-noite ja é dada
 Sem te voltares para mim;
 Que tens tu, amor querido,
 Que nunca te vi assim?
 Se téme-os os meus criados,
 Não virão agora ahi;
 Se téme-os meus irmãos,
 Elles não moram aqui;
 Se de meu marido temes,
 Longes terras foi d'aqui,
 De má traça o matem mouros, (3)
 E a nova me venha a mim!...

— Não temo de teus irmãos
 Que bem sei que são por mim, (4)
 Não temo os teus criados
 Que mais me querem que a ti.
 A teu marido não temo,
 E d'elle nunca temi...
 Teme tu, falsa traidora
 Pois o tens apar de ti!

— Ai se tu es meu marido
 Quero-te mais do que a mim...
 Oh que sonho, tam mau sonho
 Que eu tive agora aqui!
 Ergamo'-nos ja marido,
 Deixa-me vestir da'hi!

— Calla-te, falsa traidora,
 Que não me inganas assim.
 Deixa tu vir a manhan,
 Que eu é que te heide vestir:
 Dar-te-hei saia de grana (5)
 E gibão de cramezim,
 Gargantilha de cutello,
 Pois o quizeste assim.

(2) *Candil é candeia, vela.*

(3) Má traça! o matem moiros,
 Novas me venham a mim. *Ribatejo.*
 Más cutiladas o matem. *Beira'la.*

(4) Pois cunhados são de mim. *Alemtejo.*

(5) Dar-te-hei saia de guarane. *Esiremadu-*
ra.

— Deixa-me ir porqui abaixo (6)
 Co'a minha capa a cahir,
 Vou-me ver a minha dama
 Se inda se lembra de mim.
 — Tua amada, meu senhor,
 É morta, que eu bem a vi:
 Os signaes que ella levava
 Eu t'os digo agora aqui.
 Levava saia de grana (7)
 E gibão de cramezim,
 Gargantilha de cutello,
 Tudo por amor de ti.
 Os sinos que lhe correram
 Por minhas mãos os corri,
 As andas em que a levaram
 Eu de negro é que as cubri,
 Caixão em que a amortalharam
 Era de oiro e marfim,
 Os frades que a acompanhavam
 Não tinham conta nem fin;
 Sahiram-lhe sette condes,
 Cavalheiros mais de mil;
 As donzellas a chorar,
 Os pagens iam a rir.
 Levaram-n'a a interrar
 Á egreja de San'Gil.'

Palavras não eram dittas,
 Por morto no chão cahi;
 Passaram horas e horas
 Quando me tornei a mim.
 Fui-me áquella sepultura,

(6) Deixa-me ir porqui abaixo
 Co'a minha capa cahida
 Quero ver a minha amada
 Se é morta ou se inda é viva. *Minho,*
Ribatejo e var.

Esta variante, que desobedeceu á lei da
 rhytma do romance, é muito geral.

(7) Boa saia de guarane. *Beirabaixa e var.*
 Se não é corrupção de grana, estófo, roupa
 tinta de gran, vermelha, so se for derivação do
 francez antigo *guars*, (de duas côres) = *ga-*
ranvaz das nossas antigas leis sumptuarias. Em
 quasi todas as cópias vem *guarane* e não
 grana; d'onde me inclino a crer que a verdadei-
 ra lição original é *guarane*. Eu adoptei *grana*
 por ficar mais obvio o sentido, mas parece-me
 que fiz mal.—O que aqui se diz tem applica-
 ção igualmente á variante 5.

(8) Sahiram, isto é, foram em seu sahimento
 ou intêrro.

(9) Uma triste voz ouvi. *Estremadura.*

Queria morrer alli:
 —'Abre-te, ó campá sagrada
 Esconde-me apar de ti!
 Do fundo da cova triste
 Ouvi uma voz sahir: (9)
 —'Vive, vive, cavalheiro;
 Vive tu, que eu ja morri:
 Os olhos que te olhava
 De terra ja os cubri,
 Bôcca com que beijava
 Ja não tem sabor em si,
 O cabelo que intrançavas (10)
 Jaz cahido a par de mim,
 Dos braços que te abraçavam
 As cannas ve'-las aqui!
 Vive, vive cavalleiro,
 Vive tu, que eu ja vivi.
 A mulher com quem casares
 Chamei-lhe Anna como a mim
 Quando chamares por ella
 Hasde-te lembrar de mim.
 Conta-lhe os nossos amores,
 Que apprenda na minha fim. (11)
 Fíllhas que d'ella tiveres
 Ensina-as melhor que a mim,
 Que se não percam por homens,
 Como me eu perdi por ti.'

(1845)

ALMEIDA GARRETT.

(10) As tranças com que folgavas. *Açores.*

(11) O povo, assim como os nossos antigos escriptores, ainda hoje faz fim ora masculino ora feminino, mas não indifferentemente nem á toa. *Fim* como alvo, objecto, etc., é sempre masculino, como termo, acabamento da vida ou de outro estado qualquer, sempre feminino, para elles.



O SOL

O sol é o centro do systema planetario em que a Terra occupa, na ordem das distancias d'este centro, o terceiro logar. Todos os planetas, primarios ou secundarios, d'este systema, não só recebem do Sol toda a

luz e todo o calor que os fecunda, como, segundo a hypothese de Kant e de Laplace, mathematicamente demonstrada depois por Augusto Comte, todos elles devem ter procedido d'uma grande massa ignea primitiva de que hoje, no estado de incandescencia apenas resta o Sol.

Como bom pae, mais ainda, como o Deus oriental que do seu seio tirou todas as existencias a cuja manutenção depois solicitamente provê, assim o Sol, depois de ter destacado da sua propria substancia estes que ficaram constituindo outros tantos seres á parte, os illumina, fecunda e aquece com os seus raios dourados.

O que admira, pois, que os primeiros homens deslumbrados com a sua magestade soberana e agradecidos aos seus beneficios, o tenham adorado como a um deus!...

Para comprehendermos e justificarmos essa aberração da psychologia collectiva, precisamos de nos transportar em espirito áquelles tempos primitivos, em que o homem nada comprehendia do universo.

O ceu parecia-lhe uma abobada crystalina por onde o sol passeava de dia, e d'onde á noite se despe- dia.

E que magnifica e enternecedora scenal

Como se o commovera profundamente o ter de ausentar-se, o Sol attenuava a intensidade dos seus raios. No declinar para o extremo occaso, os seus raios obliquos perdiam a ardencia do meio-dia, e a luz, gradualmente ia-se extinguindo; o ceu passava da côr azul a um rozado franjado a ouro, que a pouco e pouco se ia obscurecendo, até que o sol era engulido pelas aguas do mar...

Como conseguia elle apparecer, depois, no outro dia, do lado opposto, pondo em fuga as trevas da noite logo ás primeiras investidas da luz de alva, para apparecer finalmente acima do horisonte em todo o seu esplendor?...

Evidentemente—para os ignorantes todas as apparencias são evidencias—o Sol era dotado d'uma intelligencia propria, d'uma vontade propria, d'uma potencia propria.

Elle desapparecia no oceano opportunamente para nos deixar repousar das fadigas do dia, e por baixo da terra com vagar e socego, tomava o caminho do Oriente afim de recommear o seu giro diurno.

O bem que o Sol nos produz por fatalidade da sua natureza e do logar que relativamente a nós occupa, foi tido como um bem voluntario derivado da sua sympathia por nós.

E, se as flores, agradecidas pela vida que elle distribuia pelas plantas, abriam para elle os seus calices replectos de perfumes e as aves do ceu, em seus gorgeios, ensaiavam os primeiros hymnos sagrados em honra do pae da vida universal, tambem o homem, cahindo de joelhos, commovido, agradecido, e ao mesmo tempo temendo *peccar* contra um ser que tanto o protegia, lhe rendeu graças, lhe dedicou canticos, lhe estabeleceu culto.

Deus! oh! luminoso oh! brilhante!

E da palavra que lhe accudira aos labios como expressão apenas d'uma qualidade physica do Sol—a luz—tiraram todas as linguas indoeuropeias a palavra com que as theologies metaphysicas haviam de baptisar o seu Deus pessoal, o Ente Supremo, o Supremo Architeto, o

absolucto, o Ser por excellencia.

Então o homem transporta para aquelle eterno viajante do ceu os attributos do proprio espirito, engrandecendo-os, apenas. O sol teria intelligencia, vontade, sensibilidade. Escutaria as preces. Sentir-se-ia lisongeado com louvores. Gosaria com o culto da adoração que lhe fosse tributado. Tomaria em especial protecção, quem com mais zelo lhe rendesse preito. Conhecedor de todas as nossas acções, que do alto observava, elle nos daria o premio ou o castigo, consoante os meritos.

Não castigavam os reis da terra os seus maus subditos?... Não os faziam julgar?...

Tambem o Sol, *lá em baixo* (*in feris*, na parte inferior da Terra de que theologia extrahi o seu *inferno* tenebroso) julgará os que vão morrendo, levando os justos para a sua gloria, deixando os reprobos no *inferno*.

O anthropomorphismo, tomando á letra as allegorias e as metaphoras dos poetas, fez do Sol um deus á semilhança do homem.

O que serão as estrellas, seres minusculos que não se atrevem a apparecer enquanto elle anda *cá por cima*, e que, mal elle desapparece, logo enxameiam pelo ceu?...

O desaparecimento das estrellas, offuscadas pela luz do Sol, não era assim interpretado. Tinha-se á conta d'uma fuga. Havia, pois um tal ou qual antagonismo entre aquelles espiritos nocturnos e o grande e esplendido Sol... E então lê-se nos *Vedas*: «Aquelle de quem as estrellas da noite fogem como ladrões...»

Um dia o homem descobriu o fogo—a maior, a mais valiosa, a fonte de todas as descobertas.

Fogo que illumina, fogo que aquece, e que, como o Sol afugenta as estrellas, faz fugir as feras e os ladrões...

Agni, o fogo, foi tido como *filho do Sol*, mandado do ceu á terra a resgatar-nos. Dois paus *crusados* que se friccionavam davam nascimento ao *filho de Deus*, assim *crucificado* por nossa salvação...

Oh! Sol! Oh? divino illuminador!... «Luz que illumina todos os homens, vindos ao mundo» como de Jesus escreveu o auctor do quarto evangelho...

Creou-se uma personagem mythica sobre a qual se accumularam todas as circunstancias que se davam com os dias, com o Sol, com os signos do zodiaco.

O Natal dos deuses solares, é no solsticio do inverno, porque, sendo então os *dias mais pequenos*, se escreveu como se, de facto, fosse o proprio Sol que então fosse pequenino.

E, quando, mais tarde, um mais perfeito conhecimento do ceu, permittiu que com o sol e os signos do zodiaco se formasse uma serie de allegorias, que cerzidas e combinadas se transformaram n'uma epopoia mythica, *Agni* transformasse em *Agnus*, o Cordeiro, signo do equinoxio primaveril, que o Sol transpõe triumphante trazendo-nos uma palyngenesia.

E Jesus, o Cordeiro, *crucificado por nós* como *Agni*, é representado como seu pae o Sol, com a esplendida aureola dos seus raios de ouro! E mais tarde, quando sobre a lenda poetica do *filho de Deus* tiver sido construido um novo fetichismo tão grosseiro como todos os que o precederam, e a theologia inventar que na hostia está vivo e inteiro

o divino redemptor, a hostia será encerrada n'um disco solar de raios dourados, que scintillarão magestosos entre milhares de lumes nos lausperennes devotos!

A mocidade dos deuses solares passa-se n'uma completa obscuridade até aos trinta annos, porque os tres mezes do inverno são obscurecidos pelas brumas, pelas nuvens, pelas chuvas... O deus é perseguido e victimado pelas *potencias das trevas* que o assassinam no plenilunio de março, porque é então que morre o *Sol do inverno*, para logo *resuscitado* em toda a sua gloria d'uma paschoa de universal rejuvenescimento...

*

* * *

Mas a sciencia é inimiga das lendas e o Sol, o deus de outras eras, é hoje estudado. Conhecem-se as substancias que o compõe, conhece-se a sua forma, as suas dimensões, as suas manchas...

E' verdade: apesar de toda a sua divindade de tantos seculos, o Sol tem manchas, variaveis, mas que, como o presentiu o nosso Soares de Passos, lhe prognosticam talvez a morte para praso mais ou menos longo.

E, já que n'ellas falamos, daremos como correcção a um preconceito vulgar, estas palavras do grande astronomo Camillo Flammarion:

«Embora a correspondencia entre o Sol e o magnetismo terrestre seja certa, não se tem podido determinar todavia nenhuma relação entre as manchas solares e a temperatura e meteorologia d'um ponto qualquer do globo. As predicções meteorologicas fundadas n'este prin-

cipio são, portanto ou ainda mais do que as que foram estabelecidas sobre as phases lunares. Nenhuma observação seria pode ser invocada para justificar esta pretensão.

.....
«Assim, pois, os annuncios de que em tal ou qual mez do anno proximo, o tempo ha de ser bom ou mau, quente ou frio, secco ou chuvoso, como consequencia das manchas solares, não passam de puras supposições destituidas de toda a base scientifica.»

* * *



CANTOS POPULARES PORTUGUEZES

III

O HOMEM E A SOCIEDADE

(*Conclusão*)

As telhas do teu telhado
São amarellas e verdes:
Não me guardaes lealdade
Senão enquanto me vêdes!

M.

Eu bem sei que tens amores
E estavas muito calada,
Se julgas que me enganas
Tu é que estás enganada.

M.

O meu coração
Em tudo é valente,
Mesmo com ciumes
Vive alegremente.

E.

Atraz de uma moita está outra,
Já me tem *assucedido*

Deixar meu amor por outro,
Sem ser esse o meu sentido.

A.

Deixae-me, viver, deixae-me,
Que eu já te não posso amar,
Este mal que me persegue
Só por morte ha de acabar.

E.

Já estou arrependida,
E não me sahe do sentido:
Ninguem sabe o bem que perde
Senão depois de perdido.

M.

No passear d'estes campos,
Se achares o chão molhado,
Lembra-te que vaes pizando
Lagrimas d'um desgraçado.

Alg.

A' tua porta, menina,
'Stá um *piál* de velludo,
Aonde os meus olhos choram
Lagrimas de sangue puro.

E.

Esses teus olhos, menina,
A amal-os me sugitei,
Não t'os posso captivar,
Infeliz sempre serei.

M.

O' amor, quando eu morrer,
Na sepultura vae pôr
Uma letra em cada canto
A, M, O, R, amor.

A.

No prazer sinto tristeza,
Parece-me a noite o dia,
O mesmo dia é pranto
Sem a tua companhia.

M.

Passei cedo á tua porta,
Olhei a ver se te via,
Mas não tive tal ventura,
Começou-me mal o dia.

M.

Se te eu vira descançada,
Então descançara eu,
Mas vejo-te agoniada,
Sinto o meu mal, choro o teu.

E.

Triste sou, triste me vejo
Sem a tua companhia,
Tão triste, que nem me lembra
Se alegre fui algum dia!

M.

Estas lagrimas que choro
Não são choradas em vão,
Quero ver se alogo nellas
Restos da minha paixão.

E.

Suspiros, rompei esta alma,
Batalhae comigo, dores,
Desgraçado de quem toma,
Por pouco tempo, amores!

E.

Chorae olhos, chorae olhos,
Já que p'ra chorar nasceste,
Chorae a pouca ventura,
Já que mais não merecêste.

E.

Pra que me deste uma penna,
Se te não posso escrever?
Quanto mais *penas* me deres,
Tanto mais eu te hei de q'rer.

A.

Sentei-me á beira do mar
Para as aguas ver correr,
Vi correr a dos teus olhos
Para mais penas eu ter.

Alg.

Padecer, por padecer,
Antes eu, que meu amor,
Antes eu padeça penas,
Do que tu uma só dor.

M.

Se te quero bem, ou não,
Já t'o dei a demonstrar,

Não te quero causar penas,
Nem ao mundo que falar.

M.

Se eu te quizera dar penas,
Dar ao mundo que dizer,
la-te ver ao tear
Onde estavas a tecer.

(B. B.)

Adeus, meu amor, adeus,
Adeus, que já não és meu,
A gloria tem quem vos ama,
As penas sinto-as eu.

E.

Tenho dentro em meu peito
Duas penas a bulir,
Uma diz que quer amores,
Outra d'elles quer fugir.

M.

Com *pena* te escrevo esta,
O' meu delicado amor,
Que não te esqueças de mim,
Só te peço por favor.

Alg.

Amei, sem considerar
Que tinha de padecer,
Agora estou penando,
Meu regalo é morrer.

M.

Vae-te embora, amor,
Desculpa mandar-te,
Sabe Deus a pena
Que tenho em deixar-te!

E.

A' vista da Bella-vista
Como poderei eu 'star?
De dia com sentimentos,
E de noite a suspirar.

E.

Suspiros, ais e tristezas
São minha sustentação,
Tudo soffre, tudo sente,
O meu triste coração!

M.

Vim ao mundo sem ventura,
Nunca o mundo me enganou,
Nada da terra é p'ra mim,
Nada o mundo me deixou!

Alg.

Passarinho, que estás cantando
No ramo das tres *feloves*,
Todos cantam, só eu choro,
Assim faz quem tem amores.

Alg.

Levantei-me hoje tão triste!
Já me aborrece o viver!
De não ver um bem que adoro,
Que alegria posso eu ter?

Alg.

O beijo que tu me deste
Naquella noite tão 'scura!
Mais valia eu ter dado
O meu corpo á sepultura!

Alg.

Esta noite, nesta aldeia,
Anda tudo em reboição,
Minha aldeia da minha alma!
Nem me quero lembrar d'isso!

Alg.

Tira-me as setas do peito,
Deixa-me o sangue correr,
Já que tu por mim não morres,
Quero eu por ti morrer.

Alg.

Ando triste, pensativo,
De continuo imaginando,
Com carvão pelas paredes
Meus males ando pintando.

E.

Tenho dentro em meu peito
Um junquillo por abrir;
O que tenho na lembrança
Nunca o pude conseguir.

E.

Eu fui a mais desgraçada
Das filhas de minha mãe,

Todas tem a quem se chegue,
Só eu não tenho ninguém,

E.

Eu tenho dois corações,
Que bem os sinto bater,
Um que nasceu para amar
E outro pára soffrer.

D.

Todos gosam um bocado
De prazer e de ventura,
Só eu nasci agarrado
A' pedra da sepultura!

E.

Trago sempre o coração
De tristeza revestido,
Nem el' pode andar alegre
Sem que vá viver contigo.

A.

Tanto chorei esta noite
Que molhei o taboado:
Coração que tanto chora
Deve estar bem magoado!

M.

Dos teus olhos vi correr
Lágrimas até ao chão,
Quiz aparal-as, não pude,
Dentro do meu coração.

Alg.

Ao céu me hei de queixar,
Das prisões em que me vejo,
De não ter a liberdade
De falar a quem desejo.

M.

Debaixo d'um triste cedro,
Dormindo, estava sonhando,
Acordei, achei-me só,
Triste lágrimas chorando.

E.

Por esta rua corre agua,
Pela outra corre vinho,
Pela outra corre sangue
Do meu amor, coitadinho.

B. B.

Quando eu era pequenina
Chorava por minha mãe,
Agora, que já sou grande,
Choro, não digo por quem.

E.

Deixae-me ir d'aqui embora,
Que aqui não ha que fazer,
'Stão as janellas fechadas,
'Stá dormindo o bem querer.

E.

Já não quero ir á praia,
Nem ao Chafariz d'El-Rei,
Que 'stá lá um homem morto,
É dirão que eu que o matei.

E.

As nodoas da roupa suja
Saem todas com sabão,
Só não ha nada que tire
As nodoas do coração.

A.

Triste vida a da mulher
Que tem captiva a liberdade,
Já não pode ser constante
A qualquer sociedade!

A.

Lá ri lô lê lô lá,
Lá ri lô lê, meu bem,
Desgraçada, mais que todas,
Amante, mais que ninguem.

E.

Ailê,
Meu bem não me assiste:
Quando os olhos choram
É' que a alma é triste.

A.

Eu hei de ir e hei de vir,
Mas fala não te hei de dar,
Eu hei de te fazer moer,
Como as areias no mar.

Alg.

Sou séria, não sou fingida,
Em mim não ha fingimentos,
Minhas palavras são sérias,
A ninguem causam tormentos.

Alg.

Os homens todos são falsos,
Firme serias tu só,
São todos da mesma massa,
Farinha do mesmo pó.

Alg.

E's mais linda do que o sol,
Mais mudavel do que o vento,
E's muito namoradeira,
Namoras só por um momento.

Alg.

Amor que despreza amor
Sem motivos, nem razão,
Para voltar ao antigo
Tem que lhe pedir perdão.

Alg.

Se eu em ser leal te offendo,
Não te quero offender mais,
Se o bem querer é delicto,
Nossos crimes são iguaes.

Alg.

Fui bater ao teu portão,
Pra mim sempre está fechado!
E' como o teu coração,
Aos meus ais sempre cerrado!

Alg.

Quem me dera agora ver
Quem eu vi hontem á noite,
Que eu lhe dera o meu recado,
Não lh'o mandára por outre'.

E.

Quem me dera agora ver
Quem eu vi hontem á tarde,
Que eu lhe dera o men recado,
Mui bem á minha vontade.

E.

No lenço de cercadura
Toda eu me vejo cercada,
Só de ti, meu amorzinho,
Me eu vejo desamparada!

(B. B.)

Já não ha sinceridade,
Tudo é adulação,
Se a verdade aborrece,
Que quer o meu coração?

E.

Não quizeste ser perpetua,
Sendo eu amor perfeito,
Quizeste ser lirio roxo,
Martyrio d'este meu peito!

E.

A minh'alma toda é tua,
Todo é teu meu coração,
Se não ouves meus suspiros,
Mata-me por compaixão.

E.

Minha amada liberdade
A quella menina dei,
Dei-lhe alma, dei-lhe vida,
Nada para mim deixei.

E.

Amei-te, tenho-te amado,
Confesso a minha fraqueza,
Não foi só a culpa minha,
Foi também da natureza.

M.

Eu jurei e tu juraste,
Quebra a jura de repente;
Este amor é o demonio,
Que faz tentar toda a gente!

E.

Se eu quizera, bem podera,
Amar-te pouco me custa,
Não quero que tu me digas
Que o meu amor que te busca.

E.

Fui sentar-me ao pé de ti,
Fugiste da minha beira:
Se o repetes essa graça,
Não faltará quem me queira.

M.

Eu quero bem, na verdade,
A quem me não pode ver,
Passa por mim, não me fala,
Faz-se cego, sem o ser.

E.

Eu jurei eternamente
De nunca mais te adorar,

Os teus olhos me fizeram
O juramento quebrar.

E.

Se o meu amor me não fala,
Amanhã me vou embora,
Para não sentir paixão
Mais me vale andar por fora.

E.

Eu quero tanto ao meu bem,
Amo-o com tanta paixão,
Que até chego a adorar
Sua propria ingratidão.

E.

Eu queria, e não queria,
Amava, e não amava,
Tinha olhos, e não via.
Na cegueira em que eu andava.

B. B.

Eu queria, e não queria,
Amava, e não amei.
Tinha olhos e não via,
Na cegueira em que eu andei.

B. B.

Se eu algum dia não dera
Palavrinhas ao desdem,
O meu amor me não tinha
Tão preso como me tem.

E.

Dize-me cá, ó ingrato,
Quantos agravos tens meus?
Sahiste do pé de mim,
Nem sequer disseste adeus!

M.

Dizeis que me qu'reis muito,
O vosso qu'rer é engano,
Cortaes pela minha vida
Como a tesofra por pano!

E.

O meu bem 'stá mal comigo,
Porque a porta lhe fechei:
O meu bem deve pensar
Que tranca de porta s'rei.

E.

Este amor é um contrato,
E' em quanto tu quizeres:
Se me deixas, faço o mesmo,
Farei o que tu fizeres.

E.

Oh cruel sem piedade!
Oh inimigo sem lei!
Olha o pago que me deste
Do tempo que te eu amei!

E

Foi por ti que me perdi,
Diz agora que mais queres:
Não ha mal nenhum na vida
Que não venha das mulheres.

D.

Esta carta, mal notada,
Fui eu só que a notei.
Com lagrimas a escrevi,
Com suspiros a fechei.

M.

Ailé,
Aldeia do Mato,
Vamos desmanchar
O nosso contracto.

A.

Se tua mãe me não quer,
Uma praga vou rogar:
Que sua filha se perca
Onde eu a vá encontrar.

M.

Desde que o mundo é mundo,
As mulheres falsas são,
A primeira foi mãe Eva,
Que enganou o pae Adão.

Alg.

Já os meus olhos não querem
Senão olhar para o chão,
Se elles assim não fizerem,
Chocalheiras que dirão!

E.

Que importa que o mundo fale?
Que importa que o mundo diga!
Eu hei de rir e falar
Com a minha rapariga.

E

O mundo fala de mim,
O mundo que tem comigo?
Eu não sou mulher casada
Que dê penas ao marido.

M.

Dizes que tenho amores,
Tenho, tenho, na verdade,
Escolhi o meu amor,
Muito á minha vontade.

M.

Anna vem, Anna vem, Anna vem,
Anna vem, bico de chá,
Quem falar p'ró meu amor
Pouca vergonha terá.

B.B.

Vossê anda-se a gabar
Que tem muito ande escolha,
Queira Deus não vá ficar
Como a figueira sem folha.

E.

Tua mãe diz que não quer,
O teu pae diz que não gosta,
Mettam-te n'uma vidraça,
Andem contigo em amostra.

Alg.

O teu pae diz que não quer,
Porque eu não tenho fazenda,
Nem tão rico o teu pae é,
Nem tu és tão boa prenda.

Alg.

Algum dia, em tendo sede,
Ia beber ao teu monte,
Agora estou mal contigo,
Vou beber a outra fonte.

Alg.

Se tu soubesses o gosto
Que eu faço em te avistar,
A' rua onde eu estivesse
Não havias tu passar.

Alg.

Inda que teu pae me dê
A vacca, mais o bezerro,
Eu não quer' casar contigo,
Ruim cara, mau cabello.

Alg.

Inda que teu pae me dê
A vacca mais o burrinho,
Eu não quer' casar contigo,
Ruim cara, mau focinho.

Alg.

As aguas correm do Douro,
O sol vem detrás da serra;
Todos os males do mundo
A mulher os trouxe á terra.

Alg.

Adeus, que de ti me ausento,
Sabe Deus com que vontade!
Meus olhos irão chorando
Lagrimas de saudade.

Alg.

—O' Rosinha, minha rosa,
Com o tempo me has de amar.
—Não sou rosa, nem sou vossa,
Viva quem me ha de lograr.

A.

Eu soffro, se te não vejo,
E se te vejo tambem:
Primeiro soffro da ausencia,
E depois do teu desdem.

A.

A' tua porta, menina,
Me prometteram pancadas,
Venha quem as ha de dar,
Leval-as-ha dobradas.

E.

Olhaste para mim hontem,
Quando estavas á mesa,
Mas teu olhar é tão frio!
Mostras não teres firmeza.

M.

Toda a vida eu gostei
De conversar raparigas,
Porém sempre desprezei
As que eram presumidas.

M.

Adeus, rua d'Alagôa,
Adeus, largo do Collegio,
Já lá tens amores novos,
Mas eu não t'os invejo.

A.

Foste dizer mal de mim
A mais de vinte rapazes:
Em logar de um vem dois,
Olha a falta que me fazes!

M.

Foste dizer mal de mim
A quem logo m'o contou,
Sempre quiz bem na terra
A quem me desenganou.

M.

Bem sei que foste dizer
Mal de mim a meus amores,
Isso é como quem deita
Agua por cima de flores.

B.B.

Eu bem sei a quem disseste
Que me havias de deixar:
Tudo o que não ha se excusa,
Eu sem ti hei de passar.

E.

Eu bem sei a quem tu dizes
Que tens paredes mais altas:
Pois eu digo-te—adeusinho—,
Que não sirvo para as faltas.

M,

Eu bem sei a quem disseste
Que não temes que eu te deixe:
Pois adeus, ó meu menino,
Pela bocca morre o peixe.

M.

Já te podia ter dado
A chave da minha vida,
Agora já t'a não dou,
Já a tenho promettida.

A.

Soube que me eras falsa,
Porém não me affligi,
Deitei-me na minha cama,
Bem descançado dormi.

M.

Hei-de cantar, hei-de rir
Com quem eu quizer, meu bem,
Inda não fiz escriptura
Do meu c'ração a ninguem.

M

Deixei de amar o sol claro
Para amar a noite escura,
Eu amo a quem eu quero,
Porque não fiz escriptura.

Alg

Chamaste-me trigoirinha,
Eu bem sei que sou trigueira,
O que tu talvez não saibas
E' que eu tenho quem me queira.

Alg.

Minha *pampolia* da India
Não te dês á gravidade,
Acho que e tollice minha
Falar a quem se faz grave.

Alg.

Vae-te d'aquí, linda rosa,
Vae-te sentar no jardim,
Que uma flor tão mimosa
Não a quero para mim.

Alg.

Estas mocinhas d'agora
Não querem senão casar,
Teem a panella ao fogo,
Nem volta lhe sabem dar

Alg.

O' prima, chamas-me primo,
O' prima, não te sou nada,
Eu não sei de aonde vem
Esta nossa *primalhada*.

Alg,

Ateima, teimoso,
Tens bem que atearmar,
Eu sou ferro frio
Que é mau de dobrar.

E.

Ailé,
Já me aborreci
De andar tanto tempo
Sempre atrás de ti.

A.

Ailé,
Monte do Rincão,
Pensas que me enganas,
Não me enganas, não.

A.

Ailé,
No monte da Freira,
Matar-me por ti
Acho que é asneira.

A.

Ailé,
Ribeira, ribeira,
Se tu me deixares
Ha muito quem queira.

A.

Ailé,
O' vidinha, ó vida,
Anda o me amor
De tromba cahida.

A.

Ailé,
Maria *Gestrudes*,
Com a tua labia
A mim não me illudes.

A.

Ailé,
Roseira de armar,
Com esse teu genio
Quem te ha de amar?

Não me atrevo a dizer-te
Que d'aquí me vou embora,
Quem ama, como eu amo,
Quando parte, sempre chora.

M.

O' meu amor, se tu fores,
Leva-me na tua alminha,
Eu sou como a primavera,
Onde quer vou mettidinha.

M.

Se te fores, hei de armar
Laços á tua partida,
Quero mais ao meu amor
Que á minha propria vida.

Alg.

Nesta cruel despedida,
Dize, amor, que hei-de fazer:
Levar-te, não é possível,
Deixar-te, não pode ser.

A.

Recbe o triste adeus
De quem está de partida,
Se saudades também matam,
Curta será minha vida.

M.

Despedida, despedida,
Assim faz o passarinho,
Que se despede cantando,
E deixa as *penas* no ninho.

Alg.

O' José, ó Josésinho,
Não se vá por 'hi além,
As flores do monte secam,
Que fará quem lhe quer bem!

M.

Adeus, cidade do Porto,
Adeus, ponte dos guindaes,
Eu cá vou para o Brasil,
Adeus, até nunca mais!

M.

Adeus, ó Terreiro do Paço,
Adeus, do Paço Terreiro,
Adeus, meu amor mangando,
Podendo ser verdadeiro.

Alg.

Estes campos por aqui
Talvez já os não aviste,
Adeus, amor da minh alma,
Que despedida tão tri-te!

Alg.

Não posso, nem a brincar,
Dizer adeus a ninguém,
Quem parte saudades leva,
Quem fica saudades tem!

E.

Coitadinho de quem anda
Por fora do seu paiz,
A qualquer terra que chegue,
E' mestre, fica aprendiz.

A.

Meu coração 'stá fechado,
'Stá fechado, não se abre,
Quem o domina está longe,
'Stá longe quem traz a chave.

E.

Anda cá, meu amor morto,
Dize lá quem te matou:
Se te matou minha ausencia,
Resuscita que aqui estou.

M.

Manoel, calções azues,
Você já por cá não vem,
Venha como vinha d'antes,
Não se lhe dê de ninguém.

E.

Quem me dera cá setembro,
É a saude também,
Para ir, com muito gosto,
Visitar a minha mãe:
Minha mãe do coração,
A quem tenho amizade,
Ha cinco annos 'stou ausente,
Já tenho minha saudade.

B. B.

Puz-me a contar as horas,
E os dias a crescer,
Para chegar ao domingo,
Meu amor, para te ver.

E.

Suspiros me põem á mēsa,
Lagrimas são meu comer,
Saudades me susten'am,
Até que te torne a ver.

M.

Meu amor foi p'r'ó Brasil,
Quiz-me consigo levar,
Mas eu não me animei
P'r'ás aguas do mar passar.

M.

O' ave, que vaes voando,
Leva-me lá esta carta
Vae dizer ao meu amor
Que a sua ausencia me mata,

Alg.

Vae-te, carta, vae-te, carta,
Pelos ares a bulir,
Vae dar as mil saudades,
Já que eu não posso lá ir.

(B. A.)

Lá te mandei uma carta
Toda cheia de *felores*,
Bordada aos passarinhos,
Cantando versos de amores.

Alg.

Lá te mandei uma carta
Por cima d'esse jardim,
Só te peço, meu amor,
Que não te esqueças de mim.

Alg.

Lá te mando um ramalhoto,
Que inda não vae acabado,
Entre folhas e folhinhas
Vae meu amor retratado.

E.

Pomba, que vaes voando,
No bico leva o raminho,
Leva as minhas saudades
Ao meu amor Antoninho.

B. B.

Cartas, cartas são papeis,
Os papeis falsos serão,
Mas as palavras dos olhos
São vozes do coração

E.

Amor, marca no teu lenço
A linda flor do desejo,
Tambem eu marco no meu
As horas que te não vejo.

Alg.

Fui ao jardim passear,
Encontrei *felores* tristes,
Diz amor como passaste
Os dias que me não viste.

Alg.

Suspiro quando não vejo
O rosto do bem que adoro,
Alegro-me na presença,
Na ausencia triste choro

Alg.

Passo semanas sem ver-te,
'Stou mezes sem te falar,
Com estas ausencias todas
Nunca deixo de te amar.

Alg.

Amores ao pé da porta
Ninguem sabe o bem que tem,
Ter os amores distantes
E' como não ter ninguem.

Alg.

Perpetua é flor que nasce
Entre as *brunhas* d'uma ausencia,
Colhe-se com saudades,
E rega se com paciencia,

Alg.

Desejava de saber
Quem mais saudades tem,
Se é quem 'stá para chegar,
Ou quem 'spera por quem vem.

Alg.

Mandei fazer um navio
Com vinte cinco janellas,
Para embarcar saudades,
Já que eu não posso com ellas.

Alg.

As saudades são *felores*
Criadas no meu jardim,
As minhas para contigo
Só á vista terão fim.

B. A

Não chores, amor,
Que eu não vou morrer,
Dá graças a Deus,
Que inda me has de ver.

E.

O' amor, não dês cavaco
Nem em enredos, nem em ditos,
Dá-te pelos meus conselhos,
Esses são os mais bonitos.

Alg.

O amor quer-se rogado,
Eu não o rogo a ninguem,
Eu renego do amor
Que a poder de rogos vem.

Alg.

A paixão me tem pedido
P'ra eu lhe dar aposento,
Não ha de entrar em meu peito
Sem lhe eu dar consentimento.

Alg.

Ha muito quem saiba ler,
Pouco quem saiba notar,
Ha muito quem tenha amores,
Ha pouco quem saiba amar.

Alg.

Coração ambicioso,
Deixa lá, anda comigo,
Por um amor duvidoso
Não deixes um hom abrigo.

D.

Meu amor, não vivas triste,
Nem morras apaixonado,
O que pretendes de mim
Inda está desoccupado.

A.

Meu amor, fala baixinho,
Que as paredes tem ouvidos,
É quando as paredes ouvem,
Que farão meus inimigos!

M.

Não ha sol como o de Maio,
Nem luar como em Janeiro,
Nem cheiro como o do cravo,
Nem amor como o primeiro.

E.

Meu amor, não vivas triste,
Vive alegre, se poderes,
Muito breve gozarás
O bem que agora queres.

M.

Coração, por coração,
Amor não deixes o meu,
O coração que aqui trago
Foi sempre leal ao teu.

M.

Rosa branca, ou encarnada,
Deixa te estar na roseira,
Em quauto não 'stiver's murcha,
Não faltará quem te queira.

M.

Impossivel me parece
Herva fina dar baganha,
E' difficil de encontrar
Amor firme em terra estranha.

Alg.

Amor de moça tontinha
E' amor de mangação:
Se hoje nos diz que sim,
Amanhã diz-nos que não.

D.

Amavas-me, não o dizias,
Junto a mim ficavas mudo,
Tua bocca não falava,
Os olhos diziam tudo.

M.

Não pegue na minha mão,
Diga de longe o que quer,
Que se alguem nos vê, eu perco,
Perco porque sou mulher.

M.

Suspiros, mana, suspiros,
Suspiros, por quem serão?
Vê lá tu por quem suspiras,
Não dês suspiros em vão.

E.

Ai lari, lari, ló lola,
Ai lari, ló ló, meu bem,
'Stava varia quando disse:
Sem amores passo bem.

B. B.

A'lerta, ó raparigas!
Moças não vos fiéis,
Palavras leva-as o vento,
Cartas de amor são papeis.

E.

Fui á feira só por ver,
O vermelho me agradou,
Falinhas quantas quizeres,
Liberdade não t'a dou.

B. B.

Do ceu cabiu um suspiro
E no ar se espalhou;
Quem neste mundo não ama,
No outro não se salvou.

Alg.

O' rosa, deixa-te estar
Fechadinha em botão,
Que aberta, caem-te as folhas,
E fechada é que não.

Alg.

Amores ao pé da porta
Tomara eu sempre ter,
Quando não posso falar-lhes,
Não deixarei de os ver,

M.

Menina o seu coração
E' como uma pedra dura,
Se vossê não quer ser freira,
Aceite quem a procura.

M.

Trazeis raminho ao peito,
E' signal de casamento,
Deixae cahir o raminho,
O casar inda tem tempo.

M.

Menina dos meus encantos,
Meu amor, minha paixão,
Quando iremos á igreja
Dar o nó que muitos dão?

M.

Eu amar-te, hei de amar-te,
Que t'o tenho prometido,
Casar contigo, não caso,
Porque me é prohibido.

M.

Dá-me da tua merenda
Um bocadinho de pão,
Eu vou para o Limoeiro,
Eu te trarei um limão;
Eu te trarei um limão,
Do limoeiro azedo,
Para tirar o fastio
A quem me casou tão cedo.

B. B

O' meu lindo amor,
Despacha, que e tempo,
Eu não estou guardada
P'ra nenhum convento.

E.

Ailé,
A' loja de Simão
Vou buscar a cama
P'r'a nossa união.

A.

Ailé,
Café, aguardente,
Sempre me annojou
Casar com parente.

A.

Tenho uma saia encarnada,
Tambem tenho avental roxo,
Esta noite vou bailar
A casa do José Coxo.

Alg.

Não é cantar que dá fim
Da bella rapaziada,
E' o muito andar de noite
E namorar de empreitada.

Alg.

Fui dispor a erva roxa
Na rocha, que é pedra dura,
Se o cantar te dá molestia,
P'ra que cantas, creatura?!

Alg.

Gosto de te ouvir cantar,
O' prima, que cantas bem,
Quem tivesse a tua fala
Que cantava assim tambem!

Alg.

Cantigas ao desafio
Ninguem m'as venha cantar,
Tenho um grande *reportorio*,
E todas hei de ganhar.

Alg.

Meu pae era cantador,
Minha mãe tambem cantava,
Essa sim que estava hõa,
Se a filha lhe não ganhava!

Alg.

Da Barrada já são todas,
De Santa Justa metade,
Faltava uma para a conta,
Feram busca-a a Mal-frade.

Alg.

Quatro coisas ha no mundo Que eu desejava saber: Cantar bem, e ser bonita, Namorar e saber ler.	Alg.	O vento é que vira a folha A' pimpinela da horta; Vá de roda, vá de roda, Vem amor falar-me á porta,	E.
Nem só de alegre se canta, Nem só de triste se chora, De alegre tenho eu chorado, De triste cantei agora.	Alg.	'Stou aqui mettido ao canto, Com vergonha d'appar'cer, Com o fato da semana, E a barba por fazer.	E.
Toca lá na concertina, Que eu agora quero cantar A moda da tia Annica, Para a gente mais pular.	Alg.	Tenho uma casa entre as nuvens, Trancada com duas trancas, E tenho um burro lá dentro Que <i>zorna</i> como tu cantas.	Alg.
De Mal-frade, Anna Teixeira, De Zambujal, a Joanna, Do monte de Santa Justa, A filha do Pelangana.	Alg.	Lá vac uma, lá vão duas, Lá vão quatro, lá vão cinco, Viva quem anda na roda <i>Rescendendo</i> a vinho tinto.	A.
Tenho sapatos e meias, Graças a Deus, tudo tenho, Por me não andar calçando, Mesmo assim, descalça venho.	Alg.	O' minha caninha verde, Verde cana de encanar, Sou a mesma rapariga, Moro no mesmo logar.	M.
Aqui venho, aqui chego, Não faltei ao promettido, Não quero que tu me chames Rapaz vário do sentido.	M.	Queres cantar e não sabes, Mais valera 'star's callado, Cantigas de baile de roda Não são cantigas do fado.	A.
Cantae, meu amor, cantae, Luda hoje hei de dizer: Quem anda no meu quintal Não ha de gostar de morrer.	B. B.	Bal' de roda, bal' de roda, Na roda andó eu ha <i>munto</i> , Ando na roda da vida, A dar voltas neste mundo.	A.
Bem receio que me tenham Na conta de um pateta, Desde que tive a ideia De passar por um poeta.	M.	Não canto por bem cantar, Nem pelo bem que parece, Canto para alliviar Meu coração que padece.	M.
Sou um grande maçador, Deus me fez, sem se lembrar Que não fizera ouvidos Que me queiram aturar.	M.	A Tyranna tem tres filhas, Todas tres por baptisar, A mais velha d'ellas todas Tyranna se ha de chamar.	B. B.

Dae uma volta, ó Tyranna,
Dae outra ao tocador,
Dae outra, se vós quizeres,
Que aqui está o teu amor.

B. B.

Eu hem vi estar a Tyranna
Na praça a vender sardinha,
Diacho da porcalhona,
Come a carne, e vende a espinha!

B. B.

A Ciranda quer que eu vá
Com ella ao seu jardim,
Quer que eu eu vá fazer o chá
Das *felores* do alecrim.

B. B.

Ailé,
Loja do Simão,
Lá comprei a chita
Pr'ó meu mandrião.

A.

Ailé,
Vae para o borralho,
'Stás aqui de mais
No *mé* deste balho.

A.

Ailé,
Casa ladrilhada,
Cá no Alentejo
E' obra asseada.

A

Ailé,
Cadeia da moda,
Deixa lá o canto,
Anda cá pr'á roda.

A.

Ailé,
Folgança, folgança,
Que esta vida é triste
Para quem não dança.

A.

Ailé,
Tira o *cassiné*.
Que me 'stá par'cendo
Lenço de rapé.

A.

Ailé,
Sapato de laço
Faz o pé bem feito,
Capaz de ir ao Paço.

A.

Ailé,
Bota afiambrada,
Vou sonhar com ella
Toda a madrugada.

A.

Ailé,
Pé acatitado
Só o tem aqui
O meu hem amado.

A.

Ailé,
Lá em Badajoz
E' que eu abraudei
Esta minha voz.

A.

Ailé,
Retruco, retruco,
Que são tuas falas
De grande maluco.

A.

Ailé,
Morro-me de riso,
Desse teu dizer
Tão falto de siso.

A.

Ailé
No monte da Granja,
Inda te hei de pôr
A pão e laranja.

A.

Ailé,
Lá nos Gasparões
E' que vão abaixo
Tantas opiniões.

A.

Ailé,
Villa d'Olivença,
Antes de cantar's
Vem pedir-me a *bença*.

A.

Ailé, Volta atraz, Helena, Que esse teu cantar 'Stá causando pena.	A.	Ailé, Casaco da moda, Inveja de todos Que andam na roda.	A.
Ailé, Fita verde ós mólhos, Levanta o chapéu, Deixa ver os olhos.	A.	Ailé, Fita de velludo, Abre-me o peito C'um punhal agudo.	A.
Ailé, Lá em S. Vicente, No <i>balho</i> de roda Te caiu o pente.	A.	Ailé, Cá no meu par'cer, Baile sem candeia Pouco tem que ver.	A.
Eu não sei se isto é sorte Que Deus me tem destinado, Em ouvindo uma viola Já não posso estar calado.	Alg	Ailé, Tenha mão na manta, Que não é você Que me a mim desbanca.	A.
A candeia não dá luz, 'Stá o baile anuviado, Quanto menos luz no baile, Mais o par anda apertado.	A.	Ailé, Aqui no terreiro Vae cair-lhe a trança, Perde o seu dinheiro.	A.
A candeia não dá luz, 'Stá o baile anuviado, Já são horas de dormir, O' patrão, dê o <i>lôvado</i> .	A.	Ailé, Ramos de alecrim, Vá-se a malta toda, Fica tu, Joaquim.	A.
Ora deixa-te estar, Ora assenta-te aqui, Ora deixa-te estar, Amor, ao pé de mim.	A.	Ailé, Cat'rina, o teu mano Anda aqui na roda Com botas de cano.	A.
O meu lindo amor Ficou d'aquí vir, Deitou-se na cama, Deixou-se dormir.	E.	Ailé, Prazer do bem feito, A tua cantiga Entrou no meu peito.	A.
Ailé, Toma lá, dá cá, E' 'ma moda nova, Que anda agora cá.	A.	Ailé, Viva o encarnado, Que é a côr da tinta Que marca o meu gado.	A.

Ailé,
Viva o fadistão,
E' chegado o diabo
A esta funcção.

A.

Ailé,
Mathias, Mathias,
Já nasceu o sol,
Rei das alegrias.

A.

Ailé,
Viva a alegria,
Meu amor 'stá longe,
Anda na tosquia.

A.

Ailé,
Vieira, Vieira,
Fazes mais figura
Com a pá na eira.

A.

Ailé,
Viva o bem feito,
Esta cantiga
Tem todo o geito.

A.

O' Maria Amelia,
O' do Zé da Chica,
Canta outra moda,
Que essa cá me fica.

M.

Ailé,
Meia noite dada,
Esta minha azença
Vae a ser falada.

A.

E's bonita como a morte,
Alegre como um enterro,
Direita como um anzol,
Delicada como um cerro.

Alg.

Aqui nesta rua mora
Uma grande alcoviteira,
Leva cartas e traz cartas
Como o vapor da carreira.

Alg.

Já morreu a minha sogra,
E o meu sogro tambem,
No tempo da fava verde,
Que me lembra muito bem.

Alg.

Quem perdeu o que eu achei
No caminho da Junqueira:
O nariz da minha sogra
Mettido numa piteira.

Alg.

Eu casei com uma velha
P'ra ella filhos não ter,
Agora o diabo da velha
Teve dez sem eu saber.

Alg.

Eu casei com uma velha
Para me fatar de rir,
Fiz-lhe a cama muito alta
P'ra ella não a subir.

Alg.

O' moças casem comigo,
Que eu tenho muito dinheiro,
Tenho cinco reis furados
Dentro do meu mealheiro.

Alg.

O' moças casem comigo,
Que eu sou rico, afazendado,
Eu tenho umas casas novas
Sem paredes, nem telhados.

Alg.

Semei no meu quintal
A semente da alfarroba,
Nasceu uma burra nova
Com patas de meia arroba.

Alg.

Semei no meu quintal
A semente da erva dôce,
Nasceu uma burra nova
Raspinando e dando coices.
Alg.

O tempo que te eu amei
Mais valia amar um burro,
Num burro andava a cavallo,
Já não vinha a perder tudo.
Alg.

Chamaste-me farroupinha,
Eu não ando com farrapos,
Eu tenho uma saia nova
Toda cheia de buracos.
Alg.

Pensava que não havia
Embarcações nesta terra,
Agora já sei que ha
Uma embarcação de guerra.
Alg.

A lingua da minha sogra
Tem tres palmos e quarenta,
E' feita de sal amargo,
Misturado com pimenta.
Alg.

Quando eu te vi vir
Com as fôrmas á cabeça,
Logo o meu coração disse
Que tu eras alfaiate.
Alg.

Tenho a minha fala prêsa,
Não é de beber vinagre,
Foi da agua que bebi
Esta manhã no barranco.
Alg.

Deitei-me a dormir em Muge,
Acordei, 'stava na E'rra.
Tomei amor's em Coruche,
Fui casar a Salvaterra.
A.

Quem me dera um pau preto
Para colher uma amora,
Para mandar de presente
Ao senhor Juiz de Fora.
A.

Quem se fia nas mulheres,
E d'ellas faz cabedal,
Começa pela cadeia
E acaba no hospital.
A.

Já se lá vac o entrudo,
C'os pésinhos e magrões,
Já lá vem a quaresma
De alabaças e feijões.
A.

A rua dos Cavalleiros
No meio tem uma esteira,
Onde vão as velhas todas
A curtir a bebedeira.
A.

Na rua do Esp'rito Santo
Não se pode namorar,
Porque as velhas 'stão ouvindo
O que está a conversar.
A.

As portas de Olivença
Já não têm guarda-portão,
Hei-de para lá mandar
O meu leal coração.
A.

Já degradaram o grillo
Para o campo da manobra,
Por dar uma navalhada
Na barriga d'uma cobra.
A.

Hei de comprar um fatinho
Que custe pouco dinheiro,
As meias de rosmaninho,
Sapatos de *c'rapetero*.
A.

Tenho gravata de azinho
 Forrada de carapêto;
 Vou para assar toucinho
 E não preciso de espelo.

A.

Do Cêto p'ra baixo
 Tudo é Cayolla,
 Tens pouco juizo,
 Trabalha-te a bola.

A.

Quem tem pedra faz parede,
 Quem tem fiado faz pano,
 Quem tem a mulher azêda
 Tem vinagre todo o anno.

Alg.

Eu cuidava e tu cuidavas,
 Eramos dois a cuidar,
 Eu cuidava no almoço,
 Tu cuidavas no jantar.

Alg.

São tantas as saudades
 Que tenho de ti às vezes!
 Em sendo os dias pequenos,
 Não como senão tres vezes.

Alg.

Ai de mim, da minha vida!
 Já me morreram os gatos!
 Agora vejo-me só,
 Todo cercado de ratos.

Alg.

O' Anna, tres vezes Anna,
 O' Anna dos caracoés,
 Se não casasses comigo
 Não dormias em lençóis.

Alg.

O meu amor é aquelle
 Que me não tira o chapéu,
 Que tem a porta para a rua
 E o telhado para o ceu.

Alg.

Minha avó era da serra,
 Foi á missa a Martim-longo,
 Cahiú da mula carôcha,
 Partiu a trave do lombo.

Alg.

Minha avó era da serra,
 Foi á missa ao Zambujal,
 Cahiú da mula carôcha,
 Partiu a mola real.

Alg.

Ailé,
 O' lima, limão,
 Quando digo sim,
 Dizes tu que não.

A.

Ailé,
 Outono, outono,
 Fôste escolher moça,
 E já tinha dono.

A.

FIM.

A. THOMAZ PIRES



PROVERBIOS RUSSOS

A lingua não tem osso, dá-se-
 lhe o movimento que se quer.

—Piedade para os crimes é cru-
 eldade para a virtude.

—Tonel sem fundo não leva be-
 bida.

W.

FIM DO VOL. XX

BIBLIOGRAPHIA

« REVISTA DO MINHO »



O estudo das tradições populares, tão interessante, tão variado e tão útil,—em que pese aos espíritos que se dizem práticos— não logra no nosso país a atenção cuidadosa e devotada de mais de uma dúzia de dedicados investigadores que, no meio da indiferença e da ironia destruidora da grande massa, vão recolhendo amoravelmente as superstições, os costumes, os cultos, as trovas, os risos e as lágrimas, o sonho, o amor e a vida do povo em todas as suas variadas manifestações.

Tudo o observador pesquisa pacientemente, toda a etnografia de uma raça de tal modo aferrada ás suas tradições que, um, dois mil anos volvidos, no fundo de

uma aldeia ignorada e humilde, ao canto da lareira de uma casinha palhaça, oferece ainda ao espírito eleito do investigador a imagem mumificada de um rito pagão que atravessou incólume a fiada dos séculos sob o camarte-lo demolidor das civilizações.

Nas superstições, nos costumes, nos cantos, nos jogos, em todas as tradições conservadas religiosamente, de geração em geração, na alma de um povo, encontra o investigador elementos valiosos que auxiliam e *documentam* o estudo das idades, a evolução das religiões, a deslocação das raças e a influência e predomínio das invasões.

O povo conserva nos seus costumes extranhos que a civilização não derrue, remotas evocações de um passado diluído no pó dos séculos, trazendo até nós, á luz clara de uma civilização

adeantada o espectro das épocas primitivas.

Ha nesses usos e costumes de uma tão terna identificação com a Natureza documentos históricos tão antigos, no dizer de Gaidoz, como os velhos textos gregos ou como as lendas da Índia. Um simples cantar, uma singela costurneira evoca ás vezes cultos remotissimos.

Portugal é um dos países em que a análise das tradições populares oferece mais variado, mais interessante e mais compensador aspecto, mas tambem é o que menos atenção liga a estes estudos, tão úteis, no seu opulento *folclore*.

As raras revistas da especialidade, fundadas por alguns pacientes e desinteressados estudiosos, atrofiam-se no meio da indiferença e da ironia nacionais.

Pode-se dizer que só á custa de muito amor e de muita abnegação essas revistas subsistem, logrando apenas a atenção dos poucos demopsichólogos.

Aqui tenho eu á vista os ultimos fascículos do vol. XIX (!) da *Revista do Minho*, um interessante e farto repositório de tradições populares portuguezas. Dirige-a um dos raros e desinteressados investigadores dos costumes do povo, o snr. José da Silva Vieira, de Esposendê.

E' um exemplo de tenacida-

de e de perseverança o snr. Silva Vieira. O seu amor e a sua dedicação pelo *folclore* levam-no até o sacrificio, sustentando uma publicação que só lhe dá prejuizo,—mal ajudado e pior comprehendido. Tem editado numerosas publicações folclóricas, em livros e folhiêtos que raros leem porque raros sabem medir o seu valôr.

Na *Revista do Minho* tem deixado o seu nome homens de incontestável superioridade intellectual como o dr. Leite de Vasconcellos, Tomás Pires, etc., mas nem assim a útil publicação interessa o espirito nacional.

Nos fasciculos que aqui tenho agora, conclui o snr. Tomás Pires uma interessante miscelânea de modas, cantares, costumes e superstições de varias regiões, apresentando assim mais uma contribuição, a juntar ás muitas que nos tem oferecido, para um estudo demorado das tradições populares portuguezas.

E' muito interessante tambem o «*Onomatico* popular elvensê» que não vem assinado mas que representa mais uma contribuição do snr. Tomás Pires. O *Folk-lore minhoto* apresenta variantes e proverbios muito curiosos para o estudo das frases feitas.

A pag. 100, fecha em 1:006 o número de quadras populares

minhotas recolhidas paciente-mente pelo sr. Silva Vieira que é um colector muito apreciável e inteligente.

Vai pois entrar no seu XX ano a *Revista do Minho*. Não lhe festejaram as gazetas os seus 19 anos, que passaram proposi-
tadamente ignorados como todas as coisas úteis da nossa terra, mas festejo-os eu, saudando Silva Vieira, espirito perseverante, trabalhador honesto e inteligente.

Oscar de Pratt.

(Do n.º 3.050, anno XX, da *Vida Nova*, de Viana do Castello, de 27 de Fevereiro de 1912).



“REVISTA DO MINHO.”

Recebemos os n.ºs 1 a 6, 20.º anno, de 1 do corrente, da esplendida publicação quinzenal de Espozende, «*Revista do Minho*», dedicada ao estudo das tradições populares e collaborada por todos os folk-loristas portuguezes e estrangeiros, sob a habil direcção do nosso prezado collega sr. José da Silva Vieira.

(Do n.º 624, anno XIII, do *Noticias de Alcaçoga*, de 7 de Abril de 1912.



Colecção de Silva Vieira. «Ensaíos Ethnographicos» por José Leite de Vasconcellos, 2.ª edição.

Por muitas vezes e desde distantes anos, que me tem sido dado ensejo para me referir ás numerosas e sucessivas publicações que o sr. José da Silva Vieira, em série já bem extensa e de todo o ponto valiosa, tem feito sobre as tradições populares do nelas tam rico, opulento, passado da nossa terra, e fazendo-o sempre com os mais intensos e merecidos elojios, a mais não heido do que a rejistar verdade in-contrastavel.

E' que tendo, nos ultimos 30 anos, recebido grande impulso no nosso país os estudos folcloricos, até então raramente cultivados, dêles tem sido o mais infatigavel e solícito propagador o sr. Silva Vieira, sem que em seu tam sujestionante intento e na inteira realização dêle por um instante se haja sentido esmorecido, em meio tam ingrato como o nosso para tudo o que é litteratura, e especialmente sob esse seu aspecto, em seu cometimento.

São raros, e ainda bem que os há, os que pondo ocima de tudo a realização da obra que têm por meritoria, entre nós a iniciam, proseguem e conseguem levar a bons termos. A esse nu-

mero pertence o sr. Silva Vieira.

E não tem deixado de ser coroados, no pouco em que o podem ser em Portugal, pela pequenissima e mal orientada diffusão nêle da instrucção, de bom eisito seus esforços e trabalhos para propagação do folclorismo, que das muitas edições que tem realizado quer de estudos sobre êste quer de compilação de tradições populares de todo o país sob suas multiplas faces, algumas já inteiramente esgotadas e tornando urgentes novas edições.

Sucedeu isto, entre outras, com os *Ensaïos Ethnographicos*, o 1.º tomo desta denominação, constituindo o II da Collecção Silva Vieira, do sr. José Leite de Vasconcellos, o por certo mais devotado cultor, em terras portuguezas, do folclorismo, estando desde muito sua 1.ª edição completamente esgotada e sendo reclamada uma 2.ª, tanto mais necessaria quanto é certo que desde a publicação da 1.ª seu conspicuo autor fizera succeder a esse seu 1.º tomo de *Ensaïos Ethnographicos*, 2.º e 3.º, pautados em identicas condições á dêle, e nos mesmos versando assuntos e termos igualmente curiosos e interessantes.

Ocorrendo a taes eisijencias do mercado literario, o sr. Silva Vieira publicou ultimamente,

e a êste lançou essa tam desejada edição, em formato identico da primeira, mas em tudo acendrada e melhorada, prestando em tal maneira incontestado e valioso serviço ás letras patrias, e especialmente aos folcloristas, cujo numero vae felizmente augmentando entre nós.

A consagração da obra está feita, e necessario por modo algum se torna o encarecer aqui sua valia, não só derivada do nome de seu autor, que continúa carreando e fazendo carrear, para o edificio já tão nobre e sujestivamente sagrado ás tradições populares do nosso país, novos e preciosos materiaes, quer com as revistas que tam proficientemente dirige, a esse fim atinentes, o *Archeologo Português* e a *Revista Lusitana*, que com uma consecutiva série de peregrinos volumes que lhes tem consagrado, mas ainda bem certificada e salientada pelos assumptos e estudos chamados ao tomo.

Aqui registado deixo, pois, o louvor bem ganho pelo sr. Silva Vieira, e que bem devido e merecido lhe é pelo empenho que continúa a pôr, não diminuindo dos entusiasmos com que há já tantos anos iniciado, de diffundir o mais e quanto possível no nosso meio o estudo e o amor pelo folclorismo, consagrando o seu nome como um de

seus mais benemerentes propugnadores.

O custo do tomo a que consagrado o presente artigo é de 17.000 réis, e vende-se tanto em Espozende na Livraria Silva Vieira, com em Lisboa na Livraria Central do sr. Gomes de Carvalho, na rua da Prata.

Rodrigo Velloso

(Do n.º 46, 3.º anno, 3.ª serie da *Aurora do Urvado*, de Lisboa, de 8 de Janeiro de 1912.)



Collecção Silva Vieira—Onomastico popular de Espozende.

Já data de 1897 o pequeno opusculo, apenas de 15 paginas, tendo por denominação a dada a esta noticia, e por sob epigrafe a de «Alcunhas vulgares e tradicionais de varias pessoas desta vila e concelho (Espozende)»,—mas só agora me chegou ás mãos. E' devida esta «collecção» á incansavel e infatigavel curiosidade do sr. Silva Vieira, sobre tudo o que concerne mais ou menos de perto ao folclorismo, e sendo, creio, a primeira publicação no genero feita no nosso país, não deixa como tal de ser interessante, mas muito mais o seria, se cada uma das alcunhas aí registadas possesse—o que as conveniencias talvez não permitiriam com relação a todas—ser acompanhada e o fosse de breve explicação sobre a propriedade, com que attribuida e dada a cada um dos individuos ou familias a cujo sobrenome aposta quasi

sempre por um vago, indeterminado e anonimo proposito.

E' antiquissimo e perde-se na noite dos tempos o uso das alcunhas, e de todo o ponto natural e até certo ponto desculpavel, quando comsigo não envolvem elas injuria ou difamação, pois que nascidas e derivadas quasi sempre de feições ou modos caracteristicos do individuo a quem applicadas, e servindo melhor no trato ordinario da vida, para designação de certa e determinada pessoa.

E tal uso é universal e constante por todo o mundo, sendo no geral bem applicadas as alcunhas postas, e subsistindo muitas delas na historia e muitas sendo adoptadas pelos proprios a quem postas, e por vezes até pela familia dêles.

Inumeros são os testemunhos que os fastos do passado oferecem desta afirmativa, e largamente o documentam os de todos os povos.

Na Grecia, por eisemplo, nem o proprio Socrates escapou ao vezo, pois tendo o nariz achatado era apelidado o «chato».

Em Roma uma verruga no rosto de Marco Tulio, semelhando uma ervilha deu-lhe a alcunha de Cicer (de *cicer*—ervilha) por que mais jeralmente era e ficou sendo conhecido, e a deformidade do nariz conferiu a Ovidio a designação de Nasão [*Nazon* de *naso*, nariz]. Tito Livio era designado por o Paturino por ser de Padua, e Virgilio o Mantuano, por ser de Mantua.

A familia Claudio, uma das mais celebres de Roma, assim se ficou denominando do seu como que fundador, que era coixo—*claudus*.

Na historia portugueza varios reis ficaram assinalados por exterioridades fisicas, e taes D. Afonso o Gor-

do, D. Fernando o Formoso.

Na da Inglaterra o rei Ricardo ficou sendo celebrado pela denominação de «Coração de Leão», pela sua extremada bravura, e na de França o nobre e destemido Bayard como o «cavaleiro sem medo nem mancha» (*sans peur et sans reproche*).

Nenhumas alcunhas, porém, tam bem postas, jeralmente, e melhor apropriadas do que as nascidas e saídas da voz do povo, ou ainda da mocidade das escolas.

E bem facil de verificar esta asserção por quem atente nas alcunhas postas a visinhos seus, e a contemporaneos seus nos estudos.

Lembram-me a proposito disto, com relação á propria Esposende visto que o pequeno opusculo a que consagrada esta noticia referente ao onomastico popular da vila e conceelho desta denominação, ter conhecido aí um funcionario publico, que jeralmente era denominado como o «José da Maria Quiteria», porque sendo estes dous ultimos nomes os de sua mulher, esta era a que cantava na casa ⁽¹⁾.

Em Barcelos onde vivi por dilatados anos, havia dous Josés, que não eram por fôrma alguma conhecidos por seus apelidos, mas cujas denominações de «José da Tia» e «José da Mãe», derivadas elas da sujeição e dependencia em tudo e por tudo, com que êles se testemunhavam sempre de uma tia o primeiro, e de sua mãe o segundo.

Havia tambem um sujeito alcunhado «das cautelas» em razão de

(1) Alusão ao ditado «Casa de Gongoal, em que canta a galinha e cala o galo».

se afirmar haver por muitas vezes vendido ao segundo duque de Saldanha, que durante anos residiu em Barcelos, e era devoto da loteria, cautelas de extracções já corridas...

E assim quantas!...

Nos meus tempos de Coimbra vulgarissimas, como ainda oje o devem ser, mas por certo muito mais do que oje, em que a Academia Conimbricense se vae cada vez desagregando mais e mais, e tornando incaracteristica, eram sem conta as alcunhas postas, e algumas tornavam-se lendarias, e parecendo á primeira vista perfeitos desconchavos, quadravam como luva bem calçada nos individuos a quem postas.

Recordo-me agora, entre outras muitas, de uma posta a um fidalgo da Beira «P...» ⁽²⁾ engarrafado», outra a um filhote de Lisboa «Foguete ver-da-m...» ⁽³⁾ Junior», outra a do «Mata Carochas» ⁽⁴⁾, posta ac celebrado Antonio Coelho Antão de Vasconcelos, estudante brasileiro, oriundo de familia dos Arcos de Val-de-Vez, verdadeiro e inexcitavel tipo de boêmio, que não há muito fez imprimir aqui em Lisboa as suas «Memorias».

(2) Nome mal cheiroso.

(3) Idem.

(4) Tinha êle orrôr invencivel ás centopeias, a que chamava «carochas», e ao só aspecto de uma crispavam-se-lhe todos os nervos. Seus companheiros de casa por vezes tiravam partido dessa sua ojeriza pelos miseros miriapodes, colocando espinhas de sardinha entre os lençoes de sua cama. Que sustos que lhe causaram e que barrigadas de riso apanhavam, com tam innocente feito....

Se para louvar, pois, repito, a publicação feita pelo sr. Silva Vieira do *Onomástico Popular de Espozende*, como documento folclórico, mais o seria êle acompanhado dos, quanto possível, esclarecimentos que justificassem a propriedade das alcunhas aí relacionadas.

Fevereiro de 1912.

Rodrigo Velloso.

(Do n.º 47. 3.^a série, anno XXXV, da *Aurora do Azado*, de Lisboa, de 8 de Fevereiro de 1912).

ERRATA

No primeiro artigo desta secção, col. 3.^a linhas 30, onde se lê a palavra *Onomástico*, deve lêr-se *Onomástico*, que por lapso da revisão nos passou.

FOLCLÔRE DA FIGUEIRA DA FOZ, COORDENADO POR M. CARDOSO MARTHA E AUGUSTO PINTO

Desde muitissimos anos que o sr. José da Silva Vieira creou uma typographia em Espozende, alargando e acendrando sua acção de dia para dia de modo a tel-a ôje constituida, e propria, em e nas mais excellentes condições. Seus intuitos principaes ao meter mãos e ombros a tal empreza a compilação e divulgação das muitas riquezas folclóricas do nosso país, estudos para que desde bem moço começou de sentir a mais decidida inclinação, e bem poderá até dizer-se invencivel paixão, e dando satisfação a estas, por si e com a co-

laboração dos mais consagrados folcloristas de Portugal, tem conseguido realizar copiosa e riquissima messe trazida a lume em periodicos politicos de que tem sido e é director, taes como o *Espozendense*, ainda vindo a lume actualmente, e o *Povo Espozendense*, e principalmente na *Revista do Minho*, especialmente e só consagrada a tal fim, e de que está em publicação o 19.^a anno.

Não contente, porém, com o tanto, o muitissimo, assim feito para memoria e conservação de nossas «tradições populares», grande numero de volumes tem já editado em que entesourados por diligencia de estudiosos e competentes investigadores muitas das aludidas riquezas folclóricas.

Longo seria dar aqui, e para isso não disponho de lugar, noticia de todas essas publicações que não são as unicas em livro realizadas pelo sr. Silva Vieira, e nem o meu proposito é fazê-lo agora, mas tam só o rejistar a vinda a lume do ultimo desses volumes desde dias lançado ao mercado literario.

E' êle, o 1.^o tomo do *Folclôre da Figueira da Foz*, um dos concelhos do nosso país mais opulento em antiguidades e tradições de toda a especie, coordenado pelos snrs. M. Cardoso Martha e Augusto Pinto.

Mede o tomo 309 pajinas, e como eisecução tipografica mui perfeito e de todo o ponto apreciavel se testemunha; competindo bem com esta, sua essencia, constituida por extenso numero de canções—romances e tradições folcloricas infantis, muitas delas tendo ainda ôje vida propria.

Por sem duvida que ficará esta publicação assinalada entre as suas conjeneres como uma das mais copiosas, variadas e engalanadoras do estro, imaginação e fantasia populares, tam ricas sempre e inexgotaveis e inigualaveis em muitos dos seus conceitos, e mais ou menos por toda a parte, e no nosso Portugal por um modo verdadeiramente admiravel.

Valiosissimo serviço o assim prestado com a trazida a lume do precioso volume á nossa litteratura, nêsse seu tam sujestionarte ramo, pelos srs. Cardoso Martha e Augusto Pinto como seus coordenadores e pelo sr. Silva Vicira como seu editor.

Do sr. Augusto Pinto nada tenho eu lido, sabendo agora que de sua penna há um volume *Cantigas de Portuzal*, mas do sr. Cardoso Martha, comquanto alheia me seja em sua maior parte sua já numerosa obra litteraria, algumas poesias suas tenho lido em jornaes, e ainda não há

muito nas *Novidades*, que lugar bem ganho e merecido lhe dão na ala dos nossos fastos contemporaneos.

Muito conceituoso o prefacio de sua penna com que abre o livro de que acabo de falar.

O seu custo é de 500 reis, e pôde obter-se na Livraria Central da rua da Prata.

Rodrigo Velloso

(Do n.º 29, 35 anno, 3.ª série, da *Aurora do Cavado*, de Lisboa, de 30 de Junho de 1911)



«REVISTA do MINHO»

Sobre o estudo das tradições populares, dirigida pelo snr. José da Silva Vieira.

N.ºs 12 a 14, XIX anno, de 15 de fevereiro.

Redação—Espozende.

(Do *Noticias de Alcobaca*, de Alcobaca, de 18 de Fevereiro de 1912.



Identicas noticias, differindo nos n.ºs da «Revista» vem em diferentes n.ºs do «N. de Alcobaca» que não copiamos.



ÍNDICE DO VOL. XX

	pag.	
MELUSINA NA FONTE, por Alfredo Maury:	9.	O POVO PORTUGUEZ, (transcrição do <i>Districto de Portalegre</i>). 122
UM FERREIRO NA EDADÉ MEDIA:	22.	DISCUSSÃO DAS FORMAS DA POESIA POPULAR PORTUGUEZA, (Excerptos), por Theophilo Braga, 124.
PROVERBIOS E CONSELHOS,	32.	CANTOS POPULARES PORTUGUEZES, (III <i>O homem e a sociedade</i>), contin. por A. Thomaz Pires. 133.
FOLHINHA POPULAR DE VIANNA-DO-CASTELLO, por Claudio Basto:	33.	AMORES, AMORES... (composição amorosa dividida em 3 scenas) por Um Cantador, 152.
CANTOS POPULARES PORTUGUEZES, (I <i>Sobre-natural</i>),	49.	LITTERATURA POPULAR DO BRAZIL, <i>Rimas e facecias infantis</i> , por João Ribeiro, 161.
RIMAS POPULARES,	53.	DANÇAS POPULARES, por Eduardo de Noronha, 164
SUPERSTIÇÕES:	53.	A MUSICA POPULAR EM PORTUGAL, por G. M. 169.
TRADIÇÕES POPULARES, (I, <i>A origem da chuva</i> ,—II, <i>Aprender até morrer</i> ,—III, <i>Nos casamentos populares da Beira Baixa</i> .)	53: 54.	A ESTRELLA DO PASTOR (<i>extrahida de Flamarion</i>) por L. 177.
ONOMASTICO POPULAR ELVENSE, (<i>alcunhas</i> —II), por A. Thomaz Pires:	54.	BERNAL-FRANCEZ, por Almeida Garrett, 181.
PROVERBIOS JAPONEZES,	56.	O SOL, por * . * . 191.
UM AUTO EM BACELLOS:	59.	CANTOS POPULARES PORTUGUEZES. (III— <i>O homem e a sociedade</i> , contin., por A. Thomaz Pires 197.
SUPERSTIÇÕES (excertos), por Theophilo Braga e J. Leite de Vasconcellos:	65.	PROVERBIOS RUSSOS, por W., 232.
CONTAS DE GRANDE CAPITÃO:	69	
LENDAS JAPONEZAS:	70	Bibliographia
DAR A CASCA:	72	I—REVISTA DO MINHO, por Oscar de Pratt.
A DOBADOIRA (cantiga popular do Minho)	73	II—Idem, do <i>Noticias de Alcobaca</i> .
O' ROSA TIRANNA:	78	III—ENBAIOS ETHNOGRAPHICOS, por Rodrigo Velloso.
O ROMANCE DE SANTA IRIA, por A. da S.,	79	IV—ONOMASTICO POPULAR DE ESPOZENDE, por Rodrigo Velloso.
S. PAIO DA TORREIRA, por Silvio:	83	V—FOLCLÓRE DA FIGUEIRA DA FOZ, por Rodrigo Velloso.
QUADRA SOLTA:	86:	VI—REVISTA DO MINHO, do <i>Noticias de Alcobaca</i> .
ORAÇÃO DE SANTO ANTONIO, por Sulphato de Baryta:	87	
A FESTA DAS CRUZES EM BARCELLOS,	101	
MODO DOS PRETOS SE PERSIGNAREM,	104	
A FÉ É QUE NOS SALVA E NÃO O PAU DA BARCA,	104.	
FOLHINHA POPULAR (Districto de Vianna do Castello (II contin.)), por Claudio Basto,	105	

